

BROTHERS FROM THE WEST

SOLIDARITY IN THE NETHERLANDS WITH MOZAMBIQUE 1962 - 2005

IRMÃOS DO OCIDENTE

SOLIDARIEDADE NA HOLANDA COM MOÇAMBIQUE 1962 - 2005



Nederlands instituut voor Zuidelijk Afrika

Netherlands Institute for Southern Africa (NiZA)
P.O. Box 10707
1001 ES Amsterdam
Netherlands
tel. +31-20-520 6210
fax +31-20-520 6249
e-mail: niza@niza.nl
www.niza.nl



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
ARQUIVO HISTÓRICO MOÇAMBIQUE

Arquivo Histórico de Moçambique
Universidade Eduardo Mondlane
Avenida Filipe Samuel Magaia no. 715, R/C
C.P. 2033
Maputo
Moçambique
tel: (258-1) 431 296 / 421 177/8
fax: (258-1) 423 428
e-mail: jneves@zebra.uem.mz
www.ahm.uem.mz

Amsterdam, June 2005

Brothers from the West is a publication of the Historical Archive of Mozambique, produced by the Netherlands institute for Southern Africa (NiZA) and financed by Hivos.
Most of the text was written by Sietse Bosgra; Carla Schuddenboom contributed a number of interviews.

Translations: Teresa Barros, Elma Doeleman, Koos Meyers, Eurico Romão and Ernst Schade
Advice: Trineke Weijdema
Photo's/illustrations: NiZA-BIDOC (unless otherwise indicated)
Production: Kier Schuringa
Design/layout: Maud Kortbeek
Printing: Drukkerij Raddraaier

The cover photo shows Dutch cooperantes at the May Day parade in Maputo, 1983. *Photographer:* Anders Nilsson/AIM.

We have tried to identify all photographers of the pictures included in this publication, but that proved to be impossible for some of the photographs, for which we extend our apologies.

Amsterdão, Junho de 2005

Irmãos do Ocidente é uma publicação do Arquivo Histórico de Moçambique, produzida pelo Instituto holandês para África Austral (NiZA) e financiada pelo Hivos.
O texto foi escrito por Sietse Bosgra, algumas entrevistas foram feitas por Carla Schuddenboom.

Traduções: Teresa Barros, Elma Doeleman, Koos Meyers, Eurico Romão e Ernst Schade
Conselhos: Trineke Weijdema
Fotografias/Ilustrações: NiZA-BIDOC (senão indicado diferentemente)
Produção: Kier Schuringa
Desenho/layout: Maud Kortbeek
Impressão: Drukkerij Raddraaier

A fotografia da capa mostra cooperantes holandeses na parada do 1º de Maio de 1983 em Maputo. *Fotografia:* AIM, Anders Nilsson.

Tentamos identificar o mais possível os autores das fotografias, mas não conseguimos encontrar todos.

Contents *Conteúdo*

Preface <i>Prefácio</i>	5
Brother from the West <i>Imão do Ocidente</i>	6
Introduction <i>Introdução</i>	7
The founding of the Angola Comité <i>A fundação do Angola Comité</i>	10
The large influence of FRELIMO <i>A grande influência da FRELIMO</i>	14
The Tete family, the first Dutch Mozambicans <i>A família Tete, os primeiros moçambicanos na Holanda</i>	17
Dutch government policy <i>A política do governo holandês</i>	20
Portuguese conscientious objectors and deserters <i>Opositores e desertores portugueses escrupulosos</i>	24
The Mondlane Foundation and Dutch government support <i>A Fundação Eduardo Mondlane e o apoio do governo holandês</i>	28
Jan and Frouke Draisma <i>Jan e Frouke Draisma</i>	32
Paul Staal, the roving ambassador <i>Paul Staal, o embaixador itinerante</i>	34
Perintrep: Periodic Intelligence Reports <i>Perintrep: relatórios periódicos da inteligência</i>	37
International solidarity <i>A solidariedade internacional</i>	40
The Den Uyl administration (1973-77) <i>A administração de Den Uyl (1973-77)</i>	42
The role of the Dutch Catholic Missionaries <i>Os missionários católicos holandeses</i>	47
The solidarity movement after independence <i>O movimento de solidariedade após a independência</i>	52
Corrie Roeper, a cooperante <i>Corrie Roeper, a cooperante</i>	55
Lucia (Loes) van den Bergh <i>Lúcia (Loes) van den Bergh</i>	58
Dutch development cooperation with Mozambique (1975-2004) <i>Cooperação holandesa para o desenvolvimento com Moçambique (1975-2004)</i>	60
The Eduardo Mondlane University <i>A Universidade Eduardo Mondlane</i>	65
Support from Dutch NGO's <i>Apoio das ONGs holandesas</i>	67
Twin Cities: Amsterdam and Beira <i>Cidades geminadas: Amsterdão e Beira</i>	69
Still a lot to do <i>Ainda há muito para fazer</i>	71



This house on one of the oldest canals in the centre of Amsterdam for many years held the offices of the two main Dutch solidarity groups with Mozambique: the Angola Comité and the Eduardo Mondlane Foundation.

Esta casa localizada num dos canais mais antigos no centro de Amsterdam albergou durante muitos anos os escritórios dos dois grupos mais importantes de solidariedade com Moçambique: o Angola Comité e a Fundação Eduardo Mondlane.

Preface

This book has the merit of presenting, for the first time, the development of relationships between Mozambique and the Netherlands, from a long way that led the Mozambique Liberation Front to the independence of the country in 1975.

As a matter of fact, very few aspects of the liberation struggle are known so far, to the benefit of others who want to stress the efforts of the Mozambicans in this emancipation struggle. However, tremendous effort was developed during this period to conquer friends and allies for the Mozambican cause, not only to obtain any sort of support but also to give the struggle of the Mozambicans a wider scope, particularly at the level of the western world and international institutions.

The Angola Comité, founded in 1961, played a pioneer role in this effort, widening the critique against Portuguese colonialism in Africa through a diversified set of actions. It also helped disseminating, both in the Netherlands and in other countries, the struggle carried out by nationalist movements from Mozambique, Angola, and Guiné-Bissau.

This in-depth knowledge of the reality of our country allowed the solidarity support from the Netherlands to last and to be maintained even during the period that followed the Mozambican independence. The Eduardo Mondlane Foundation later on sent hundreds of technicians to our country up to 1980's, all of them very much committed and solidary with our development option.

This is the path we are about to know, at a time when Mozambique celebrates its 30th anniversary of liberation. This is a story that is deliberately committed, written with the enthusiasm of those who lived and participated in the days of dreams and hopes. Documents dating to this period and interviews with still living leading figures provide greater interest to this publication.

The Mozambique Historical Archive has the pleasure to present this account to the public, hoping that it will help shedding more light on some aspects of the recent Mozambican reality, towards a further link between our two countries, and serving to strengthen the friendship that comes all the way back from the difficult days of the liberation struggle.

*Dr. Joel das Neves Tembe, director
Arquivo Histórico de Moçambique*

Prefácio

Este livro tem o mérito de apresentar, em primeira mão, o desenvolvimento das relações entre Moçambique e a Holanda, a partir do percurso que conduziu a Frente de Libertação de Moçambique até à independência do país, em 1975.

Na verdade, são ainda muito pouco conhecidos alguns dos aspectos da luta libertadora, em proveito de outros, que visam realçar o esforço dos moçambicanos neste combate emancipador. No entanto, durante este período, foi desenvolvido um tremendo esforço para conquistar amigos e aliados para a causa moçambicana, não só visando obter apoios de qualquer espécie, mas para que a luta dos moçambicanos pudesse ter uma ressonância maior, neste caso, ao nível do mundo ocidental e das instituições internacionais.

O Angola Comité, fundado em 1961, teve um papel pioneiro neste esforço, ampliando a crítica contra o colonialismo português em África, através dum diversificado conjunto de acções, mas serviu igualmente para a divulgação, tanto na Holanda como noutros países, da luta desenvolvida pelos movimentos nacionalistas de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau.

Este conhecimento, bastante profundo, da realidade do nosso país, permitiu que o apoio solidário da Holanda se mantivesse mesmo após a Independência moçambicana. A Fundação Eduardo Mondlane enviou depois para o nosso país, até à década de 80, centenas de técnicos, comprometidos e solidários com a nossa opção de desenvolvimento.

É este percurso que agora vamos conhecer, numa altura em que Moçambique comemora agora o 30º aniversário da sua libertação. É uma história deliberadamente comprometida, escrita com o entusiasmo de quem viveu e participou nos dias do sonho e da esperança. Documentos da época e entrevistas com protagonistas ainda vivos dão a esta publicação um interesse ainda maior.

É este relato que o Arquivo Histórico de Moçambique tem o prazer de apresentar ao público, na perspectiva que ele ajude a iluminar melhor alguns aspectos da realidade moçambicana recente, na perspectiva que ele seja mais um elo a ligar os nossos dois países, servindo para reforçar esta amizade que vem dos dias difíceis da luta.

*Dr. Joel das Neves Tembe, director
Arquivo Histórico de Moçambique*

Brother from the West

Brother from the West –
(how to explain that you are our brother?)
The world does not end at your doorstep
nor at the river which borders your country
nor in the sea,
in whose vastness you sometimes think
you have discovered
the meaning of the infinite.

Beyond your doorstep, beyond the sea
the great struggle continues.
Men with warm eyes
and hands as hard as the earth
embrace their children at night
and depart before dawn.
Many will not return. It does not matter –
we are men tired of shackles
for us
freedom is worth more than life.

To you, brother, we offer
and from you we expect
not the hand of charity
which mystifies and humiliates,
but the hand of solidarity
committed, conscious.

How can you refuse, brother from the West?

Jorge Rebelo
New Year message of FRELIMO, 1972

Irmão do Ocidente

*Irmão do Ocidente –
(como explicar-te que és nosso irmão?)
o mundo não acaba à porta da tua casa
nem no rio que limita o teu país
nem no mar
em cuja vastidão às vezes pensas
teres descoberto
o sentido do infinito.*

*Para além da tua porta, para além do mar
o grande combate continua.
Homens de olhar quente
e mãos duras como a terra
à noite abraçam os seus filhos
e partem antes do nascer do sol.
Muitos não voltaremos. Que importa ?
Somos homens cansados das algemas.
Para nós
a liberdade vale mais que a vida.*

*De ti, irmão, nós esperamos,
a ti nós oferecemos,
não a mão caridosa
que humilha e mistifica,
mas a mão solidária
começada, consciente.*

Como podes recusar, irmão do Ocidente ?

*Jorge Rebelo
Mensagem do Ano Novo da FRELIMO, 1972*

Introduction

The Netherlands *) and Mozambique, two countries separated by the sea, as says the FRELIMO poem “Brother from the West”. The Netherlands, a small country with 16 million inhabitants, part of the rich western world, and until the recent past a colonial power ruling 90 million Indonesians. Mozambique, a poor country in Africa, with 18 million inhabitants but 22 times the size of The Netherlands, for centuries colonized and exploited. Until its liberation from Portuguese rule in 1975.

Contacts between the two countries stretch back to 400 years ago. At that time the Portuguese had a few small settlements on the Mozambique coast. Like the Portuguese, the Dutch ships sailed past Mozambique on their way to India and Indonesia. They also needed a place halfway their voyage to take on supplies, repair their ships and have the sick cared for. So they decided to oust the Portuguese from their main stronghold in Mozambique and make it into the pivot of the new Dutch empire.

In 1607 three Dutch warships attacked the strongest Portuguese fortress, Ilha de Moçambique (Mozambique Island). The fortress and the city were besieged and bombarded for months, but in the end the attack failed. Twice again Dutch warships tried to dislodge the Portuguese, but again without success. After that they decided to build a supply station at Cape Town, from where the Dutch colonialists (the Boers) took possession of South Africa. Moreover, the Dutch did succeed in throwing the Portuguese out of Indonesia and making it into a Dutch colony.

“Historians suggest that the successful Portuguese defence of Mozambique Island was one of the most decisive military events in Southern African history. Had the Dutch taken it the Portuguese would never have been able to recapture it and would eventually have had to abandon their other smaller settlements. Not only would Mozambique have developed within the Dutch, as opposed to the Portuguese, imperial system, but also the Dutch settlement in South Africa might never have been made, with incalculable consequences for the history of Southern Africa.” **)

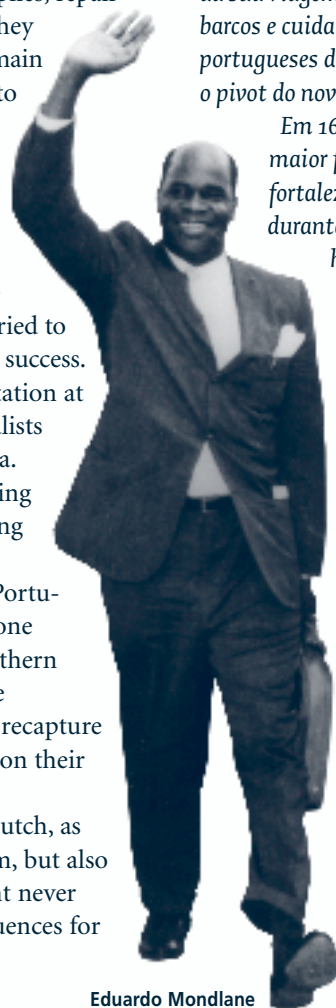
Introdução

Holanda e Moçambique, dois países separados pelo mar, como diz o poema da FRELIMO “Irmão do Ocidente”. A Holanda, um país pequeno, com 16 milhões de habitantes, parte do mundo rico e até muito recentemente um poder colonial que governava 90 milhões de indonésios. Moçambique, um país em África, pobre, com 18 milhões de habitantes, mas 22 vezes do tamanho da Holanda, colonizado e explorado durante séculos, até à sua libertação do poder português em 1975.

Os contactos entre os dois países datam de mais de 300 anos atrás. Na altura, os portugueses tinham pequenos acampamentos na costa de Moçambique. Tal como os marinheiros portugueses, os barcos holandeses passaram pela costa moçambicana a caminho da Índia e Indonésia. Necessitaram também de um lugar em Moçambique, a meio da sua viagem, onde pudessem abastecer-se, reparar os seus barcos e cuidar dos doentes. Assim, decidiram expulsar os portugueses da sua principal fortaleza e fazer de Moçambique o pivot do novo império holandês.

Em 1607, três barcos de guerra holandeses atacaram a maior fortaleza portuguesa, a Ilha de Moçambique. A fortaleza e a cidade foram cercadas e bombardeadas durante meses, mas no final o ataque fracassou. Os holandeses tentaram, por duas vezes mais desalojar os portugueses, mas em vão. Decidiram então montar um ponto de abastecimento na Cidade do Cabo, de onde os colonialistas holandeses (os Boers) se apoderaram da África do Sul. Além disso, os holandeses conseguiram expulsar os portugueses da Indonésia e colonizar o país.

“Os historiadores sugerem que o sucesso da defesa da Ilha de Moçambique pelos portugueses constitui um dos acontecimentos militares mais decisivos da história da África Austral. Se os holandeses se tivessem apoderado da Ilha, os portugueses nunca mais conseguiriam reconquistá-la e teriam que eventualmente abandonar os seus outros pequenos acampamentos. Moçambique não só se desenvolveria pelos holandeses, contrariamente ao sistema imperial português, mas também o povoamento holandês na África do Sul nunca teria acontecido, com consequências incalculáveis para a história da África Austral.” *)



Eduardo Mondlane

More than a century later the Dutch returned once more to Mozambique. In 1721 they built a fortress on the site of the present city of Maputo, called “Lydsaamheijd”. The aim was to establish contacts with the empire of Monomotapa, where gold could be found in abundance. The legendary empire was not found, and in 1730 the fortress was abandoned. This meant the end of Dutch interest in Mozambique.

In 1962, however, it was revived. With a very different aim this time: not to subject and exploit the Mozambicans, but rather to help them free themselves from the Portuguese yoke. The new relations were clinched in 1964, during a first visit to The Netherlands by Eduardo Mondlane, president of the Mozambique Liberation Front FRELIMO and his wife Janet.

Mondlane had warm contacts among the Dutch population, with the solidarity movement, the churches, and the trade unions. But it was characteristic that the Dutch government refused to receive him. They recognized only the Portuguese colonial government. Like Portugal, the Dutch government had in 1945 forcefully opposed the independence of its own colony. In fact, it was not until the year before Mondlane’s visit to The Netherlands that the last part of Indonesian territory was reluctantly ceded.

After his visit to The Netherlands, Eduardo Mondlane wrote to the Angola Comité: “For me my first visit to The Netherlands was a double surprise. First in that I never thought that there were so many people positively interested in the liberation of our country.

Secondly, I was impressed by the economic progress The Netherlands has made since the Second World War. Because the Boers of South Africa with whom you have some kinship and the bad record you seem to have in Indonesia, I had somehow developed a negative attitude towards the Dutch, so that my visit to your country was an eye-opener in a way, for which I am very happy.”

Two weeks after Mondlane’s visit to The Netherlands, FRELIMO started its liberation war in Mozambique, which was to result in that country’s independence, eleven years later.

* The Netherlands is often indicated by the name ‘Holland’. In this publication the first, official name will be used

** Quotation from *A History of Mozambique* by Malyn Newitt, page 171

Mais de um século depois, os holandeses regressaram, mais uma vez, a Moçambique. Em 1721 construíram uma fortaleza, no local onde hoje se situa a cidade de Maputo, chamada “Lydsaamheijd”. Tinham como objectivo estabelecer contactos com o império de Monomotapa, onde o ouro era abundante. O lendário império não foi encontrado e, em 1730, a fortaleza foi abandonada. Isso significou o fim do interesse holandês sobre Moçambique, pelo menos por mais de dois séculos.

Em 1962, contudo, inicia-se de novo o envolvimento holandês em Moçambique. Desta vez o objectivo era muito diferente: não para oprimir e explorar os moçambicanos, mas para ajudá-los a libertarem-se do jugo português. O novo relacionamento consolidou-se em 1964, com a primeira visita de Eduardo Mondlane, Presidente da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO – e sua esposa Janet, à Holanda.

Mondlane estabeleceu firmes contactos com a população holandesa, com o movimento de solidariedade, as igrejas e sindicatos. Era provavelmente óbvio que o governo holandês se recusasse a recebê-lo. Eles reconheciam apenas o governo colonial português. Tal como Portugal, o governo holandês opôs-se firmemente à independência da sua colónia, neste caso as Índias Orientais holandesas, em 1949. Na verdade, foi apenas no ano anterior à visita de Mondlane à Holanda que o ultimo território foi, de forma relutante, cedido à Indonésia.

Após a sua visita à Holanda, Mondlane escreveu ao Angola Comité: “Para mim, a minha primeira visita à Holanda foi duplamente surpreendente. Primeiro, porque nunca pensei que houvessem tantas pessoas positivamente interessadas na libertação do nosso país. Segundo, fiquei impressionado com o progresso económico alcançado pela Holanda desde a Segunda Guerra Mundial. Por causa dos Boers da África do Sul, com os quais vocês mantêm estreito relacionamento, também devido à má reputação que parecem ter na Indonésia, acabei, de algum modo, por criar uma atitude negativa em relação aos holandeses, de tal modo que a minha visita ao vosso país serviu, de certo modo, para abrir os olhos, pelo que estou muito satisfeito.”

Duas semanas após a visita de Mondlane à Holanda, a FRELIMO iniciou a sua guerra de libertação em Moçambique, a qual culminaria onze anos mais tarde, com a independência do país.

* Os Países Baixos são muitas vezes referidos pelo nome ‘Holanda’. Nesta publicação, será usado este nome mais popular.

** Citação de *A History of Mozambique* por Malyn Newitt, página 171

To honour the leaders of the liberation struggle in Mozambique, Dutch cities like Amsterdam, Gouda, Leiden and Utrecht, named streets after Eduardo Mondlane and Samora Machel.

Em honra dos líderes da luta de libertação em Moçambique, cidades holandesas como Amsterdam, Gouda, Leiden e Utrecht batizaram algumas ruas com os nomes de Eduardo Mondlane e Samora Machel.

Fotografias: Henk de Graaf e.o.



The founding of the Angola Comité

Around 1960 the Portuguese were still convinced that their colonial rule in Africa would continue for centuries. But most countries in Africa had become independent. The British, French and Belgian governments had reluctantly handed over power to the original inhabitants of their colonies. Even Algeria became independent in 1962, after a ten-year war against the French occupiers. Only in the Southern part of the continent the white rulers held out. But there, too, the African population wanted independence; there, too, organizations were founded to dislodge white rule, if necessary with the use of force.

It was February 1961. In the world press the first brief reports appeared: in Angola a rebellion had started against Portuguese rule. After neighbouring (Belgian) Congo had obtained its independence in 1960, the Angolans demanded the same right. Portugal sent military reinforcements to its colony to suppress the revolt. Tens of thousands of Angolans were cruelly killed. But soon silence descended on Angola, resistance appeared to have been suppressed.

In The Netherlands, these newspaper reports on Angola led, in April 1961, to the founding of the “Angola Comité”. Its objective was to support the Angolan struggle for liberation. An important argument for the initiative was that The Netherlands was in effect a military ally of the oppressor, the two countries being both members of NATO *). In the past there had been small-scale activities in The Netherlands to support the resistance movement in Algeria, and indignation about the American war in Vietnam was growing. For some, the horror and repentance caused by the Dutch colonial war against Indonesia was still very much alive. It was from these circles that the founders of the Angola Comité came.

When in the following year the liberation movement of Mozambique, FRELIMO, was founded, the Angola Comité became the solidarity organization for the liberation movements in all three Portuguese territories in Africa: MPLA in Angola, FRELIMO in Mozambique and PAIGC in Guinea-Bissau/ Cape Verde. However, the name Angola Comité remained unchanged.

A fundação do “Angola Comité”

Por volta de 1960, os portugueses estavam ainda convencidos que o seu poder colonial em África iria durar séculos. Nessa altura, a maior parte dos países africanos acabavam de se tornar independentes. Os governos britânico, francês e belga tiveram que entregar o poder, com relutância, aos habitantes originais das suas colónias. Até mesmo a Algéria tornou-se independente em 1962, após dez anos de guerra contra os ocupantes franceses. Os colonos brancos reinavam apenas na parte austral de África. Mas, mesmo aí, as populações africanas queriam independência; aí também se fundaram organizações para desalojar os colonos brancos, se necessário pelo uso da força.

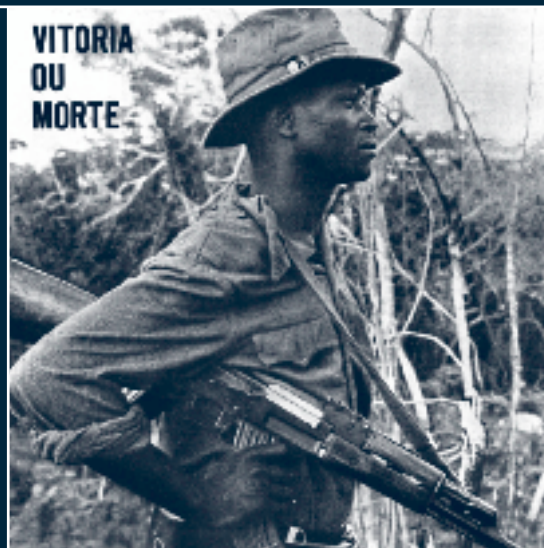
Era o mês de Fevereiro de 1961. Na imprensa mundial apareciam as primeiras manchetes noticiosas: em Angola, havia-se iniciado uma rebelião contra o poder português. Depois de o vizinho Congo (Belga) se ter tornado independente em 1960, os angolanos exigiam os mesmos direitos. Portugal enviou reforços militares para a sua colónia, para reprimir a revolta. Dezenas de milhares de angolanos foram cruelmente mortos. Mas, logo, o silêncio descaiu sobre Angola, a resistência parecia suprimida.

*A cobertura jornalística sobre Angola na Holanda levou, em Abril de 1961, à fundação do “Angola Comité”, para apoiar a luta de libertação nesse país. Um argumento importante para esta iniciativa foi que, como membro da NATO *) a Holanda era, de facto, um aliado militar do opressor, Portugal.*

No passado, existiram na Holanda algumas actividades de pequena escala em apoio ao movimento de resistência na Algéria e a indignação relativamente à guerra americana no Vietname estava a crescer. Para alguns, ainda estava também bem patente o sentimento de horror e arrependimento em relação à guerra colonial holandesa contra a Indonésia. Foi destes círculos que saíram os fundadores do Angola Comité.

Quando em 1962 se fundou o movimento de libertação de Moçambique – FRELIMO –, o Angola Comité tornou-se a organização de solidariedade para com os movimentos de libertação nos três territórios portugueses em África: o MPLA em Angola, a FRELIMO em Moçambique e o PAIGC na Guiné-Bissau/Cabo Verde. Contudo, não se alterou a designação “Angola Comité”.

Era o início de uma luta laboriosa contra os muitos holandeses que não rejeitavam o colonialismo, contra as



Left: The first large demonstration in The Netherlands against Portuguese colonialism during the NATO Tattoo in July 1963 ended in brutal police violence.

Above: VITORIA OU MORTE: Cover of the first record with Mozambican liberation songs and resistance poetry from the Portuguese colonies published in The Netherlands by the Angola Comité and the Eduardo Mondlane Foundation in 1970.

Esquerda: A primeira grande demonstração na Holanda contra o colonialismo português durante a Tattoo da OTAN em Julho de 1963, acabou com violência brutal da polícia. Fotógrafo desconhecido.

Em cima: VITORIA OU MORTE: A capa do primeiro disco com canções moçambicanas de libertação e poesia de resistência das colónias portuguesas, publicado na Holanda pelo Angola Comité e a Fundação Eduardo Mondlane em 1970.



Protest against Dutch Minister Luns of Foreign Affairs because of his support to the colonial wars of Portugal at Schiphol airport, 17 June 1971.

Protestos contra o Ministro dos Negócios Estrangeiros holandês por causa do apoio dele às guerras coloniais do Portugal, no aeroporto de Schiphol, 17 de Junho de 1971.

This was the start of a long, laborious struggle against the many Dutch who did not reject colonialism, against those who made everything subordinate to the struggle against communism and to whom NATO was sacred. To them the members of the Angola Comité were agitators, aspiring to undermine the western world. What helped the committee at the time was that in The Netherlands – and in the western world in general – a kind of cultural revolution was taking place among young people, resulting in a more progressive social climate and a greater interest in the developing countries.

In the end, the Angola Comité succeeded in persuading a large part of the public and of parliament to support its cause. Not so the Dutch government, however, which under pressure of the USA and its other allies continued to oppose the committee's aims.

In 1963, two years after its founding, the committee felt that it could count on enough support for a first confrontation. It was decided to disrupt the so-called NATO Tattoo in the Amsterdam Olympic stadium, where a Portuguese military band would be one of the participants. When hundreds of demonstrators stormed the field on the entry of the Portuguese band, police on horseback and motorbikes, often with dogs, ruthlessly beat them up. Schools that witnessed the maltreatment of their pupils protested, and so did the joint clergy. An investigation instigated by the city council into this and other incidents eventually led to the dismissal of the mayor and of the police commissioner. For the first time resistance against Portuguese colonialism received wide attention in the Dutch press. At the next activity, the occupation of the Portuguese consulate in Amsterdam to commemorate 40 years of Salazar dictatorship in Portugal, police brutality was considerably less.

Every political campaign of the Angola Comité was combined with fundraising for the liberation movements. A large campaign to boycott coffee from Angola, for instance, was combined with the Angola Book Campaign (ABC) to print 30,000 books for MPLA schools.

* The North Atlantic Treaty Organization (NATO) was founded in 1949 as a military organization to confront the Soviet Union. Members were the USA and most West European countries, including The Netherlands and the dictatorship in Portugal.

peças que subordinaram tudo à luta contra o comunismo e para quem a NATO (incluindo os EUA e Portugal) eram sagrados. Para eles, os membros do Angola Comité eram agitadores que aspiravam à destruição do mundo ocidental. O que ajudou o comité na altura, foi o facto de que na Holanda – e no mundo ocidental, em geral – estava a ocorrer uma espécie de revolução cultural entre os jovens, o que resultou num clima social mais progressista e num maior interesse pelos países em desenvolvimento.

Finalmente, o Angola Comité conseguiu persuadir uma grande parte do público e do parlamento a apoiarem a sua causa. Contudo, isso não foi extensivo ao governo holandês que, sob pressão dos EUA e dos seus outros aliados, continuou a opor-se aos objectivos do Comité.

Em 1963, dois anos após a sua fundação, o Comité achou que tinha apoiantes suficientes para uma primeira confrontação. Foi decidido de dilacerar a chamada NATO Tattoo (Festa Militar) no Estádio Olímpico de Amsterdão, onde uma banda militar portuguesa iria participar. Quando centenas de manifestantes se fizeram ao campo à entrada da banda portuguesa, foram selvaticamente espancados pela polícia montada em cavalos e motorizadas, muitas vezes com cães. As direcções das escolas, notando o resultado dos maus tratos nos seus alunos, assim como todo o clero, protestaram contra isso. Uma investigação instigada pelo Conselho Executivo sobre estes e outros incidentes culminou, eventualmente, na demissão do presidente da Câmara Municipal e do chefe da polícia. Pela primeira vez, a resistência contra o colonialismo português mereceu grande atenção na imprensa holandesa. Na actividade seguinte, a ocupação do consulado português em Amsterdão, para comemorar 40 anos de ditadura de Salazar em Portugal, a brutalidade da polícia foi consideravelmente inferior.

Todas as campanhas do Angola Comité eram feitas em paralelo com a angariação de fundos para os movimentos de libertação. Uma grande campanha para boicotar o café de Angola, por exemplo, decorreu em paralelo com a Campanha do Livro Angolano (Angola Book Campaign – ABC), com vista à impressão de 30.000 livros para as escolas do MPLA.

* A Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) foi fundada em 1949 como uma organização militar para fazer frente à União Soviética. Eram membros os EUA e a maior parte dos países da Europa Ocidental, incluindo a Holanda e a ditadura de Portugal.

The large influence of FRELIMO

The Angola Comité maintained contacts with all three liberation movements: MPLA (Angola), FRELIMO (Mozambique) and PAIGC (Guinea-Bissau). Although a lot of energy was put into campaigns for Angola, it was only after ten years that an MPLA leader, Lúcio Lara, visited The Netherlands. President Agostinho Neto did not come until 1975, on the occasion of a large support campaign for MPLA.

The Comité's ties with FRELIMO leaders were much closer, to the extent that they were to have a lasting influence on the solidarity work in The Netherlands. FRELIMO representatives like Marcelino dos Santos, Oscar Monteiro, Eduardo and Janet Mondlane had pronounced views on the liberation struggle and on the role that the solidarity movement should play. They came to the Angola Comité with clear directions. "Our struggle is not only fought in Africa, but also in the western countries. Poor and underdeveloped Portugal can only oppress us because of the support of its NATO allies. For that reason Europe is an important front in our struggle. The liberation struggle in Africa is a matter for us. There you have no task. Your assignment is in The Netherlands, in Europe. You must get the support of public opinion, build up good contacts with the large political parties and exert pressure on the politicians to isolate Portugal. And we need financial and material support from The Netherlands."

At first, establishing good relations with the large political parties met with reluctance on the part of the activists. Had the Dutch Labour Party not supported the colonial war against Indonesia, had the party not refused to speak out against French oppression in Algeria, was the party not a servile follower of the USA and NATO? And the more right-wing parties were still worse. But FRELIMO was unyielding: when the German solidarity movement refused to follow the FRELIMO line, all contacts were severed.

As a result of FRELIMO's influence, the Angola Comité moved to a new phase. Their condemnation of Dutch politics continued, but at the same time contacts were developed with the large political parties, which repeatedly led to motions in parliament to correct government policy being adopted with a large majority.

A grande influência da FRELIMO

O Angola Comité manteve contactos muito íntimos com os três movimentos de libertação: MPLA (Angola), FRELIMO (Moçambique) e PAIGC (Guiné-Bissau). Embora houvesse muito empenho nas campanhas por Angola, levou dez anos antes que um líder do MPLA, Lúcio Lara, visitou a Holanda. O Presidente Agostinho Neto só pode fazê-lo em 1975, por ocasião de uma grande campanha de apoio ao MPLA.

As relações entre o Comité e a FRELIMO tornaram-se mais estreitas, de tal modo que vieram a ter uma grande influência no trabalho de solidariedade na Holanda. Os representantes da FRELIMO, como Marcelino dos Santos, Oscar Monteiro, Eduardo e Janet Mondlane, estavam muito confiantes. Tinham uma visão profunda da luta de libertação e do papel que o movimento de solidariedade poderia ter. Juntaram-se ao Angola Comité com orientações precisas. "A nossa luta não é só em África, mas também nos países ocidentais. Portugal, pobre e subdesenvolvido, consegue oprimir-nos simplesmente porque tem o apoio dos seus aliados da NATO. É por essa razão que a Europa constitui uma frente importante na nossa luta. A luta de libertação em África é um problema nosso. Vocês não têm uma tarefa lá. A vossa missão é na Holanda, na Europa. Têm que conseguir o apoio da opinião pública, estabelecer bons contactos com os grandes partidos políticos e fazer pressão sobre os políticos para isolarem Portugal. E necessitamos de apoio financeiro e material da Holanda."

A princípio, porém, a questão do estabelecimento de boas relações com os grandes partidos políticos era vista com relutância por parte dos activistas. Não tinha o Partido Trabalhista Holandês apoiado a guerra colonial contra a Indonésia? Não tinha o partido recusado expressar-se contra a opressão francesa na Argélia? Não era o partido um servil seguidor dos EUA e da NATO? E os demais partidos da direita eram ainda piores. Mas a FRELIMO era tenaz. Quando o movimento de solidariedade alemã se recusou a seguir a linha da FRELIMO, todos os contactos com eles foram cortados.

Em resultado da influência da FRELIMO, o Angola Comité entrou numa nova fase. A sua profunda condenação da política holandesa continuou, mas ao mesmo tempo houve uma penetração mais eficaz dos grandes partidos políticos, os quais repetidamente criavam moções no parlamento para corrigir as políticas do governo que foram adoptadas por uma grande maioria. A relação com o Partido Trabalhista tornou-se tão estreita que, anos mais tarde, o mesmo pediu regularmente



BENDERT DIJKSTRA

Miguel Murupa, representative of FRELIMO's foreign affairs department, discusses with Dutch activists in Amsterdam, April 1969. Later that year Murupa defected from FRELIMO.

Miguel Murupa, representante do Departamento de Negócios Estrangeiros da FRELIMO, discutando com activistas holandeses em Amsterdam, Abril de 1969. Mais tarde no mesmo ano ele defectou da FRELIMO.

**"The liberation struggle in Africa is a matter for us.
There you have no task. Your assignment is in
The Netherlands, in Europe." (FRELIMO)**

***"A luta de libertação em África é um problema
nosso. Vocês não têm uma tarefa lá. A vossa
missão é na Holanda, na Europa." (FRELIMO)***

The ties with the Labour Party became so close that in later years the party regularly approached its members by mailings to ask donations for the committee's Liberation Fund, as did the more left-wing parties. This helped to increase membership considerably.

More than any other liberation movement in those years, FRELIMO was able to foster enthusiasm and solidarity among the Dutch population. The views of FRELIMO about building a new society in the liberated areas, the liberation of women, a clear definition of the enemy, were in keeping with the changing political climate in the western countries. These views were a source of inspiration to many young people hoping for a better, fairer world. Local support groups were founded all over the country, and the number of subscribers to the publication of the Angola Comité went up to 12,000. The annual two-day congress "B(1)acking Southern Africa" would draw some 800 delegates and other interested people from all over the country.



donativos aos seus membros para o Fundo de Libertação criado pelo Comité, assim como o fizeram a maior parte dos partidos da esquerda. Isso ajudou a aumentar consideravelmente o número de membros.

Mais do que qualquer outro movimento de libertação naquela altura, a FRELIMO parecia ter a capacidade de suscitar entusiasmo e solidariedade entre a população holandesa. Por volta de 1970, a visão da FRELIMO sobre a libertação da mulher, a construção de uma sociedade nova nas zonas libertadas e a definição clara do inimigo, combinavam com o clima político dos países ocidentais. Esta visão constituiu uma inspiração para muitos jovens que ansiavam por um mundo melhor, mais justo. Existiam grupos de apoio local em todo o país e o número de assinantes para as suas publicações aumentou para 12.000. O congresso anual de dois dias "B(1)acking Southern Africa" congregou cerca de 800 delegados e outras pessoas interessadas e provenientes de todas as partes do país.

In the sixties The Netherlands was still largely a white men's country. Mr. Tete (centre) from Mozambique between his colleagues at the Amsterdam Hilton hotel.

Nos anos sessenta a Holanda ainda era principalmente uma terra dos brancos. Sr. Tete (centro) de Moçambique entre os seus colegas no Hotel Amsterdam Hilton.



The Tete family, the first Dutch Mozambicans

Mr. Tete is sitting in front of the window of his Amsterdam home, his grey head inclined to the winter daylight. He has trouble getting up as his knees are worn out, he says. He is glad to tell about his life in The Netherlands.

When the British consul in Mozambique was transferred to Amsterdam he decided to take two cheap black 'boys' with him. Young Tete, who at the time was in trouble and without a job saw it as a way out. He was taken on together with another Mozambican 'boy'. Mr. Tete arrived in The Netherlands in September 1962 to work as a cook for the family of the consul.

Tete and his friend were the only Mozambicans in Amsterdam and they only spoke Portuguese. Their sole contacts were a group of Portuguese working for KLM (Dutch national airline company) on a contract basis. In their boarding house they soon learnt that in The Netherlands they could earn much more than the meagre 150 guilders a month that the consul paid them. On his way to the consul's house Tete saw a big hotel with the name 'Hilton'. He decided to try his luck and wrote a short letter in his best English. "Just going to the post office for a letter to my wife," he told the consul's wife and took the letter to the Hilton hotel. The answer came by return: there was enough work and he could start immediately. Tete did not want to leave his friend behind, so together they decided to run away.

At the Hilton they had to wash dishes. Tete stayed with the hotel for years, where, after a training period he became the cook for the staff. One day his new boss told him: tomorrow you have a day off. Tete was frightened to death. "What does that mean. Free? Do I get no money?" During his four months with the consul nobody had mentioned "a day off". He was the more frightened because he had run away from the consul. At the office they explained his rights to him, but Tete did not trust these "free days".

When Tete had decided to stay in The Netherlands, the next step was to get his wife and five children to join him. He had no home and no papers, but the Angola Comité helped him by writing letters to the ministry of foreign affairs and the Amsterdam authorities. Finally, in 1969, the Amsterdam municipality offered him a place

A família Tete, os primeiros moçambicanos na Holanda

O Sr. Tete está sentado defronte à janela da sua casa em Amsterdão, a cabeça cinzenta reclinada perante a claridade do inverno. Tem dificuldades em levantar-se, pois os joelhos dele estão gastos, como ele próprio diz. Está contente por poder contar a sua vida na Holanda.

Quando o cônsul britânico em Moçambique foi transferido para Amsterdão, decidiu levar consigo dois rapazes negros, baratos. O jovem Tete, que na altura estava com problemas e sem emprego, achou esta oportunidade uma saída. Ele partiu com um outro rapaz moçambicano. O Sr. Tete chegou à Holanda em Setembro de 1962, para trabalhar como cozinheiro da família do cônsul. Tete e o seu amigo eram os únicos moçambicanos em Amsterdão e só falavam português. Os poucos contactos que tinham era com um grupo de portugueses que trabalhavam para a KLM (companhia aérea nacional da Holanda) sob contrato. Na pensão onde viviam, depressa se aperceberam que na Holanda podiam ganhar muito mais que os míseros 150 florins mensais que o Cônsul lhes pagava). A caminho da casa do cônsul, Tete viu um grande hotel chamado Hilton. Decidiu tentar a sorte escrevendo uma curta carta no seu melhor inglês. "Só vou aos correios enviar uma carta à minha mulher", dissera ele à mulher do cônsul e levou a carta ao hotel Hilton. A resposta em breve chegou: havia bastante trabalho e ele poderia começar imediatamente. Tete não queria deixar para trás o seu amigo, por isso decidiram fugir juntos.

No hotel Hilton o trabalho deles era lavar pratos. Tete trabalhou no hotel durante muitos anos, onde, após um período de formação, tornou-se cozinheiro do pessoal do hotel. Um dia, o seu novo patrão disse-lhe: "Amanhã estás de folga". Tete ficou terrivelmente assustado. "O que quer dizer isso, folga? Não vou receber dinheiro?". Durante quatro meses de trabalho para o cônsul ninguém havia falado de "dia de folga". Ficou ainda mais assustado porque tinha fugido da casa do cônsul. No escritório do hotel explicaram-lhe os seus direitos, mas Tete não confiava nesses "dias de folga".

Quando Tete decidiu ficar na Holanda, o passo seguinte foi trazer a mulher e os seus cinco filhos para junto dele. Não tinha casa, nem documentos, mas o Angola Comité ajudou-o, escrevendo cartas endereçadas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e às autoridades holandesas. Finalmente, em 1969, o município de Amsterdão ofereceu-lhe um lugar para viver no distrito urbano de Spaarndam. Depois teve três anos

to live in the city's Spaarndam district. He then had three years of days off saved up – "I don't like holidays" – and got on a boat to collect his family.

The Portuguese did not give the family permission to leave Mozambique, one reason being that the eldest son of 16 was shortly up for his military service. Moreover, Mr. Tete could not cash his traveller's cheques: blacks should not have so much money; only whites could use them. Crying with fury he told the airline company: "Are there any seats left? I want to leave today, and you may keep the cheques." The next day they were in the air. Their house, the chickens, their dog and pigs, everything was left behind for the other villagers.

Penniless and without coats they arrived in Amsterdam to a cold and nearly empty house. Mrs. Tete, who "came from the bush of Xai-Xai" was frightened by this cold and colourless country with its bare trees that looked dead to her eyes. She was afraid of the gas and of all those whites in the street. "I can't live in this country" she thought desperately. Now she remembers those days a little sadly.

It was not until 1988 that did the Tetes returned to Mozambique on a holiday. They have grown roots in The Netherlands. Their home is filled with silent memories of Africa, but there is also a large board on the wall with the pictures of their eight children, the nineteen grandchildren and several great-grandchildren, in many shades of skin colour.

What school could there be found in 1969 for a black boy of 16 who only spoke Portuguese? Yet the Tete children have turned out all right. Their eldest son went to the Lower Technical School, then worked for the gas factory and eventually for IBM, where he produced 1500 typewriter heads a day. One of those is on father Tete's bunch of keys. This son, who still works at IBM, at the time arranged for his firm to donate a used fire engine to the city of Beira in Mozambique. Other children found a job with a bank, the Municipal Health Service, and the customs. One married a Norwegian and now lives in Angola, two others started their own security firm.

These days there are more Mozambicans living in The Netherlands, often as partners of former Dutch development workers in Mozambique. They have few contacts, but the Mozambican community still gets together every year to celebrate 25 June, Independence Day.

de dias de folga não gozados – "não gosto de férias" – e meteu-se num barco para trazer a família.

Os portugueses não permitiram que a sua família saísse de Moçambique, sendo uma das razões que o seu filho mais velho, de 16 anos, estava prestes a cumprir o serviço militar. Além disso, o Sr. Tete não conseguiu trocar os seus travellers' cheques: os negros não podiam ter tanto dinheiro, portanto apenas os brancos poderiam usá-los. Chorando de fúria, disse à companhia aérea: "Ainda há lugar? Quero partir hoje mesmo e podem ficar com os cheques". Viajaram no dia seguinte. A casa, as galinhas, o cão, porcos, tudo ficou para trás, para os outros aldeões.

Sem dinheiro e sem agasalhos, chegaram a Amsterdão num dia frio e a uma casa quase vazia. A Sr.ª Tete, "oriunda das matas de Xai-Xai", ficou assustada com o país frio e sem cor que tinha diante de si, com as árvores despidas e que lhe pareciam mortas. Tinha medo do gás e de todos aqueles brancos nas ruas. "Não posso viver neste país", pensou desesperadamente. Agora recorda-se desses dias com uma certa tristeza.

Foi apenas em 1988 que os Tetes regressaram de férias a Moçambique. Já haviam cria do raízes na Holanda. A casa deles está repleta de silenciosas recordações de África, mas existe também um enorme quadro na parede com fotografias dos seus oito filhos, dezanove netos e alguns bisnetos, de vários tons de pele.

Em 1969, em que escola poderia estudar um rapaz negro de 16 anos que só falava português? Contudo, os filhos dos Tete saíram-se bem. O filho mais velho frequentou a Escola Técnica Básica, depois trabalhou numa fábrica de gás e, de vez em quando, para a IBM, onde produzia 1500 componentes de máquina de escrever por dia. Uma delas está no chaveiro do pai Tete. Um dos seus filhos, que ainda trabalha para a IBM, conseguiu, na altura, que a sua empresa doasse um carro de bombeiros usado à cidade da Beira, em Moçambique. Os outros filhos conseguiram trabalho num banco, no Serviço Municipal de Saúde e nas Finanças. Um deles casou-se com uma norueguesa e vive em Angola, enquanto outros dois criaram a sua própria empresa de segurança.

Agora há muitos moçambicanos a viver na Holanda, muitas vezes como parceiros de antigos trabalhadores do desenvolvimento holandeses em Moçambique. Poucas vezes se encontram, mas pelo menos uma vez por ano a comunidade moçambicana se junta numa grande festa para celebrar o 25 de Junho, Dia da Independência.



portugal moordt
met nato-wapens
in afrika



Inrichting: Angola-comité Klarenburg 253 Amsterdam

Two posters of the Angola Comit  (1970/71): "Portugal kills with NATO-weapons in Africa", resp. designed by famous Dutch writer and visual artist Jan Wolkers (left) and painter Arie Kater (right).

Dois cartazes do Angola Comit  (1970/71): "Portugal mata com armas da OTAN em África", desenhados respectivamente pelo autor e artista plastico famoso, Jan Wolkers, (esquerdo) e a pintora Arie Kater (direito).

portugal moordt met
nato-wapens
in afrika



Inrichting: Angola-comit  Klarenburg 253 Amsterdam

Dutch version of an international poster (1971) against the building of the Cahora Bassa Dam in Mozambique by the Portuguese colonial government as part of their plan to accommodate a million Portuguese settlers in the area as a white buffer against the African liberation struggle.

A vers o holandesa dum cartaz internacional (1971) contra a constru o da barragem de Cahora Bassa em Moçambique pelo governo colonial portugu s como parte do plano de acomodar um milhão de colonos portugueses na área como defesa contra a luta de liberta o africana.

STEUN HET:
ANGOLA COMITÉ
Klarenburg 253
Amsterdam
Tel. 020-196511



VERHINDER

DE BOUW VAN DE
CABORA
BASSA DAM



Dutch government policy

NATO arms

Summer 1969. Two members of the Angola Comité have been trekking for weeks in an old car along the capitals of Western Europe. Having little money, they sleep in the car at night. During the day they have their noses in books and periodicals in military libraries. It seems innocent enough: admission is gained with a forged letter from one of the Dutch universities stating that the two are making a comparative study of military periodicals in the NATO countries. However, the articles they copy all deal with the military cooperation of NATO countries with Portugal. It is only in the library of the Dutch ministry of defence that they are recognized. A conscript is placed behind them to keep an eye on them. The conclusion of their investigation is clear: For its war of oppression in the colonies Portugal is completely dependent on arms deliveries by its NATO allies.

After several months the publication “Portugal and NATO” is finished. It contains a comprehensive overview of Portugal’s military equipment, complete with the countries that had supplied it, the terms of delivery (for NATO use only), registration numbers, etc. The publication is translated into English, French and Portuguese. Amílcar Cabral raises the matter in the United Nations on behalf of the three liberation movements. He pleads for effective supervision of the arms embargo against Portugal, which was imposed by the Security Council in 1963.

At the time the Angola Comité had been campaigning for years against NATO collaboration with Portugal. The first target was the Dutch Labour Party. In 1965, 500 young socialists demanded that the congress undertake “to oppose any alliance between The Netherlands and Portugal”. The leadership of the party rejected the proposal, the NATO alliance was still sacred to the party. Yet in 1967 the demand that Portugal should leave NATO became part of the party’s election platform.

With the aid of the facts from “Portugal and NATO”, the other Dutch political parties were also put under pressure. In 1969 parliament adopted a motion condemning the use of NATO arms in Portugal’s colonial wars. And in 1970, with a large majority, parliament adopted a Labour Party resolution requesting the

A política do governo holandês

As armas da NATO

Era o verão de 1969. Dois membros do Angola Comité deambulam há semanas num carro velho pelas capitais da Europa Ocidental. À noite, dormem no carro, têm pouco dinheiro. Durante o dia, agarram-se aos livros e revistas em bibliotecas militares. Parece tudo muito inocente: a entrada é-lhes garantida por meio de uma falsa carta de uma das universidades holandesas, declarando que os dois estão a realizar um estudo comparativo das revistas militares nos países da NATO. Contudo, todos os artigos que copiam têm a ver com a cooperação militar entre os países da NATO e Portugal. Só na biblioteca do Ministério da Defesa holandês é que são reconhecidos. Colocam um recruta a segui-los e a vigiá-los. A conclusão das suas investigações é clara: para a guerra de opressão nas colónias, Portugal depende totalmente do fornecimento de armas pelos países da NATO.

Depois de alguns meses, conclui-se a publicação “Portugal e a NATO”. Ela contém informações gerais sobre o equipamento militar de Portugal, com todos os países que fornecem tal equipamento, os termos de fornecimento (apenas para uso da NATO), número de registos, etc. A publicação está traduzida em inglês, francês e português. Amílcar Cabral levanta a questão nas Nações Unidas em nome dos três movimentos de libertação. Ele apela para uma supervisão efectiva do embargo de armas contra Portugal, imposto pelo Conselho de Segurança em 1963.

Nessa altura, o Angola Comité já vinha fazendo campanhas há vários anos contra a colaboração da NATO com Portugal. O primeiro alvo foi o Partido Trabalhista holandês, onde a questão era insistentemente debatida desde 1963 no congresso. Em 1965, 500 jovens socialistas exigiram que o congresso se comprometesse a “opor-se contra qualquer aliança entre a Holanda e Portugal”. A liderança do partido rejeitou a proposta, a aliança da NATO ainda era sagrada para o partido. Porém, em 1967, a exigência de que Portugal deveria abandonar a NATO tornou-se parte do programa eleitoral do partido.

Com a ajuda dos factos na publicação “Portugal e a NATO”, também os outros partidos holandeses foram pressionados. Em 1969, o parlamento adoptou uma moção que condenava o uso das armas da NATO nas guerras coloniais de Portugal. Em 1970, o parlamento aceitou, por uma grande maioria, uma resolução do Partido Trabalhista solicitando ao

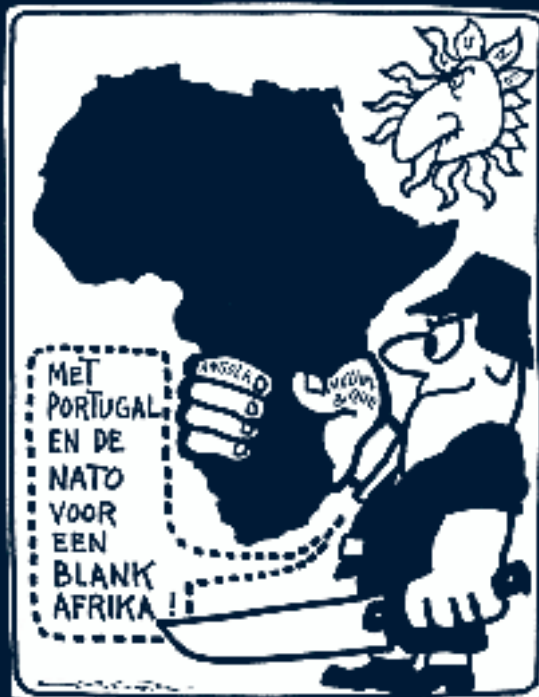


A furious Dutch Minister Luns of Foreign Affairs rejects a pamphlet handed to him by an Angola Comité activist during his press conference at Schiphol airport on 17 June 1971.

Um furioso ministro Luns dos Negócios Estrangeiros rejeitando um panfleto entregue por um activista do Angola Comité durante a conferência de imprensa no aeroporto de Schiphol no dia 17 de Junho de 1971.

Two cartoons made for the Angola Comité by famous Dutch political cartoonist Opland (1971/72), reading: "With Portugal and NATO for a white Africa" (left) and "Portugal sheds its blood for our freedom" – Luns becomes NATO secretary-general in June 1971 (right).

Dois cartoons feitos para o Comité Angola pelo famoso desenhador holandês Opland (1971/72), dizendo: "Com Portugal e a OTAN para uma África branca" (esquerdo) e "Portugal derrama o seu sangue para a nossa libertação" – o Luns torna-se secretário-geral da OTAN em Junho de 1971 (direito).



government to raise the matter of NATO support to the colonial wars of Portugal at NATO meetings.

The Roman Catholic minister of foreign affairs Joseph Luns was strongly against such a policy. He was an old friend of Portuguese dictatorship and had been awarded the Portuguese “Order of Christ”. “It does not do to let a NATO partner down like that,” he stated in parliament “and moreover it cannot be denied that over the centuries Portugal has done much to bring civilization to Africa.” He praised dictator Salazar as “the man who has ruled this country for 40 years with such wisdom.” And trying to expel Portugal from NATO was pointless: “Portugal has strong papers: NATO needs Portugal more than Portugal does NATO”.

These statements by Luns time and again raised commotion in the Dutch press. His extreme views increased the interest in the aims of the Angola Comité. And, vice versa, the committee contributed by showing the Dutch public the true nature of the man: a rightwing extremist. In 1971, in Lisbon, he was rewarded for his efforts and became the new secretary-general of NATO.

Fokker

A close reading of the Portuguese press and military periodicals revealed that The Netherlands contributed to Portugal’s policy of oppression by selling them Fokker civil aircraft. As a result of the UN arms embargo, Portugal had difficulties buying airplanes for military transports. The Portuguese newspaper *Diário de Notícias* of 13-4-70 revealed that the military authorities in Mozambique signed a contract in April 1970 turning over its troop transports to DETA, a company flying Dutch-built Fokker F-27 Friendships. Under pressure of parliament the Dutch government in 1971 promised an investigation. But the following year another two Fokker planes were secretly flown to the Portuguese colonies. As Portuguese aircraft were not allowed to overfly African independent states, they used temporary Dutch registrations (PH-FME and PH-FMF). On arrival these were changed to CR-LMU and CR-LMV.

The Dutch vote in the United Nations

The United Nations formed an important battlefield in the international struggle against Portuguese colonialism and especially against NATO arms deliveries to Portugal. But from the first UN-resolution condemning Portugal’s colonial rule (in 1962), The Netherlands had never

governo que levantasse a questão do apoio da NATO a Portugal nas reuniões da NATO.

O ministro católico dos negócios estrangeiros, Joseph Luns, estava firmemente contra tal política. Ele era um velho amigo da ditadura portuguesa, a qual o havia condecorado com a “Ordem de Cristo” portuguesa. “Não se abandona um parceiro da NATO de qualquer modo”, afirmou ele no parlamento, “e além disso não se pode negar que, durante séculos, Portugal contribuiu muito para levar a civilização para África.” Ele elogiou o ditador Salazar como “o homem que governou este país durante 40 anos com tamanha sabedoria”. E tentar expulsar Portugal da NATO não fazia sentido. “Portugal joga um papel importante. A NATO necessita de Portugal mais do que Portugal necessita da NATO”.

Estas afirmações de Luns levantaram, vezes sem conta, agitação na imprensa holandesa. Tais extremas afirmações aumentaram o interesse nos objectivos do Angola Comité. E vice-versa, o Comité contribuiu mostrando ao público holandês a verdadeira natureza do homem: um extremista da direita. Em 1971, ele foi recompensado pelos seus esforços e nomeado novo secretário geral da NATO, em Lisboa.

Fokker

*Uma leitura mais profunda da imprensa portuguesa e das revistas militares revelou que a Holanda contribuiu para a política de supressão de Portugal, vendendo-lhes aviões civis Fokker. Em consequência do embargo de armas do tipo NU9, Portugal tinha dificuldades em comprar aviões para o transporte militar. O *Diário de Notícias* de 13-4-70, revelou que as autoridades militares em Moçambique haviam assinado, em Abril de 1970, um contrato de transferência do transporte das suas tropas para a DETA. Esta companhia aérea voava com um Fokker holandês F-27 Friendship. Em 1971, sob pressão do parlamento, o governo holandês prometeu investigar. Mas, no ano seguinte, dois aviões Fokker voavam mais uma vez, secretamente, para as colónias portuguesas. Dado que os aviões portugueses não estavam autorizados a voar sobre os estados africanos independentes, eles adquiriram, temporariamente, matrículas holandesas (PH-FME e PH-FMF). À chegada, estas eram trocadas por outras (CR-LMU e CR-LMV).*

O voto holandês nas Nações Unidas

As Nações Unidas constituíram uma frente de batalha muito importante na luta contra o colonialismo português e principalmente contra o fornecimento das armas da NATO a Portugal. Mas, desde a primeira resolução, em 1962, os

supported such a resolution. In 1969 parliament severely criticized this behaviour, but in the autumn minister Luns again ordered the Dutch UN-delegation to abstain. The following year the Angola Comité launched a publicity campaign to bring about a frank condemnation of that policy in parliament. 742 clergy and a large number of youth organizations sent letters to their MP's. On the day the vote was taken, telegrams were sent by student organizations, secondary schools and by the synod of the largest Protestant church in The Netherlands. The Dutch parliament now nearly unanimously adopted a motion in which the voting of the Dutch delegation was condemned.

But this motion, too, was pushed aside. In 1970, under pressure of its western allies, the government saw fit to stand by Portugal again. The Dutch representative in the UN, Mr. Schuurman, admitted on Dutch radio: "We have never gone so far as to vote against Portugal because we are a member of NATO, and it is customary that when voting in the UN, NATO countries and especially those of the European Economic Community show a certain uniformity and common point-of-view."

holandeses nunca apoiaram qualquer resolução. Em 1969, o parlamento criticou severamente tal comportamento, mas no Outono, Luns ordenou, mais uma vez, à delegação holandesa nas Nações Unidas que se abstivesse. No ano seguinte, o Angola Comité lançou uma campanha de publicidade para que esta política fosse abertamente contestada no parlamento. 742 clérigos e um elevado número de organizações juvenis endereçaram cartas aos seus MP's. No dia da votação, as organizações de estudantes, escolas secundárias e o sínodo da maior igreja protestante da Holanda enviaram telegramas. O parlamento holandês adoptou quase unanimemente uma moção, na qual se lamentava a votação da delegação holandesa.

Porém, também a moção foi posta de lado. Em 1970, sob pressão dos seus aliados do ocidente, o governo holandês achou adequado ficar, mais uma vez, do lado de Portugal. O representante holandês nas Nações Unidas, o Sr. Schuurman, afirmou na rádio: "Nunca chegámos ao extremo de votar contra Portugal porque estamos na NATO e tem sido hábito que, ao votar nas ONU, os países da NATO e particularmente os da Comunidade Económica Europeia, expressem uma certa uniformidade e pontos de vista comuns".

**Press statement by the Angola Comité,
Amsterdam, July 13, 1971**

"For the first time a Portuguese newspaper has admitted that the Portuguese army in the north of Mozambique is using the jet fighter plane Fiat G-91 NATO type R-4. This news was published in the Diário de Notícias of 29-6-71. In 1966 forty planes of the type Fiat G-91 were sold by West Germany to Portugal for defence purposes in the framework of NATO. The Portuguese now openly admit that they are using this plane, which was especially designed for NATO use, in their colonial wars. The planes were built in German factories under Italian licence. The airframe was built in Italy, the engine in Great Britain, the undercarriage in France and the electronic equipment in The Netherlands. Although all these NATO countries share in the responsibility, the main burden lies on the German government, as they sold the planes to Portugal."

**Declaração de imprensa pelo Angola Comité,
Amsterdão, 13 de Julho de 1971**

"Pela primeira vez, um jornal português admitiu que o exército português no norte de Moçambique tem usado um avião de guerra Fiat G-91 NATO tipo R-4". Esta notícia foi publicada no Diário de Notícias de 29-6-71. Quarenta aviões do tipo Fiat G-91 foram vendidos a Portugal em 1966 pela Alemanha Ocidental para efeitos de defesa, no âmbito da NATO. Os portugueses agora admitem abertamente que estão a fazer uso do avião, que foi especialmente concebido para uso da NATO, nas suas guerras coloniais. Os aviões foram construídos em fábricas alemãs sob licença italiana. A estrutura foi construída na Itália, o motor na Grã-Bretanha, o trem de aterragem em França e o equipamento electrónico na Holanda. Embora todos estes países da NATO partilhem da mesma responsabilidade, esta torna-se maior para o governo alemão, pois eles venderam os aviões a Portugal".

Portuguese conscientious objectors and deserters

The Netherlands became a place of refuge for young Portuguese who refused to fight in the colonial wars in Africa. In 1966 the Dutch press for the first time reported about a Portuguese deserter asking political asylum at a police station in The Netherlands. The Dutch government sent him back to Portugal, where he disappeared into the military jail at the Ota air base.

In 1968 the first Portuguese deserter contacted the Angola Comité. His subsequent visit to the police was well prepared. First the press and television were given the opportunity to interview him, then he went to a police station, accompanied by the media. José António Rodrigues Monteiro was given a temporary residence permit. When the first sheep had thus leapt over the ditch, more young Portuguese followed. The first years they were all sent to the police in the presence of a lawyer and the press. The head of the ministry of justice called the activities of the Angola Comité “villainy”, but in December 1969 the government ordered the police “to accept Portuguese in cases of intervention by the Angola Comité or by parliamentarians”.

Helping the Portuguese to settle was an enormous task for the committee. They were first placed with friendly families for some weeks to find out if they were serious. After the visit to the police a job and accommodation had to be found. The Dutch organizations whose task it was to help refugees, refused any cooperation. Just like the government they received people from communist countries with open arms, but declined to help refugees from a NATO country. “They are being lured to The Netherlands. There’s something fishy about the Angola Comité. We condemn their activities, because they are directed against the Portuguese government,” said the head of the refugee organization Mr. Patijn, a prominent member of the Labour Party.

In 1969 there were on average two new Portuguese deserters a week reporting to the Angola Comité. The situation was becoming untenable. On 1 May 1970 an Amsterdam office for the Portuguese was opened with the support of the churches and refugee organizations. After 18 months the office had given assistance to over 500 newcomers. Understandably, for the office, too, the

Opositores e desertores portugueses escrupulosos

A Holanda tornou-se um lugar de refúgio para os jovens portugueses que se recusavam a lutar em África. Em 1966, a imprensa holandesa deu a conhecer, pela primeira vez, um desertor português que havia pedido asilo político numa esquadra policial na Holanda. O governo holandês enviou-o de volta a Portugal, onde desapareceu na cadeia militar da base aérea da Ota.

Em 1968, o primeiro desertor português contactou o Angola Comité. A sua subsequente visita à polícia estava devidamente preparada. Primeiro, a imprensa e a TV tiveram a oportunidade de o entrevistar, depois foi para uma esquadra da polícia, acompanhado pelos media. A José António Rodrigues Monteiro foi dada uma autorização de estadia temporária. Depois dele, seguiram-se muitos outros jovens portugueses. Nos primeiros anos eram todos enviados para a polícia, acompanhados pela imprensa e um advogado. O chefe do Ministério da Justiça apelidou as actividades do Angola Comité de “vilania”, mas em Dezembro de 1969 o governo ordenou à polícia que “aceitasse portugueses no caso de intervenção do Angola Comité ou de membros do parlamento”.

Não foi fácil para o Comité ajudar os portugueses a estabelecerem-se. Foram primeiro viver com famílias amigas por algumas semanas para ver se eram sérios. Após a visita à polícia, tinha que se arranjar trabalho e alojamento. As organizações holandesas vocacionadas para ajudar refugiados recusaram qualquer tipo de cooperação. Tal como o governo, elas recebiam pessoas dos países comunistas de braços abertos, mas recusavam-se a ajudar refugiados de um país da NATO. “Eles são atraídos para a Holanda. Há algo de suspeito no Angola Comité. Condenamos as suas actividades porque são dirigidas contra o governo português”, afirmou o chefe da organização dos refugiados, Sr. Patijn, um proeminente membro do Partido Trabalhista.

Em 1969 havia, em média por semana, dois novos portugueses que contactavam o Angola Comité. A situação estava a tornar-se incontrolável. A 1 de Maio de 1970, em Amsterdão, foi aberto uma delegação para os portugueses com o apoio de igrejas e das organizações de refugiados. Após 18 meses, a delegação tinha prestado assistência a mais de 500 pessoas. Obviamente, a situação tornou-se também aqui insuportável. Encontrar trabalho e famílias com vontade de oferecer hospitalidade tornara-se um grande problema. Um



Above: Demonstration at the Portuguese embassy in The Hague by Amnesty International against the 25.000 political prisoners in Portugal and the Portuguese colonies, October 1972.

Right: Portuguese war resisters (and their partners) meeting in Amsterdam to discuss their problems with the Angola Comit , the University Asylum Fund and representatives of the liberation movements, January 1970.

Em cima: Demonstrac o da Amnestia Internacional na Embaixada Portuguesa na Haia contra a deten o de 25.000 prisioneiros políticos em Portugal e nas cl nias, Outubro de 1972.

Direita: Opositores portugueses da guerra (e suas parceiras) num encontro em Amsterdam para discutir os seus problemas com o Angola Comit , o Fundo de As lico da Universidade e representantes dos movimentos de liberta o, Janeiro de 1970.



situation was becoming too much. Finding jobs and families willing to offer hospitality remained an enormous problem. One day the coordinator phoned the refugee organizations in despair. Holding the phone outside the window, he let everybody hear some 60 Portuguese shouting “food! food!” in front of his office.

After 1970 the Portuguese could be recognized as political refugees after appearing before an official commission. If accepted as such, they were entitled to social security and scholarships. But it was not until February 1974, two months before the political change in Portugal, that they got full recognition with Dutch passports.

The Netherlands was probably the only NATO country where Portuguese deserters were admitted. The alternative was neutral Sweden. Other objectors stayed illegally in France, with all the dangers involved. In April 1971, Portugal and France signed a treaty to limit illegal emigration.

In all, between 1,000 and 2,000 Portuguese entered The Netherlands in this way. About 80% had left Portugal before they were conscripted into the army, 15% were deserters and 5% were political refugees. Many of them later returned to Portugal, but a considerable number stayed and became Dutch citizens.

These young Portuguese contributed to the liberation of the colonies because their desertions undermined the morale of the Portuguese army and regime. They also played an important role in The Netherlands. The wide publicity around their visits to police stations helped to mobilize public opinion against supporting Portugal’s colonial wars.

António

Nearly all objectors came from Portugal, but the Roman Catholic weekly Bazuin interviewed a young white deserter who came from Mozambique.

António grew up in Mozambique in a poor neighbourhood. As a white child he visited a mission school together with black children. Like his grandfather, his father was very critical of the way the Portuguese treated the black population of Mozambique. António was conscripted into the Portuguese army.

“The ordinary soldiers were afraid of the war. But they were influenced by the propaganda machine of the regime. It was impossible to talk with them about politics. I told them that they should not be above the

dia, desesperado, o coordenador telefonou às organizações de refugiados. Segurando o telefone para fora da janela, ele fez com que todos ouvissem cerca de 60 portugueses gritando “comida! comida!” em frente ao seu escritório.

Depois de 1970, os portugueses já podiam ser reconhecidos como refugiados políticos na Holanda após comparecerem perante um comité oficial. Se os aceitassem como tal, eles teriam direito à segurança social e bolsas de estudo. Porém, só em Fevereiro de 1974, dois meses antes do golpe político em Portugal, é que conseguiram reconhecimento total com passaportes holandeses.

A Holanda foi provavelmente o único país da NATO onde os desertores portugueses foram aceites. A alternativa era a Suécia neutra. Outros opositores viviam ilegalmente em França, com todos os riscos que isso envolvia. Em Abril de 1971, Portugal e França assinaram um tratado que limitava a emigração ilegal.

Ao todo, entre 1.000 e 2.000 portugueses entraram na Holanda desta forma. Cerca de 80% abandonaram Portugal antes de serem chamados para a tropa, 15% eram desertores do exército e 5% eram refugiados políticos. Muitos deles regressaram mais tarde a Portugal, mas um número considerável permaneceu na Holanda e adquiriram a cidadania holandesa.

Estes jovens portugueses contribuíram para a libertação das colónias portuguesas, visto que a sua deserção debilitou a moral do exército e do regime português. Tiveram também um papel importante na Holanda, pois a imensa publicidade sobre as suas visitas às esquadras da polícia ajudaram a mobilizar a opinião pública holandesa contra o apoio às guerras coloniais de Portugal.

António

Embora quase todos os opositores fossem provenientes de Portugal, o semanário católico holandês Bazuin entrevistou um jovem deserter moçambicano branco.

António cresceu num bairro pobre de Moçambique. Como criança branca, frequentou uma escola missionária com outras crianças negras. Na altura, o avó havia partido de Portugal para refugiar-se em Moçambique como republicano e socialista. Tal como o pai, era muito crítico da forma como os portugueses tratavam a população negra de Moçambique. António foi incorporado no exército português.

“Os soldados tinham medo da guerra, mas eram influenciados pela máquina propagandista do regime. Era impossível falar com eles sobre política. Eu disse-lhes que não deviam estar acima do povo. Por fim mandaram-me para a prisão militar. Não me atrevia a desertar para a FRELIMO,

people. I ended up in the military prison. I did not dare desert to FRELIMO, although I was no Portuguese. But I served in the Portuguese army and I was white. Later I learned that I could have gone to FRELIMO. Quite a few Portuguese did that and they were well treated.”

“On my discharge from prison I went to the capital of Mozambique. Friends had told me that I could travel to Portugal without a passport. From Portugal you can easily escape, they said, because thousands of Portuguese have done that. So I escaped to France, illegally, and from there to The Netherlands.”

“I do like it here, although I had other expectations. But the Dutch government should show more understanding for the reasons why we come here. We have left because we refuse to participate in the war.”

António lived with a Dutch family. He was a student and he told the journalist he wanted to return to a liberated Mozambique. Amnesty International and a number of students supported him financially, but he had difficulties making ends meet. Still, when at his departure the journalist offered António some money, he refused: “If there is any money it should go to the Mozambican liberation movement.”

embora não fosse português. Mas servi o exército português e era branco. Mais tarde soube que eu poderia ter-me juntado à FRELIMO. Alguns portugueses fizeram isso e foram bem tratados”.

“Quando saí da prisão fui para a capital de Moçambique. Tinham-me dito que podia viajar para Portugal sem passaporte. Disseram-me também que de Portugal podia-se escapar facilmente, pois milhares de portugueses já o tinham feito. Assim, escapei para a França, ilegalmente, e daí para a Holanda”.

“Gosto daqui, embora tivesse outras expectativas. Mas o governo holandês deveria ser mais benevolente para com os refugiados políticos e julgá-los individualmente. Deveriam ser mais compreensivos em relação às razões que levam os portugueses a virem para aqui. Nós fugimos porque nos recusamos a participar na guerra”.

António vivia com uma família holandesa. Era estudante e disse que queria voltar a um Moçambique livre. A Amnistia Internacional e alguns estudantes apoiaram-no financeiramente, mas teve dificuldades em sobreviver financeiramente. Mesmo assim, quando o jornalista lhe ofereceu algum dinheiro à sua partida, António recusou. “Se há dinheiro, que seja para o movimento de libertação de Moçambique”.

Standing on Portuguese army tanks, Bishop Trindade blesses the troops departing for the colonial wars. This picture was distributed on postcards, leaflets and posters in order to mobilize Dutch Catholics against Portugal's colonial wars (1969/1970).

O Bispo Trindade em cima de tanques de guerra portugueses, abençoando as tropas partindo para as guerras coloniais. A fotografia foi distribuída através de postais, panfletos e cartazes para mobilizar os católicos holandeses contra as guerras coloniais de Portugal (1969/1970).



The Mondlane Foundation and Dutch government support

In 1968, on behalf of FRELIMO, Janet Mondlane approached the Angola Comité with a far-reaching request. The Swedish government gave financial support to the educational activities of FRELIMO in Tanzania, the 'Mozambique Institute'. Now the other Scandinavian countries and The Netherlands should cross the bridge. The people of the Angola Comité were not enthusiastic, however. They were involved in an intense conflict with the Dutch government over the support of NATO countries to Portuguese oppression. The chance of success was thought to be small; to the government the committee was just a bunch of left-wing agitators. A trick was needed.

A new organization presented itself to the Dutch government: the 'Work Group Government Support Mozambique Institute'. This group did not consist of left-wing activists but of respectable citizens. When FRELIMO leader Eduardo Mondlane was killed in February 1969, the name was changed with the consent of Janet Mondlane into the 'Dr. Eduardo Mondlane Foundation'.

Ever since its formation, the Angola Comité had regarded humanitarian fundraising as an important pillar of its strategy. In this way new supporters could be attracted, also for the political activities. Now a division of tasks between the Angola Comité and the Mondlane Foundation had to be made. In future the Angola Comité would be responsible for information to the Dutch public and for exerting political pressure, the Mondlane Foundation for material aid to MPLA, FRELIMO and PAIGC. The two organizations were to work closely together.

A Fundação Eduardo Mondlane e o apoio do governo holandês

Em 1968, em nome da FRELIMO, Janet Mondlane contactou o Angola Comité com uma solicitação abrangente. O governo sueco apoiava financeiramente as actividades educacionais da FRELIMO na Tanzania, o "Instituto de Moçambique". Agora os outros países escandinavos e a Holanda deveriam fazer o mesmo. Os membros do Angola Comité não ficaram muito entusiasmados. Estavam envolvidos num intenso conflito com o governo holandês sobre o apoio dos países da NATO à opressão portuguesa. As mudanças bem sucedidas eram avaliadas como sendo limitadas, pois aos olhos do governo, o

Comité constituía apenas um punhado de agitadores esquerdistas. Era necessário agir com artimanha.

Uma nova organização apresentou-se ao governo holandês: o 'Grupo de Trabalho para Apoio do Governo ao Instituto Moçambicano'. O grupo não era constituído por activistas de esquerda, mas por respeitáveis cidadãos. Quando o líder da FRELIMO, Eduardo Mondlane, faleceu em Fevereiro de 1969, o nome do grupo foi alterado para "Fundação Dr. Eduardo Mondlane", com o consentimento de Janet Mondlane.

Desde o início, o Angola Comité sempre considerou a angariação humanitária de fundos como um pilar importante na sua estratégia. Desta forma, poder-se-ia atrair novos apoiantes também para as actividades políticas. Havia a necessidade de uma divisão de tarefas entre o Angola Comité e a Fundação Eduardo Mondlane. No futuro, o Angola Comité seria responsável pela informação ao público e pressão política, e a Fundação Mondlane pelo apoio material à MPLA, FRELIMO e PAIGC. Ambas as organizações trabalhariam em estreita colaboração.

O Sr. Elias Voet tornou-se a figura central na Fundação Mondlane. Ele tinha trabalhado na Zâmbia e depois fora



The first chairman of the Eduardo Mondlane Foundation, Mr. Elias Voet and his wife Pie.

O primeiro presidente da Fundação Eduardo Mondlane, Sr. Elias Voet, e a sua esposa Pie.

Mr. Elias Voet became the central figure in the Mondlane Foundation. He had worked in Zambia, and was invited by the SOH (Ecumenical Foundation for Support of Churches and Refugees) to become its director. Voet reacted positively to a request by the Angola Comité to devote a whole issue of the SOH periodical to the liberation struggle in the Portuguese colonies. With fatal consequences: the church authorities decided to fire him on the spot. By the end of 1968 Voet accepted an invitation to lead the Working group, later the Mondlane Foundation. He understood that a request by the Angola Comité to the Dutch government to support the Mozambique Institute would not have a ghost of a chance because of its bitter struggle with the minister of foreign affairs, Joseph Luns.

Shortly before, another conflict had taken place between the committee and the minister. The latter was to make an official visit to Tanzania in order to improve relations with that country. But before he arrived, the committee had informed president Nyerere and the Tanzanian press about his praise of Salazar and Portuguese colonialism. Arriving at the airport, Luns was confronted by journalists asking awkward questions. And the meeting with president Nyerere, too, was less than cordial. Under the circumstances Luns was forced to publicly make some critical remarks about Portugal and rather more friendly ones about the liberation movements. Now it was the turn of the Portuguese press and government to react furiously. When, on his return to Amsterdam Airport, the minister was welcomed in the pressroom by demonstrators with banners and leaflets, he became very angry and, mouthing abuse, crumpled up one of the leaflets and threw it at the journalists. The next day the picture was on all the front pages.

For the application to the government to give aid to the Mozambique Institute, popular support was sought. Two hundred prominent persons signed a petition, in addition to messages of approval from the synod of the largest Protestant church in the country and a large number of student and youth organizations, including those of all the government parties. Mr. Voet and Janet Mondlane met with cardinal Alfrink, a large number of parliamentarians and the minister of development aid. Then parliament nearly unanimously backed the application for support. In December 1970 the contract was signed between the government and the Mondlane

convidado pela SOH (Fundação Ecuménica de Apoio às Igrejas e Refugiados) para ser o seu director. Voet respondeu positivamente ao pedido do Angola Comité para dedicar uma edição inteira da revista da SOH à luta de libertação nas colónias portuguesas. Com consequências fatais, as autoridades da igreja decidiram demiti-lo imediatamente.

Nos finais de 1968, Voet aceitou um convite para liderar a equipa de trabalho, mais tarde designada Fundação Mondlane. Ele percebeu que um pedido do Angola Comité ao governo holandês para apoiar o Instituto de Moçambique não teria o mínimo de chance, em consequência da sua amarga luta com o ministro dos negócios estrangeiros, Joseph Luns.

Um pouco antes, um outro conflito sensacional havia ocorrido entre o Comité e o ministro. Este último estava para efectuar uma visita oficial à Tanzania para melhorar as relações com aquele país. Mas antes da sua chegada, o Comité informou ao presidente Nyerere e a imprensa tanzaniana sobre o seu elogio a Salazar e ao colonialismo português. Ao chegar ao aeroporto, o ministro foi confrontado pelos jornalistas, fazendo perguntas embaraçosas. E o encontro com Nyerere também não foi muito cordial. Sob tais circunstâncias, Luns viu-se obrigado a criticar publicamente Portugal e a falar bem dos movimentos de libertação. Seguiu-se então a vez da imprensa portuguesa e do governo reagirem furiosamente. No seu regresso ao Aeroporto de Amsterdão, o ministro foi recebido na sala de imprensa por manifestantes exibindo dísticos e panfletos, o que o deixou muito zangado. Sem meias medidas, tirou agressivamente um dos panfletos e lançou-o contra os jornalistas. No dia seguinte, a imagem apareceu em todas as primeiras páginas dos jornais.

*Na preparação da solicitação ao governo para apoiar o Instituto de Moçambique, procurou-se o apoio popular. Duzentos pessoas proeminentes assinaram a petição, para além de mensagens de aprovação por parte do sínodo da maior igreja protestante no país e de um grande número de organizações de estudantes e juvenis, incluindo a de todos os partidos da coligação.. O Sr. Voet e Janet Mondlane tiveram encontros com o Cardeal Alfrink, vários parlamentares e o ministro para o apoio ao desenvolvimento. O parlamento apoiou quase por unanimidade o pedido de assistência. Em Dezembro de 1970, assinou-se o contrato entre o governo e a Fundação Mondlane, como representante do Instituto de Moçambique, que dizia respeito a uma contribuição do governo no valor de Fl. 250.000 *). Entretanto, outras organizações também contribuíram, como por exemplo a NOVIB **), com Fl. 130.000.*

Foundation as proxy for the Mozambique Institute for a government contribution of DG 250,000 *). Other organizations contributed as well, for instance NOVIB **) with DG 130,000.

In addition to the contribution for the Mozambique Institute in Tanzania, the government was asked to donate 20,000 blankets for the liberated areas in Mozambique. And when the government announced its intention to give a large surplus of milk powder to developing countries, the Mondlane Foundation put in an application, too. The milk powder came: 60 tons for FRELIMO and PAIGC, but on the express condition that the milk was to be drunk only outside the borders of the Portuguese colony. And as the blankets were meant for the liberated areas of Mozambique, that request was turned down.

After this refusal the Mondlane Foundation and the Angola Comité decided to approach the Dutch public directly for blankets and contributions. The trade unions, several political parties and churches supported the campaign. In Amsterdam more than 1,000 volunteers collected 20,000 blankets. In all 70,000 blankets were sent to Africa, and with the collected money totalling DG 170,000, lorries were bought to transport them. When the need for blankets continued, another 80,000 blankets and DG 200,000 were collected in 1973.

The last campaign for FRELIMO started on 25 September 1974, exactly ten years after the start of the armed struggle. For a full year, the Mondlane Foundation and the Angola Comité, in cooperation with NOVIB, campaigned for unconditional support for FRELIMO. After this campaign all attention went to Angola, as in 1975 the South African army had invaded that country to expel the MPLA government.

Para além do apoio ao Instituto de Moçambique, solicitou-se ao governo uma doação de 20.000 mantas para as zonas libertadas em Moçambique. E quando o governo anunciou a sua intenção de fazer uma doação em leite em pó para os países em desenvolvimento, a Fundação Mondlane também submeteu o seu pedido. Foram doadas 60 toneladas de leite para a FRELIMO e para o PAIGC, mas sob a expressa condição de que o leite só seria consumido fora das fronteiras da colónias portuguesas. Dado que o dinheiro era para as zonas libertadas de Moçambique, este pedido foi rejeitado.

Após esta rejeição, a Fundação Mondlane e o Angola Comité decidiram optar por pedir mantas e contribuições directamente ao público holandês. Os sindicatos, alguns partidos políticos e igrejas apoiaram a campanha. Em Amsterdão, mais de 1.000 voluntários recolheram 20.000 mantas. No total, 70.000 mantas foram enviadas para África, tendo também sido recolhido um valor monetário total de Fl. 170.000, tendo-se comprado camiões para o transporte das mantas. Quando houve necessidade de mais dinheiro, foram recolhidos em 1973 mais 80.000 mantas e Fl. 200.000.

A última campanha pela FRELIMO teve início em 25 de Setembro de 1974, exactamente dez anos depois do início da luta armada. Durante um ano inteiro, a Fundação Mondlane e o Angola Comité, em colaboração com a NOVIB, efectuaram campanhas de apoio incondicional à FRELIMO. Após esta campanha, todas as atenções viraram-se para Angola, pois o exército sul-africano havia invadido o país para expulsar o governo do MPLA.

* In this publication financial amounts are given in Dutch Guilders, indicated by the letters DG. The value of the guilder expressed in US dollars varied through the years, but one guilder roughly equals half a dollar.

** NOVIB, then the largest Dutch development organization, now a member of Oxfam International.

* Nesta publicação, os valores financeiros serão expressos em moeda holandesa (Florins holandeses), indicada pelas letras Fl.. O valor do florim expresso em dólares americanos variou com o decorrer dos anos, mas um florim é quase equivalente a meio dólar.

** NOVIB, na altura a maior organização holandesa para o desenvolvimento, faz agora parte da cooperação Oxfam International.



Mrs Liesbeth Den Uyl, wife of the Dutch Prime Minister (centre) and writer Jan Wolkers (left) at the launch of the second national blanket campaign for Mozambique in Utrecht, 11 October 1973.

Liesbeth den Uyl, esposa do primeiro-ministro holandês (centro) e o escritor Jan Wolkers (esquerdo) no lançamento da segunda campanha nacional para obtenção de mantas para Moçambique, Utrecht, 11 de Outubro 1973.

At the request of Janet Mondlane, the Eduardo Mondlane Foundation organised a second blanket collection in October 1973. For this campaign 600.000 door-to-door leaflets were distributed, 10.000 window posters and 70.000 brochures. Most of the collected blankets were sent to FRELIMO; others went to PAIGC and MPLA.

Ao pedido da Janet Mondlane, a Fundação Eduardo Mondlane organizou uma segunda colecta de mantas em Outubro de 1973. Foram distribuídos 600.000 panfletos de porta em porta, houve 10.000 cartazes de janela e 70.000 brochuras. A maior parte das mantas foi enviado para Frelimo; outras foram para a PAIGC e o MPLA.



The collected blankets were pressed into bales at the Salvation Army, Emmaus and Caritas.

As mantas foram enfiadas nos armazéns do Exército de Salvação, da Fundação Emmaus e da Caritas.

Jan and Frouke Draisma

“For me it is very stimulating that our Mozambican friends are so sure of their victory. I myself have doubts sometimes when you see from how many sides Portugal gets support for its colonial wars. From all the NATO countries.”, wrote Jan Draisma. After many active years on the Angola Comité and the Mondlane Foundation, Jan and his wife Frouke had told FRELIMO in 1969 that they were willing to work as teachers at the school of the Mozambique Institute in Tanzania. After months of waiting a telegram arrived with only two words: “Draismas accepted”. At Dar-es-Salaam airport Joaquim Chissano, who later became president of Mozambique from 1986 till February 2005, was waiting for them.

The school had about 300 pupils, who were taught for 9 months a year. Jan: “After those 9 months the pupils lived in the liberated areas inside Mozambique for the rest of the year. The idea was that the pupils must not become isolated from Mozambican society. At the same time they should pass on as much as possible of what they had learnt to the people, for instance in reading and writing, and also in health education. They take booklets with them which we write ourselves.”

For the Dutch teachers it was a new experience to find that, apart from practical subjects, there was also political education on the curriculum. Frouke: “They learn first of all that the war is not against whites or the Portuguese but against the economic system. The second essential point is the emphasis on the unity of the Mozambican people.”

“We had lots of ideological discussions with the other FRELIMO people. In that sense the years in the camps were good ones: gradually we were fully accepted in FRELIMO and became one with the Mozambicans. We ate from the same pot, we slept in the same huts.”

Jan and Frouke were financially supported by the Evangelical Lutheran Church in The Netherlands. A little later a third Dutchman from Tanzania joined them: Louis Pouw. His work at the Mozambique Institute was financed by Caritas, a Roman Catholic organization. “I asked for their support to get the Catholic part of The Netherlands to back FRELIMO”, said Pouw.

Early 1975, after independence, Jan was suddenly sent to Maputo to help the transitional government set up a new educational system. Just as suddenly FRELIMO

Jan e Frouke Draisma

“Para mim, é muito estimulante saber que os nossos amigos moçambicanos estão tão certos da sua vitória. Eu próprio tenho às vezes dúvidas, quando vemos que Portugal recebe apoio para as suas guerras coloniais de todos os países da NATO”, escreveu Jan Draisma. Após vários anos de actividade no Angola Comité e na Fundação Mondlane, Jan e a sua esposa, Frouke, informaram à FRELIMO que queriam trabalhar como professores na escola do Instituto de Moçambique na Tanzania. Depois de meses de espera, um telegrama chegou, contendo apenas duas palavras: “Draismas aceites”. No aeroporto de Dar-es-Salaam, Joaquim Chissano, que mais tarde ficaria Presidente de Moçambique (1986 – 2005), esperava por eles.

A escola tinha cerca de 300 alunos, que eram ensinados durante 9 meses por ano. Jan: “Depois desses 9 meses, os alunos passavam o resto do ano nas zonas libertadas dentro de Moçambique. A ideia era que os alunos não deviam ficar isolados da sociedade moçambicana. Ao mesmo tempo, eles deviam passar o máximo possível do que aprenderam para as outras pessoas, por exemplo, a ler e a escrever, assim como a educação sanitária. Eles levavam consigo livrinhos que nós próprios escrevemos”.

Para os professores holandeses, era uma nova experiência o facto de que, para além das disciplinas práticas, a educação política constava também no currículo. Frouke: “Eles aprendem, antes de mais, que a guerra não é contra os brancos ou portugueses, mas contra o sistema económico. O segundo ponto essencial é o ênfase sobre a importância da unidade do povo moçambicano”.

“Tivemos várias discussões ideológicas com outras pessoas da FRELIMO. Nesse aspecto, os anos nos campos foram muito bons: gradualmente fomos completamente aceites na FRELIMO e ficámos muito unidos aos moçambicanos. Comíamos da mesma panela, dormíamos nas mesmas palhotas”.

Jan e Frouke eram financeiramente apoiados pela Igreja Evangélica Luterana na Holanda. Algum tempo mais tarde, um terceiro holandês, Louis Pouw, vindo da Tanzania, juntou-se a eles. O seu trabalho no Instituto de Moçambique era financiado pela Caritas, uma organização católica romana. “Pedi o apoio deles para levarem os católicos holandeses a apoiarem a FRELIMO”, disse Pouw.

No início de 1975 Jan foi, de repente, enviado para Maputo para ajudar o governo de transição a estabelecer um novo sistema de educação. De um momento para o outro, a

decided he was to run a technical school with 3,000 pupils. The management and most of the teachers had left for Portugal. “Well, you got your orders, and you went. It was a bit like the army.”

In 1977 the Draismas got Mozambican citizenship. “As Mozambicans we could be actively involved in FRELIMO meetings and we could vote.” They had to give up their Dutch nationality because Mozambique does not accept double nationality. It also meant low salaries, no insurance and a very low pension.

After years of working in educational planning and curriculum development for mathematics, the couple went to the Universidade Pedagógica in Beira in 1990 to train maths teachers. Since 2001 they have been working at the Universidade Católica de Moçambique on the introduction of Problem Based Learning. They got support from NUFFIC and Maastricht University in The Netherlands.

Both Draismas remain faithful to their old principles, but they have become disappointed in FRELIMO. “All the old ideals have disappeared, such as building a new society, standing up for the disadvantaged and for the emancipation of women. Because of the disastrous economic situation, solidarity and common humanity have nearly

disappeared in Mozambique. Survival and self-interest are what motivates people. We often say you can tell the level of an official’s corruptness by the size of his belly.”

Meanwhile the former Dutch are now approaching pensionable age. Frouke: “At the time it did not mean very much to me, being Dutch or Mozambican. Now I find that certain aspects of Mozambican culture do not agree with me. For instance the women doing all the work, both at home and outside. And now that I’m getting older I’m beginning to miss my family. With our meagre pension we will have no money for good health care or for the phone.”

The Draisma’s will return to The Netherlands in 2005.

FRELIMO decidiu que ele deveria dirigir uma escola técnica com 3.000 alunos. A direcção e a maior parte dos professores tinha partido para Portugal. “Bem, era um pouco como na tropa: recebem-se as ordens e há que cumpri-las”.

Em 1977, os Draismas adquiriram a cidadania moçambicana. “Como moçambicanos, podíamos estar activamente envolvidos nas reuniões da FRELIMO e podíamos votar”. Eles prescindiram da nacionalidade holandesa, pois Moçambique não permite a dupla nacionalidade. Isso também significava salários baixos, nenhum seguro e uma magra pensão.

Após anos de trabalho na planificação do ensino e desenvolvimento curricular para matemática, em 1990 o casal foi para a Universidade Pedagógica da Beira, para formar professores de matemática. Trabalham desde 2001 na

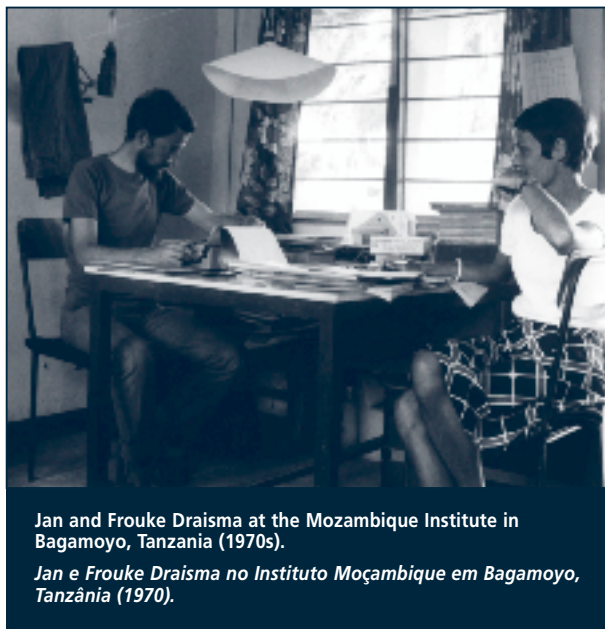
Universidade Católica de Moçambique, na introdução da Aprendizagem Baseada em Problemas. Beneficiam do apoio da NUFFIC e da Universidade de Maastricht na Holanda.

Ambos os Draismas permanecem fiéis aos seus velhos princípios, mas ficaram desapontados com a FRELIMO. “Todos os antigos ideais desapareceram, tais como a construção de uma sociedade nova, a defesa dos desfavorecidos e a emancipação da mulher. Por causa da desastrosa situação económica, a solidariedade e o bem comum quase desapareceram

em Moçambique. A sobrevivência e o individualismo é o que motiva as pessoas. Sempre dissemos que se pode avaliar o nível de corrupção de um oficial pelo tamanho da sua barriga”.

Entretanto, os primeiros holandeses estão a chegar à idade da reforma. Frouke: “Na altura não significava muito para mim, ser holandesa ou moçambicana. Agora apercebo-me que certos aspectos da cultura moçambicana não combinam comigo. Por exemplo, as mulheres a fazerem todo o trabalho, tanto em casa, como fora. E agora que estou a envelhecer, começo a sentir saudades da minha família. Com a nossa magra pensão não teremos dinheiro para a saúde ou para pagar o telefone”.

Em 2005, os Draismas retornaram para Holanda.



Jan and Frouke Draisma at the Mozambique Institute in Bagamoyo, Tanzania (1970s).

Jan e Frouke Draisma no Instituto Moçambique em Bagamoyo, Tanzânia (1970).

Paul Staal, the roving ambassador

“My first experience with the Angola Comité was not entirely positive. In 1970 I worked at the International Office of Utrecht University, planning a trip to Tanzania. At the university there was an interest in supporting the medical service of FRELIMO. I decided to contact the Angola Comité for information. There I was grilled as to my motives, which I thought a bit odd, but in the end I got a letter of introduction.”

Paul Staal, now sporting a small grey beard, was then 28 and just in his first job. He gets into his stride: “I had never been to Africa and suddenly there I was, in Dar-es-Salaam. Janet Mondlane was at the airport. We talked for many evenings, I still have the tapes. My interest in the issue was aroused. A year later, in 1971, I was sold on FRELIMO and joined the Angola Comité, for 500 guilders a month, which was the allowance everyone got. While I had received quite a good salary before. Until 1980 I worked full-time and it wasn’t until 1996 that there came an end to my activities for Mozambique.

Paul Staal became the Comité’s roving ambassador. Most of the year he spent in Africa or Portugal, travelling under another name and with different passports. In the company of journalists or TV teams he travelled through the liberated areas in the Portuguese colonies, organized discussions with the underground in Portugal, and maintained relations with the liberation movements of Angola, Mozambique en Guiné-Bissau. “One of the first tasks for me was to buy them detailed survey maps. In a war this is of great importance, and I discovered they had no maps to the scales of 1:20,000 or 1:15,000.”

Paul Staal was important to the committee also because he was well connected in the Roman Catholic world in The Netherlands. “I had good contacts with *Justitia et Pax* and with the relief organization *Vastenactie*, I also did various kinds of work for them. I made several trips to the Portuguese occupied part of Mozambique and got to know the bishop of Nampula, who was also in *Justitia et Pax*. When in later years he had fled from Mozambique and Portugal we accommodated him in The Netherlands.”

“In consultation with FRELIMO I collected information on these trips about Portuguese atrocities

Paul Staal, o embaixador itinerante

“A minha primeira experiência com o Angola Comité não foi totalmente positiva. Em 1970, trabalhei no Gabinete Internacional da Universidade de Utrecht, planeando uma viagem para a Tanzania. Na Universidade havia um certo interesse em apoiar os serviços médicos da FRELIMO. Decidi contactar o Angola Comité para obter informações. Fizeram-me muitas perguntas sobre os motivos que lá me levavam, o que achei um pouco estranho, mas depois acabámos por nos entender”.

Paul Staal, agora com uma curta barba acinzentada, tinha, na altura, 28 anos de idade e era o seu primeiro emprego. Ele conta: “Nunca tinha estado em África antes e, de repente, lá estava eu em Dar-es-Salaam. Janet Mondlane estava no aeroporto. Conversámos durante dias, ainda tenho as cassetes. Fiquei deveras interessado no assunto. Um ano depois, em 1971, trabalhei para a FRELIMO e para o Angola Comité, por 500 florins mensais, que era o que todos ganhavam. Antes tinha recebido muito mais como salário. Trabalhei a tempo inteiro até 1980 e só em 1996 é que terminaram as minhas actividades em Moçambique.

Paul Staal tornou-se o embaixador itinerante do Comité. Passava a maior parte do ano em África ou em Portugal, viajando sob outro nome e com diferentes passaportes. Na companhia de jornalistas e equipas de televisão, viajava pelas zonas libertadas das colónias portuguesas, organizava debates com os movimentos secretos em Portugal e mantinha contactos com os movimentos de libertação em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Uma das minhas primeiras tarefas era a de lhes comprar mapas de pesquisa detalhados. Na guerra, isso é muito importante e descobri que eles não tinham mapas nas escalas de 1:20.000 ou 1:15.000.”

Paul Staal era importante para o Comité também por causa das suas boas relações no mundo católico na Holanda. “Tinha bons contactos com *Justiça e Paz* e com a organização humanitária *Vastenactie*, também fiz alguns trabalhos para eles. Fiz várias viagens para as partes de Moçambique ocupadas pelo Portugal e conheci o bispo de Nampula, que também estava na *Justiça e Paz*. Quando anos depois ele fugiu de Moçambique e Portugal, arranamos alojamento para ele na Holanda.”

“Em consulta com a FRELIMO, colhi informações nessas viagens sobre as atrocidades dos portugueses em

in Mozambique, the fathers had that information. And I would try to find out how much support FRELIMO had in the different villages. I remember a convent, upstairs in a small room, where the sisters sewed big pockets to the inner side of my trouser-legs to hide the pictures and the documents. But they never found anything, I was always low profile. On return we hardly discussed my trips, not in the Comité either.”

“The priests took me from one mission post to the next. Often these were priests with progressive ideas, but others were afraid and wanted to get rid of me as soon as possible. Often the journey was made in a column protected by the Portuguese army. FRELIMO knew of my trip, but of course that did not exclude an attack. The priests were Dutch, sometimes Spanish, few were Portuguese. We later brought those people to The Netherlands and other European countries, where they participated in the propaganda war.”

“Fairly soon I also went to Portugal. Until the Carnations Revolution in 1974 I spent more time in Portugal than in Africa. Through Angolans and Mozambicans in Portugal I came into contact with

Moçambique; os padres tinham essa informação. E eu procurava perceber os níveis da aderência à FRELIMO nas diferentes aldeias. Lembro-me de um convento, numa sala pequena da parte de cima, onde as irmãs cozeram bolsos enormes na parte interior das pernas das minhas calças para esconder as fotografias e os documentos. E nunca descobriram nada. Nunca dei nas vistas. De regresso, raramente falávamos sobre as minhas viagens, nem no Comité”.

“Os padres levavam-me de uma missão para a outra. Geralmente, eram padres com ideias progressistas, mas outros tinham receio e queriam desenhencilhar-se de mim o mais rápido possível. As viagens eram muitas vezes feitas numa coluna protegida pelo exército português. A FRELIMO sabia da minha viagem, mas, obviamente, isso não excluía um ataque. Os padres eram holandeses, por vezes espanhóis, poucos eram portugueses. Mais tarde, trouxemos essa gente para a Holanda, onde participaram na guerra de propaganda.”

“Pouco depois também fui para Portugal. Até a Revolução dos Cravos em 1974 passei mais tempo em Portugal do que na África. Através de Angolanos e Moçambicanos em Portugal entrei em contacto com pessoas da resistência, católicos progressistas como Luis Moita e Nuno Teotónio Pereira.



To celebrate the twentieth anniversary of the Angola Comité/Holland Committee on Southern Africa the Royal Tropical Institute in Amsterdam organised an exhibition of national and international posters on the liberation struggles and of art from Mozambique relating to colonialism and the struggle for independence. At the opening of the exhibition on 11 April 1981 the Mozambican representative Augusto Macamo presented a Maconde sculpture to Paul Staal to express the gratitude of the Mozambican government.

Para celebrar o vigésimo aniversário do Angola Comité / Comité para África Austral, o Instituto Trópico Real em Amsterdam organizou uma exposição de cartazes nacionais e internacionais e de arte moçambicana sobre a luta de libertação e o colonialismo. Na inauguração no dia 11 de Abril de 1981 o representante moçambicano, Augusto Macamo, entregou uma estátua Moconde ao Paul Staal, num gesto de gratidão do governo moçambicano.

people in the resistance, progressive Roman Catholics like Luís Moita and Nuno Teotónio Pereira. That way I moved from one network to the next. I had a lot of contacts with the officers who later started the coup. From that group we got all the secret documents about the war in Mozambique and later also on Angola, like the ‘Perintreps’. Those men risked prison. In the end we became more daring, even during check-in at Lisbon airport people came up to me with piles of documents, which I squeezed into my suitcase. It was clear then that the end was near. But I have been lying perspiring on my mattress with the documents under it while the secret police were searching the hotel. All the documents were given to FRELIMO but I sometimes doubt if they were always well used.”

“Shortly after the Carnations Revolution in 1974 there were still anxious moments. I was sitting in a car, picked up by the police, and the crowd were trying to overturn the police car. “I’m not one of them, I’m a prisoner,” I shouted. But the man in the front of the car pointed his pistol at me. I was in prison for two days, among the rats. Luís Moita, who the day before had become undersecretary of state, got me out. Later on we founded CIDAC with these people, the Anti-Colonial Information and Documentation Centre (later on: Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral), to inform the Portuguese about the liberation struggle in the colonies. I believe we collected a million guilders in The Netherlands to make the Portuguese ready for decolonisation.”

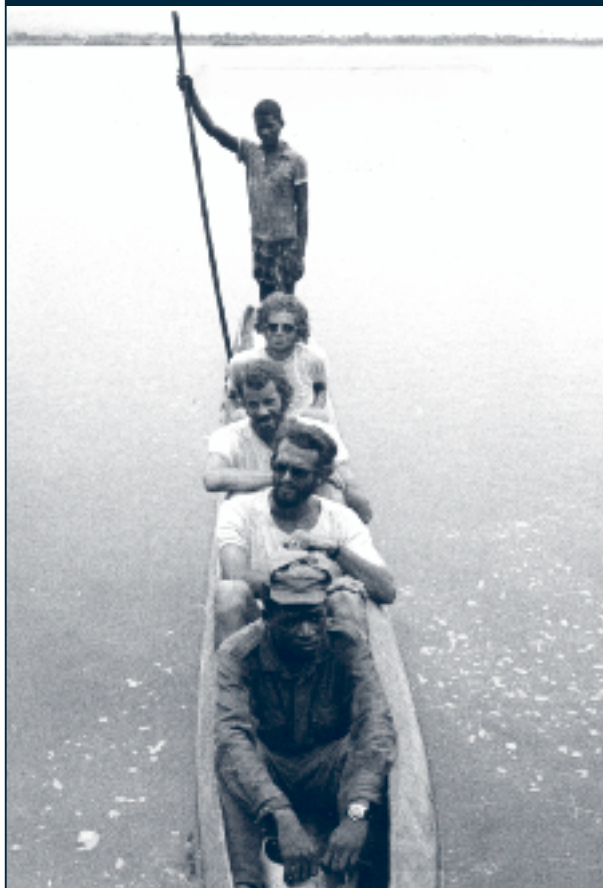
Assim movimenter-me numa rede para a outra. Tinha muitos contactos com os oficiais que depois começaram o golpe. Desse grupo recebemos todos os documentos secretos sobre a guerra em Moçambique e depois também sobre Angola, como os “Perintreps”. Esses homens arriscaram a prisão. No fim ficamos mais atrevidos, mesmo durante o check-in no aeroporto de Lisboa, as pessoas me entregaram montes de documentos, que meti dentro da mala. Já estava claro que o fim estava perto. Mas eu fiquei deitado na minha cama a transpirar enquanto a polícia secreta estava a vasculhar o hotel. Todos os documentos foram entregues à FRELIMO, mas às vezes tive dúvidas se foram sempre bem usados.”

“Um pouco depois da Revolução dos Cravos em 1974, quando estava em Portugal, passei alguns momentos de

ansiedade. Eu estava sentado num carro, apanhado pela polícia, e a multidão tentava virar o carro. “Eu não faço parte deles, sou prisioneiro”, gritava eu. Mas o homem na frente do carro apontou-me uma pistola. Passei dois dias na prisão, entre ratos. Luís Moita, que no dia anterior se tinha tornado Subsecretário do Estado, tirou-me de lá. Mais tarde, fundámos o CIDAC (o então Centro de Informação e Documentação Anti-Colonial) com estas pessoas, para informar aos portugueses sobre a luta de libertação nas colónias. Acho que conseguimos angariar um milhão de florins na Holanda para preparar os portugueses para a descolonização”.

In 1970 a Dutch television crew of Kenmerk, consisting of Rob de Vries, Wim Louwrier and Henk Venema, visited FRELIMO’s liberated areas in northern Mozambique. For the first time these areas featured on Dutch television.

Em 1970 uma equipa do programa Kenmerk da televisão holandesa, consistindo de Rob de Vries, Wim Louwrier e Henk Venema, visitou as zonas libertadas da Frelimo no norte de moçambique. Foi a primeira vez que estas zonas foram mostradas na televisão holandesa.



Perintrep: Periodic Intelligence Reports

During the seventies the Angola Comité was able to provide FRELIMO regularly with the official weekly reports of the Portuguese army in Mozambique. High officers of the army in Lisbon, who were opposed to the colonial wars, sent these reports to Amsterdam. The copies of the reports were numbered, so they probably had a very limited circulation. They were stamped 'secret' and in addition it was stated that the army commanders should destroy them within 72 hours after reception.

The reports detail the number of fights and incidents occurring in the past weeks. For instance, in the 16 weeks from 26 June until 25 October 1972 there had been 1027 FRELIMO attacks, which means 64 actions a week. Military transports, airplanes and trains were attacked, bridges blown up, military camps and 'aldeamentos' fired on. According to the reports FRELIMO lost 240 dead, 67 wounded and 136 soldiers were taken prisoner. The Portuguese army suffered 72 dead, 526 wounded and 17 soldiers missing.

In this period 8,209 mines were detected, of which 4,957 were de-activated. The Portuguese army was especially afraid of the new (Russian) 122 mm rockets used by FRELIMO, which were so successful in the Vietnam War.

There was still fighting going on in the northernmost areas of Mozambique near the Tanzanian border, where the war had started in 1964. But of the 1027 incidents more than half were in Tete province, in the centre of the long country. There were also reports about fighting more to the south, in the mountainous area near the border with Rhodesia, now Zimbabwe.

The reports say that FRELIMO had set up its administration in the liberated areas and opened hundreds of schools, clinics and a trading system with people's shops (lojas do povo). "The local people bring fish to the people's shops and in exchange receive cloth and other articles. Members of the population, who carry agricultural products to the shops in our territory transport them to Tanzania, accompanied by FRELIMO personnel. The reports mention huge columns consisting of an estimated 1,200 persons, walking over hundreds of kilometres.

Perintrep: relatórios periódicos da inteligência

Durante os anos setenta, o Angola Comité conseguiu fornecer regularmente à FRELIMO relatórios oficiais, semanais, do exército português em Moçambique. Estes documentos eram enviados para Amsterdão por altos oficiais do exército em Lisboa que se opunham às guerras coloniais. Cópias dos relatórios estavam enumerados, pelo DUS que deveriam ter uma circulação muito limitada. Ostentavam o carimbo "segredo", contendo instruções para os comandantes do exército os destruírem dentro de 72 horas após a sua recepção.

Os relatórios continham informações detalhadas sobre as lutas travadas e os incidentes ocorridos na semana anterior. Por exemplo, nas 16 semanas que vão de 26 de Junho a 25 de Outubro de 1972, ocorreram 1027 ataques da FRELIMO, o que significa 64 acções por semana. Atacam transportes, aviões e comboios militares, explodiram pontes e dispararam sobre campos militares ou aldeamentos. De acordo com os relatórios, a FRELIMO teve 240 mortos, 67 feridos e 136 soldados foram aprisionados. O exército português teve 72 mortos, 526 feridos e 17 soldados desaparecidos.

No total, foram detectadas 8.209 minas, das quais 4.957 foram desactivadas. O exército português receava particularmente os novos raquetes russos de 122 mm usados pela FRELIMO, os quais foram muito eficazes na guerra do Vietname.

A luta ainda continuava nas zonas mais a norte do país, perto da fronteira da Tanzânia, onde se havia iniciado a guerra, em 1964. Mas dos 1027 incidentes, mais de metade aconteceram na província de Tete, no centro do país. Foram também reportados tiroteios mais para o sul, nas zonas montanhosas, perto da fronteira com a Rodésia, actualmente Zimbabwe.

Os relatórios informavam que a FRELIMO tinha estabelecido o seu quartel nas zonas libertadas e criado centenas de escolas, clínicas e um sistema comercial com as lojas do povo. "As populações entregam o peixe nas cantinas e, em troca, recebem panos e outros artigos. Os elementos da população que transportam produtos agrícolas transitam pelas cantinas no nosso território e seguem depois para a Tanzânia, onde os entregam, mas acompanhados do pessoal da FRELIMO". Os relatórios fazem referência a enormes colunas de cerca de 1.200 pessoas, percorrendo centenas de quilómetros a pé.

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE
 DISTRITO DO NIASSA
 SECRETARIA DISTRIAL
 DE
 ADMINISTRAÇÃO CIVIL
 DO
 NIASSA
 VILA CABRAL
 N.º 9/11/26-MIV
 S E C R E T O

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Excelentíssimo Senhor
 Chefe da Repartição do Gabinete do Governo - Geral
 Por determinação do Sr. Em. e
 Coordenador Geral
 Ao Sr. Sec. Geral
 Em 5 de Janeiro de 1972
 REPARTIÇÃO DO GABINETE DO GOVERNO Nº 212/S. DE 1972-966



SECRETO

Esta base possuía um efectivo estimado em 12 elementos, sob a chefia de ANGELO LINDOBELE, natural de QUELDANE.
 NOTA: É a primeira vez que se teve conhecimento desta Ba, que se encontrava instalada há muito poucos dias aquando da sua destruição.

(3). OUTRAS INFORMAÇÕES

(a). Populações

- Apresentaram-se, vindos do norte e do MALAWI, 138 indivíduos (41M, 29M e 68C). Período anterior: 53.
 De salientar o acentuado aumento que se verificou no número de regressados em relação ao período antecedente.

(b). FRELING

- A Ba CATUR comporta cerca de 450 indivíduos, incluindo elementos da Pop que residem junto à Ba, dos quais só uns 150 estão armados.

NOTAS:- Em OUT69, o seu efectivo era de 200 elementos. Existem, também, na Base, 79 mulheres-soldados.

NOTAS:- Aquando do elemento capturado, verifica-se que o grupo III de Ba MECAMELAS, em 11JAN, junto à fronteira, tem a atenção das NT da fronteira, face à implantação de minas nos itinerários e a infiltração de efectivos mais numerosos.

Finda a sua missão o grupo deveria regressar à Ba MECAMELAS. Esta manobra que não estava prevista nos planos iniciais do III foi decidida durante uma reunião ocorrida na referida Base, em 10JAN, para apreciar as dificuldades resultantes do facto de se desconhecerem o conhecimento da entrada do grupo em III o que criava problemas quanto à linha de infiltração a utilizar.

Perintrep also gives information about the Psychological Action (APsic) of the Portuguese army. The aim of APSIC is "to structure in detail the propaganda that must be developed to gain the support of the population and fight subversion."
 Perintrep não só fornece informação sobre a luta armada, mas também sobre a Acção Psicológica (APsic) do exército português. O objectivo da APSIC era "estruturar, em detalhe, a propaganda a processar, com vista à conquista da adesão das populações e o combate à subversão".

The reports also give detailed intelligence on the attitude towards the liberation struggle of the different local populations under Portuguese control and about the reliability of village heads and other local chiefs. This information will have been of great value to FRELIMO.

The reports speak of “intense psychological action aimed at the population with the aim to get everybody’s active participation in the subversive actions, including the Europeans.” “We must stress the increasing numbers of listeners to the FRELIMO broadcasting programmes transmitted from Tanzania and the interest in these of the population in the Inhambane district.”

It is shown that the Portuguese have a well-developed espionage apparatus in the neighbouring independent states. For each shipment of goods for FRELIMO arriving at the ports or airports of Tanzania details are given as to where the goods originate and what they contain. For instance: “A convoy of 123 lorries departing from Dar-es-Salaam, destined for FRELIMO activities in Tete province, partly for MPLA”. Moreover, the Portuguese appear to have detailed information on foreign delegations, television crews, and journalists arriving to visit the liberated areas of Mozambique. “Also, we verify an increase of enemy activity in the international theatre, corresponding with an increased support for its cause as a consequence of their intensive propaganda.”

Os relatórios davam também informações detalhadas sobre a atitude das populações locais sob o controle dos portugueses em relação à luta de libertação e sobre a confiança dos chefes das aldeias e de outros chefes locais. É escusado dizer que estas informações eram de grande valor para a FRELIMO.

Os relatórios falam de “uma intensa acção psicológica sobre as populações, com a finalidade de obter a participação activa de todas as populações na subversão, inclusive a população europeia”. É de salientar o número cada vez maior de rádio-ouvintes dos programas radiofónicos da FRELIMO, emitidos da Tanzânia e o interesse pelos mesmos da parte da população do distrito de Inhambane.

Os relatórios demonstram que os portugueses tinham um aparato de espionagem muito sofisticado nos estados independentes vizinhos. Por cada carregamento de mercadorias para a FRELIMO que chegasse através do portos ou aeroportos da Tanzânia, eram fornecidos pormenores sobre a origem da mercadoria e o que ela continha. Por exemplo, “um combóio de 123 viaturas transitou de Dar-es-Salaam, das quais parte são destinadas a actividades da FRELIMO em Tete, e parte ao MPLA”. Além disso, os portugueses pareciam ter informações detalhadas sobre os visitantes estrangeiros. delegações, equipas de televisão e jornalistas que vinham para visitar as zonas libertadas de Moçambique. “No campo internacional verificámos, também, um aumento de actividade inimiga na arena internacional, o que corresponde a um maior apoio à causa, em consequência da sua intensa propaganda”.

International solidarity

Easter meetings

In the early seventies FRELIMO's "Brothers from the West" had founded solidarity movements supporting MPLA, FRELIMO and PAIGC in many other western countries. Gradually mutual contacts and cooperation grew among them.

At Easter 1971 the Angola Comité invited some ten other West European organizations for a three-day meeting in The Netherlands. MPLA, FRELIMO and PAIGC were also represented. The aim of the meeting was not only to exchange information, to discuss failures and successes and to make plans for improving cooperation, but also to make it easier for the liberation movements to keep in touch with the many solidarity organizations. These Easter meetings became an annual tradition, hosted by a different country each year, until the end of Portuguese colonialism in 1975.

Facts & Reports

With the intention to internationalise the campaign, the Angola Comité in 1970 started a newspaper cutting service in English, called *Facts & Reports*. The committee had always spent much energy on keeping abreast of the international press, by subscriptions and regular visits to the libraries. In those days very few articles on the subject appeared in the international press. The committee started to send photocopies of the articles to the liberation movements, which because of their location were often in an isolated position. But soon requests for copies also came from the foreign representatives of the movements and from other solidarity organizations.

With financial support of the Program to Combat Racism of the World Council of Churches it was decided to make the newspaper articles accessible to a wider audience in a periodically printed publication. Thus on 14 November 1970 the first issue of *Facts & Reports* was published, which was to be continued every two weeks for 25 years.

In 1972 the Danish government contributed 25,000 Danish Kroner for

A solidariedade internacional

Reuniões da Páscoa

No início dos anos setenta, os "Irmãos do Ocidente" da FRELIMO em muitos outros países ocidentais haviam fundado movimentos de solidariedade similares, de apoio ao MPLA, FRELIMO e PAIGC. Gradualmente, os contactos mútuos e a cooperação aumentaram.

Durante Páscoa de 1971, o Angola Comité convidou outras dez outras organizações da Europa Ocidental para uma reunião de três dias na Holanda. O MPLA, a FRELIMO e o PAIGC também estavam representados. O objectivo do encontro não era apenas a troca de informação, discutir os fracassos e sucessos e fazer planos para melhorar a cooperação, mas também tornar mais fácil para os movimentos de libertação a manutenção do contacto com todas as diferentes organizações. Estas reuniões da Páscoa tornaram-se uma tradição anual, ocorrendo num país diferente em cada ano, até o fim do colonialismo português, em 1975.

Facts & Reports

Para internacionalizar a campanha, o Angola Comité criou um serviço de recorte de jornais em inglês, em 1970, através de uma publicação chamada *Facts & Reports*. O Angola Comité sempre fez esforço para se manter actualizado em relação à imprensa internacional, por meio de assinaturas e visitas regulares às bibliotecas e a um semanário amigo, para lá recolher jornais e revistas já lidos.

Nessa altura, apareciam poucos artigos sobre o assunto na imprensa internacional. Os artigos de interesse eram fotocopiados e enviados aos movimentos de libertação, os quais, muitas vezes devido à sua localização, se encontravam numa situação de isolamento. Mas em breve chegavam também pedidos de cópias por parte dos representantes estrangeiros dos movimentos e de outras organizações de solidariedade.

Com o apoio financeiro do Programa de Combate ao Racismo do Conselho Mundial das Igrejas, decidiu-se então imprimir e tornar os artigos de jornal acessíveis numa publicação periódica. É assim que, a 14 de Novembro

de 1970, o primeiro número de *Facts & Reports* foi publicado, tendo continuado com edições bissemanais durante 25 anos.

Em 1972, o governo



Poster of the second blanket collection campaign for Angola, Mozambique and Guinea-Bissau organised by the Eduardo Mondlane Foundation in October 1973.

Cartaz da segunda colecta de mantas para Angola, Moçambique e Guiné-Bissau organizada pela Fundação Eduardo Mondlane em Outubro de 1973.



Facts & Reports. The Dutch government protested in vain to the Danes through diplomatic channels. The Danish government was reminded of “the controversial discussion involving the Dutch government and the Angola Comité”. The gift was regarded as “interfering in the internal matters of The Netherlands”.

Through the years the circle of readers was extended to ministries of foreign affairs, embassies, UN missions and young people from Southern Africa who were on training courses or studying in Cuba and Eastern Europe. Circulation rose to 1,000 copies. Dutch churches and other friendly organizations paid for the subscriptions of the liberation movements.

The publication of *Facts & Reports* was a very labour-intensive project, involving many volunteers. Non-English articles were translated, and every year an index of all the articles appeared. Soon people in other countries were found willing to send their cuttings every fortnight.

After the liberation of the Portuguese colonies in 1975, *Facts & Reports* focused on the whole of Southern Africa. Until 1995, when the liberation of Southern Africa was achieved.

dinamarquês contribuiu com 25.000 coroas dinamarquesas para o *Facts & Reports*. O governo holandês protestou contra os dinamarqueses por meio de canais diplomáticos. A oferta foi considerada como “interferência nos assuntos internos da Holanda”. Recordou-se ao governo dinamarquês “a controversa discussão envolvendo o governo holandês e o Angola Comité”.

Com o decorrer dos anos o círculo de leitores estendeu-se aos ministerios de negócios estrangeiros, embaixadas, missões das ONU e jovens da África Austral a seguir um curso de formação ou a estudar em Cuba e na Europa Oriental. A circulação aumentou para 1.000 cópias. As assinaturas dos movimentos de libertação eram pagas pelas igrejas holandesas e outras organizações amigas.

A publicação do *Facts & Reports* foi um projecto de trabalho muito intensivo, envolvendo muitos voluntários. Em breve, pessoas de outros países estavam disponíveis para lhes mandar quinzenalmente recortes de jornais. Os artigos que não estivessem em inglês eram traduzidos e todos os anos se publicava um índice de todos os artigos. Após a libertação das colónias portuguesas, em 1975, o *Facts & Reports* concentrou-se sobre toda a África Austral até 1995, altura em que se alcançou a libertação da África Austral.

The Den Uyl administration (1973-77)

The Dutch government under prime minister Den Uyl (1973-77) is generally considered to have been the most progressive since the Second World War. At last a serious effort was made to give humanitarian aid to the liberation movements in the Portuguese colonies, at last an acceptable arrangement for the Portuguese deserters was brought about. The effect of the new Dutch policy was limited, however: within a year the dictatorship in Portugal was overthrown and two years later the Portuguese colonies were liberated.

Development aid

The new minister of development aid, Mr. Jan Pronk, represented the young, progressive wing of the Dutch Labour Party. From now on Dutch development money would also go to North Vietnam and Cuba, two countries boycotted by the NATO countries because they were communist. And while Dutch government aid to the liberation movements until then had been limited to a few hundred thousand guilders a year, Pronk put no less than DG 12,5 million on the 1974 budget. Moreover, the aid was now explicitly also meant for the liberated areas, whereas former governments had only given money for projects in neighbouring countries. "By means of this aid the government wants to express the solidarity of The Netherlands with the peoples in Africa fighting for their freedom", Pronk wrote to the Angola Comité. Support in the form of military equipment remained excluded, however.

The government bureaucracy handled the support to FRELIMO for the year 1974. FRELIMO asked for trucks and medicine, but the officials decided that trucks was not possible since they might be used for military transports. When FRELIMO had signed a peace treaty with Portugal that problem was solved and trucks were allowed. The ministry offered ten Dutch-made DAF trucks, which FRELIMO declined to accept because the make was unknown in this part of Africa and spare parts were not available. Finally Mercedes Benz was decided on, but the wheeling and dealing had by then taken so much time (meanwhile, it was 1975) that FRELIMO decided to ask for the full amount to be spent on medicine.

A administração de Den Uyl (1973-77)

O governo holandês sob a liderança do primeiro-ministro Den Uyl (1973-77) é geralmente considerado como tendo sido o mais progressista desde a Segunda Guerra Mundial. Finalmente, um grande esforço foi feito para prestar ajuda humanitária aos movimentos de libertação nas colónias portuguesas, e acabou por se conseguir uma situação aceitável para os portugueses desertores. Contudo, o impacto da nova política holandesa foi limitado: num único ano foi derrubada a ditadura em Portugal e dois anos mais tarde as colónias portuguesas foram libertadas.

Ajuda ao desenvolvimento

O novo ministro da ajuda ao desenvolvimento, Jan Pronk, representava a ala jovem e progressista do Partido Trabalhista holandês. No futuro, o dinheiro holandês para o desenvolvimento iria para o Vietname do Norte e Cuba, dois países boicotados pelo mundo ocidental por serem comunistas. E enquanto a ajuda do governo holandês para os movimentos de libertação era, até então, limitada a algumas centenas de milhares de florins por ano, Pronk colocou não menos que Fl. 12,5 milhões no orçamento de 1974. Além disso, a assistência agora era explicitamente também para as próprias zonas libertadas, enquanto os anteriores governos apenas davam dinheiro para projectos em países vizinhos. "Através desta ajuda, o governo quer expressar a solidariedade da Holanda para com os povos em África que lutam pela sua liberdade", escreveu Pronk para o Angola Comité. Contudo, o apoio em termos de equipamento militar permaneceu excluído.

O apoio à FRELIMO para o ano de 1974 foi gerido pela burocracia do governo. A FRELIMO tinha solicitado camiões e medicamentos, mas os oficiais acharam que camiões não seria possível, pois só serviriam para transporte militar. Quando a FRELIMO assinou o tratado de paz com Portugal, o problema foi resolvido e os camiões foram autorizados. O Ministério ofereceu dez camiões holandeses da marca DAF, os quais a FRELIMO recusou porque a marca não era conhecida nesta parte de África e não haviam peças sobressalentes para tais carros. Em vez disso, pediram camiões Mercedes-Benz ou Scania. Finalmente decidiu-se pelos Mercedes-Benz, mas o processo de aquisição levou tanto tempo (estava-se em 1975) que a FRELIMO decidiu pedir a quantia total para aplicá-la na compra de medicamentos.

NATO-KONFERENTIE KOPENHAGEN JUNI 1973



BLIJFT NEDERLAND ZWIJGEN!

© 1973 - Producers: P.O. De Graafschap, M. J. van der Meer

Poster by the Angola Comité on the NATO-conference in Copenhagen, June 1973, calling on the Dutch government to break its silence within NATO about Portugal's colonial wars.

Cartaz do Angola Comité sobre a conferência da OTAN em Copenhaga, Junho 1973, invocando o governo holandês de quebrar o silêncio dentro da OTAN sobre as guerras coloniais de Portugal.

Minister Pronk of Development Cooperation meets Marcelino dos Santos, vice-president of the provisional government of Mozambique, upon his arrival at Schiphol airport to meet the Dutch government on 29 April 1975.

O Ministro Pronk da Cooperação Internacional recebe o Marcelino dos Santos, vice-presidente do governo de transição de Moçambique, na sua chegada no aeroporto de Schiphol para um encontro com o governo holandês no dia 29 de Abril de 1975.



In the 1975 budget contributions to the liberation movements rose to DG 20 million, now including SWAPO of Namibia and ZAPU and ZANU in Zimbabwe. The South African ANC was included among the recipients of the 1976 support. To avoid government bureaucracy all the liberation movements asked that the money was given to the Angola Comité, from then on called the “Komitee Zuidelijk Afrika” (“Holland Committee on Southern Africa”). The committee supported the movements unconditionally and was able to send the requested goods or cash contributions without delay. Communications equipment for the liberation armies of Southern Africa, lorries, night watch equipment, etc. was financed with money donated by the public. At the end of the year the bills for the more humanitarian goods were settled with the government.

Foreign affairs

In the Cabinet the post of minister of foreign affairs was in the hands of Mr. Max Van der Stoel. Other than Pronk, he was a typical Labour Party man of the old guard, fiercely anti-communist and an advocate of NATO. He stated that the arms embargo against Portugal would be strictly observed. But at the same time he permitted the delivery of more Fokker aircraft for military transports in Angola and Mozambique.

In spite of the official Labour Party position against NATO support to Portugal's colonial war, at the NATO meeting of June 1973 Van der Stoel kept silent on the issue. Parliament asked the government in a motion to recognize the PAIGC government of Guinea-Bissau, but Van der Stoel refused. And while minister Pronk supported MPLA with government money and accepted someone from the Angola Comité as his unofficial representative in Luanda, Van der Stoel refused to recognize the new MPLA government of Angola.

When Portugal had transferred power to FRELIMO, the Mozambican government was recognized without any delay by the western countries. But FRELIMO announced that only those countries that had supported the liberation struggle would be welcome to attend the independence festivities: the Scandinavian countries and The Netherlands. Besides, the wish was expressed for a representation at the ministerial level. Sweden and Norway sent ministers, but Van der Stoel considered an undersecretary enough. *) So Mr. Brinkhorst went, with

No orçamento para 1975, as contribuições para os movimentos de libertação aumentaram para Fl. 20 milhões, incluindo a SWAPO da Namíbia e a ZANU, no Zimbabwe. O ANC da África do Sul foi incluído entre os recipientes do apoio de 1976. Para evitar a burocracia do governo, a pedido dos movimentos de libertação, o dinheiro foi entregue ao Komitee Zuidelijk Afrika – KZA – (o antigo Angola Comité). O KZA apoiava os movimentos incondicionalmente e conseguia enviar sem demora a mercadoria solicitada ou contribuições em dinheiro. O equipamento de comunicação, equipamento de vigilância nocturna, camiões, etc. para os exércitos de libertação, eram financiados pelo dinheiro dado pelo público. No final do ano, as contas para a ajuda humanitária de maior vulto eram calculadas com o governo.

Negócios Estrangeiros

No Conselho de Ministros, o posto de Ministro dos Negócios Estrangeiros estava nas mãos de Max van der Stoel. Para além de Pronk, ele era o membro típico do Partido Trabalhista da velha guarda: intensamente anticomunista e um defensor da NATO. Ele afirmava que o direito à autodeterminação das colónias portuguesas seria crucial para a política do novo governo e que o embargo às armas seria estritamente observado. Mas, ao mesmo tempo, continuava a fornecer aviões Fokker para transporte militar em Angola e Moçambique.

Embora a posição oficial do Partido Socialista era contra o apoio da OTAN para a guerra colonial de Portugal, na conferência da OTAN em Junho 1973 o ministro Van der Stoel guardou silêncio sobre o assunto. O parlamento solicitou ao governo, através de uma moção, que reconhecesse o governo do PAIGC da Guiné-Bissau, mas Van der Stoel recusou. E enquanto o Ministro Pronk apoiava o MPLA com dinheiro do estado e aceitava alguém do Angola Comité como seu representante não oficial em Luanda, Van der Stoel recusava-se a reconhecer o novo governo do MPLA em Angola.

*Aquando da transferência do poder para a FRELIMO, por Portugal, o governo moçambicano foi imediatamente reconhecido pelos países ocidentais. A FRELIMO anunciara que só os países da Europa ocidental que apoiaram a luta de libertação seriam bem-vindos a participar nas festividades da independência: os países escandinavos e a Holanda. Além disso, solicitou-se a presença de uma delegação a nível ministerial. A Suécia e a Noruega enviaram ministros, Van der Stoel achou que um subsecretário seria suficiente.***) Assim, foi enviado o Sr. Brinkhorst, com membros do Angola Comité e da Fundação Mondlane. No seu discurso de independência a*

members of the Angola Comité and the Mondlane Foundation. In his independence address to the Mozambican nation president Machel stated: “We consider it important to develop our relations with the Scandinavian countries, Finland and The Netherlands, which were able to understand the justness of the anti-colonial cause.”

Mozambique invited the Dutch government to accredit a permanent ambassador in Maputo, but Van der Stoel decided to limit Dutch representation to a ‘temporary chargé d’affaires’. It was not until 1989 that the representation was upgraded to an embassy. A last example of Van der Stoel’s negative influence is his preventing minister Pronk from adding desperately poor Mozambique to the already fairly long list of ‘concentration countries’ as recipients of Dutch development aid.

Why was Van der Stoel’s attitude so negative? In a study *The Netherlands and Mozambique 1973-77* *), several possible motives are mentioned:

- FRELIMO followed a marxist-leninist policy and accepted support from the Soviet Union. The Dutch ministry of foreign affairs stated as late as March 1975: “The target of The Netherlands in Southern Africa is to block the advance of the Soviet Union.”
- FRELIMO had come into power without elections and Van der Stoel concluded that there were anti-democratic tendencies within FRELIMO.
- The Mozambican government practised a fierce anti-apartheid policy, and close relations of The Netherlands with Mozambique might harm Dutch economic interests in South Africa.
- Mozambique was a very poor country and thus economically and politically speaking of little interest to The Netherlands.

In spite of the negative attitude of his foreign-affairs colleague, the minister of development aid, Pronk, managed to keep the excellent relations with Mozambique intact, starting with a first donation of DG 25 million for the transitional government.

* *Nederland en Mozambique, de relatie tussen Nederland en FRELIMO* by Robbie Canninga and Johan van Hartkamp, based on research in the archives of the Dutch ministry of foreign affairs.

nação moçambicana, o Presidente Samora Machel afirmou: “Consideramos importante desenvolver as nossas relações com os países escandinavos, a Finlândia e a Holanda, que foram capazes de entender a justeza da causa anticolonial”.

Moçambique solicitou ao governo holandês que acreditasse um embaixador permanente em Maputo, mas Van der Stoel decidiu limitar a representação holandesa a um *chargé d’affaires* temporário, que veio inicialmente através da embaixada de Lusaka e, mais tarde, de Harare. Foi só em 1989 que a representação diplomática holandesa se transformou numa embaixada independente. Um último exemplo da influência negativa de Van der Stoel é que ele impediu que Pronk incluísse Moçambique, numa situação de país extremamente pobre, na longa lista já existente de “países de concentração”, como recipientes da assistência holandesa para o desenvolvimento.

Porque era a atitude de Van der Stoel tão negativa? Num estudo intitulado “A Holanda e Moçambique 1973-77” são mencionadas algumas possibilidades: *)

- A FRELIMO seguia uma política marxista-leninista e aceitava o apoio da União Soviética. O Ministério dos Negócios Estrangeiros holandês afirmara, em Março de 1975: “O objectivo da Holanda na África Austral é o de impedir o avanço da União Soviética”.
- A FRELIMO tinha assumido o poder sem eleições e Van der Stoel concluía que havia tendências antidemocráticas no seio da FRELIMO.
- O governo moçambicano exercia uma firme política anti-apartheid e relações estreitas entre a Holanda e Moçambique poderiam ser prejudiciais aos interesses económicos dos holandeses na África do Sul;
- Moçambique era um país pobre e, portanto, de pouco interesse para a Holanda, em termos económicos e políticos.

Apesar da atitude negativa do seu colega dos Negócios Estrangeiros, o Ministro da Cooperação Internacional, Pronk, conseguiu manter intactas as excelentes relações com Moçambique, começando por uma primeira doação de Fl. 25 milhões para o governo de transição.

* *Nederland en Mozambique, de relatie tussen Nederland en FRELIMO*, por Robbie Canninga e Johan van Hartkamp, baseado na pesquisa nos arquivos do ministério holandês de negócios estrangeiros.

AVISO À POPULAÇÃO

O inimigo atravessa o Rio Zambeze para fugir da presença da Tropa e também para fazer mal às populações.

A Tropa tem que defender as populações desses bandidos. Mas a Tropa quando vê gente no rio não sabe se é gente da população, se é bandido.



A população não deve atravessar o rio.
A população não deve andar junto com bandido.

Tropa vai matar bandido que atravessar o Rio Zambeze.

Tropa vai deitar fogo a todos os barcos.
Não atravessem o rio. Foge dos bandidos.

SE NÃO, MORRERÁS.

Pamphlets distributed by the Portuguese colonial army in Mozambique as part of its psychological war efforts.

The upper pamphlet warns the local population in the area of the Tete province in which the Cabora Bassa Dam was being constructed, not to cross the Zambezi river and not to have any relations with the "bandits". The pamphlet below holds similar warnings to the Maconde people in the north of Mozambique.

Panfletos distribuídos pelo exército português em Moçambique como parte dos seus esforços de guerra psicológicos.

DEPOIS DA GUERRA TER COMEÇADO
OS MACONDES SOFRERAM MUITO
PORQUE ACOMPANHARAM A FRELIMO.
A TROPA DESTRUÍU AS BASES E
ELES COLHEU O MILHO.



A TROPA
VAI ATACAR DE NOVO COM FORÇA.
FOGE ENQUANTO É TEMPO.
NÃO QUEIRAS SOFRER MAIS DO
QUE JÁ SOFRESTE.

The role of the Dutch Catholic Missionaries

Father Sjef (José in Mozambique) Martens arrived in Mozambique in 1962 to join the Dutch missionaries of the Sacred Hearts (Picpus fathers) in the Inhaminga district. He became their regional prior.

“When I arrived in Mozambique, the question of colonialism was not so urgent. You were hardly aware of the situation you would find yourself in. You were also very badly prepared for Africa, I had only taken a general course on theology and philosophy. The problems in Mozambique were identical, but not so clearly visible to everybody.”

“When I had worked longer in Mozambique, I was being more and more confronted with the oppression of the African population. You were forced to make a choice. Should I behave like a priest and speak to the people from a pulpit? Or should I leave the pulpit and go to their huts and listen before speaking? Especially the higher Portuguese clerics thought that the only task of the church was to preach the gospel. As a cleric you should not be involved in “politics”. And by “politics” they meant resistance against the humiliations and ill-treatment that the Africans suffered.”

“My personal conflict about how to behave as a priest gradually led to a conscious position. At a certain moment we were asked to make propaganda for the “aldeamentos”. These were the concentration camps into which Portugal moved the black population in an effort to isolate FRELIMO. We always refused to cooperate. We felt a kinship with the African people of Mozambique. In every

Os missionários católicos holandeses

Em 1956, os missionários holandeses da Ordem do Sagrado Coração (Picpus) iniciaram o seu trabalho missionário no Distrito de Inhaminga, em Moçambique. O Padre Sjef (José, em Moçambique) Martens, que foi o seu prior regional, chegou em 1962:

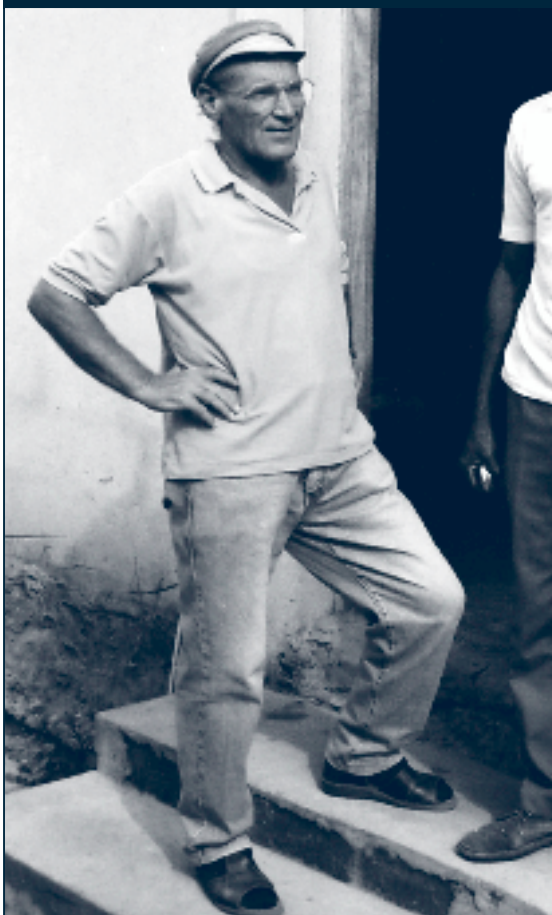
“Naquela altura, a questão do colonialismo não era tão urgente. Quase não nos apercebíamos da situação em que estávamos. Além disso, vínhamos mal preparados para África, eu só tinha feito um curso geral de teologia e filosofia. Os problemas em Moçambique eram idênticos, mas não tão visíveis para todos”.

“Quanto mais tempo trabalhava em Moçambique, mais me confrontava com a opressão da população africana. Éramos forçados a escolher. Deveria comportar-me como um padre e pregar

às pessoas? Ou deveria deixar a pregação e ir até às suas palhotas para escutar, antes de falar? Os clérigos superiores portugueses, em particular, achavam que a única missão da igreja era de evangelizar. Como clérigo, não nos devíamos envolver na “política”. E por “política” queriam referir-se à resistência contra a humilhação e maus tratos sofridos pelos africanos”.

“O meu conflito pessoal sobre como comportar-me como padre levou-me gradualmente a uma atitude consciente. Em certa ocasião pediram-nos para fazer propaganda nos aldeamentos. Estes eram campos de concentração para onde os portugueses mandavam a população negra, numa tentativa de isolar a FRELIMO. Sempre nos recusámos a cooperar. Nutríamos uma grande simpatia para com os africanos de Moçambique. Sempre que nos era possível, tentávamos acabar com o tratamento desumano das

Father Sjef Martens in Mozambique.
O padre Sjef Martins em Moçambique.



possible way we tried to end the inhuman treatment of the people. However, the Roman Catholic church and the Portuguese authorities kept ignoring our efforts.”

In 1969 the war spread to the area of the Inhaminga missionaries. In 1971 the White Fathers left Mozambique as a protest against the massacres in Wiriyamu. Rogier van Rossum, a Dutch authority on missionary work, writes in a report on the Sacred Hearts (Picpus) missions in Mozambique:

“The Dutch Picpus fathers decided to stay, however. But the more traditional way of mission work came to an end. Their attention was now directed towards the shaping of conscience, the training of African leadership and protests against injustice. There was an admirable solidarity with the African population and an identification with their aspirations. This led to an increased distrust of our mission on the part of the local Portuguese. In 1973 our missionaries were forbidden to visit the outposts of the mission; they got house arrest in Inhaminga. Any African trying to contact them became a suspect.”

“For the missionaries it was difficult to accept that they could do nothing against the oppression of the blacks. From their confinement they could hear the cries of the tortured prisoners from the police post less than 200 metres down the road. They saw and heard lorries full of Africans being driven to the jungle and returning empty, which meant that a massacre had been committed. This is why in 1974 they decided to leave and raise their voice outside Mozambique. In the name of the black population, who were unable to do so.”

Amigos do Povo de Moçambique

During their stay in The Netherlands in 1974 Sjeff Martens and his colleagues were confronted with information on an emergency situation in the provinces of Manica e Sofala. When FRELIMO entered this area in the summer of 1973, the Portuguese deported the local population to “aldeamentos”. Their homes and fields were destroyed, the cattle slaughtered. The Portuguese army gave them a scanty ration, but this suddenly ended when the army left after April 1974. A quarter of a million people now lived in great distress.

At the Dutch Picpus Provincialate in Bavel plans were made to mount a rescue operation. In cooperation with the Angola Comité and the Mondlane Foundation the “Friends of the People of Mozambique” was formed.

peças. Contudo, a igreja católica romana e as autoridades portuguesas continuavam a ignorar os nossos esforços”.

Em 1969, a guerra alastrou para a zona dos missionários de Inhaminga. Em 1971, os padres brancos deixaram Moçambique em protesto contra os massacres de Wiriyamu. Rogier van Rossum, uma autoridade em trabalho missionário, escreveu o seguinte num relatório sobre a missão do Sagrado Coração (Picpus):

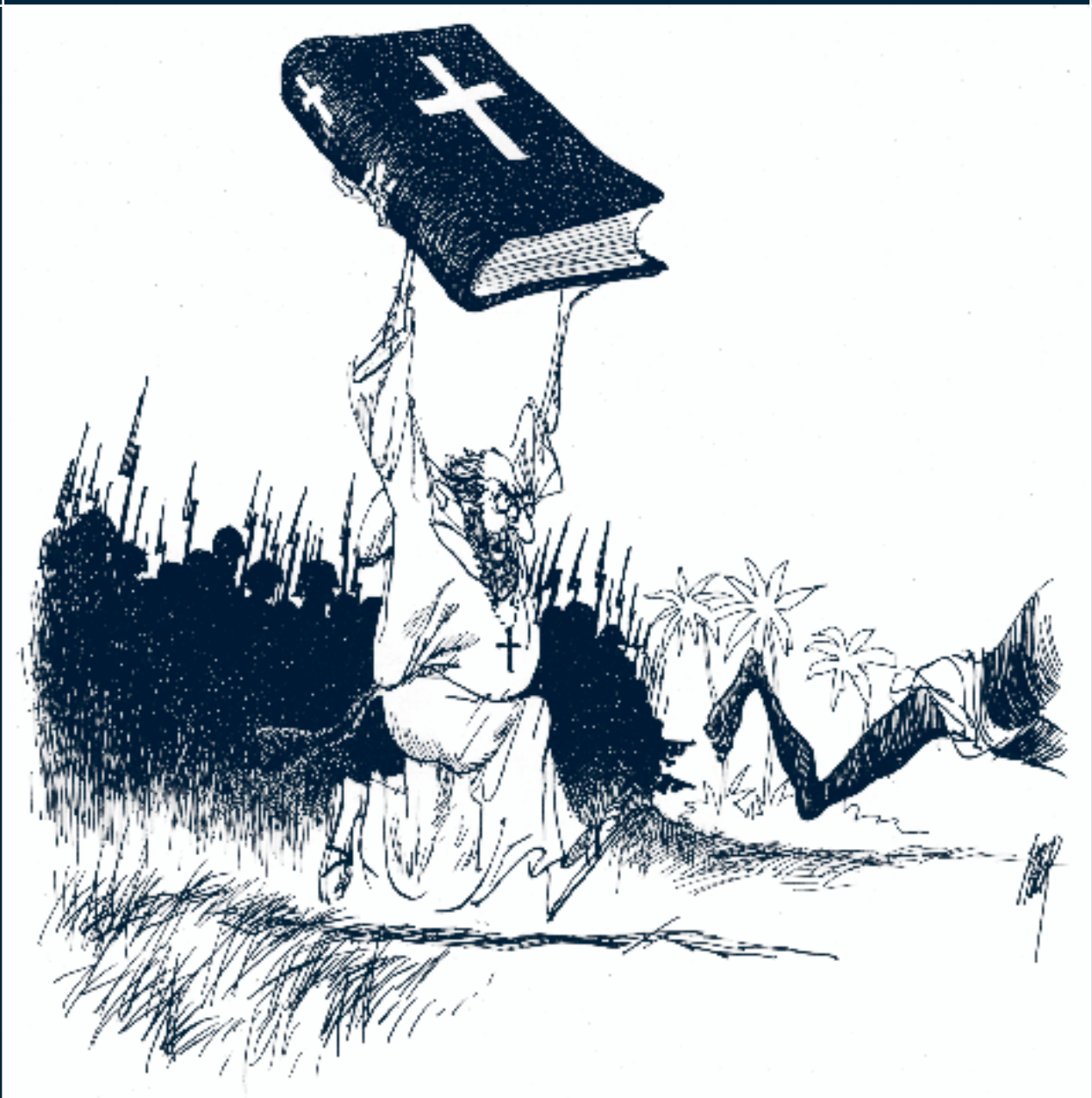
“Os padres Picpus holandeses, porém, decidiram ficar. Mesmo assim, a forma mais tradicional de missionar chegara ao fim. A sua atenção era agora dirigida à consciencialização, formação da liderança africana e protesto contra as injustiças. Existia uma solidariedade admirável para com a população africana e uma identificação com as suas aspirações. Isso levou a uma maior desconfiança em relação à nossa missão por parte dos portugueses locais. Em 1973, os nossos missionários foram proibidos de visitar as capelas da missão, estiveram sob prisão domiciliária em Inhaminga. Qualquer africano que tentasse contactá-los era tido como suspeito”.

“Para os missionários, era-lhes difícil aceitar que nada poderiam fazer contra a opressão dos negros. Da sua clausura podiam ouvir os gritos dos prisioneiros torturados numa esquadra da polícia a menos de 200 metros rua abaixo. Eles viam e ouviam camiões repletos de africanos a serem levados para o mato e voltando vazios, o que significava que se havia cometido um massacre. Foi por isso que, em 1974, decidiram partir e fazer ouvir as suas vozes fora de Moçambique. Em nome da população negra, que não podia fazê-lo”.

Amigos do Povo de Moçambique

Durante a sua estada na Holanda em 1974, Sjeff Martens e os seus colegas foram confrontados com informações sobre uma situação de emergência nas províncias de Manica e Sofala. Quando a FRELIMO chegou a esta zona no verão de 1973, os portugueses deportaram a população local para os aldeamentos. As casas e machambas foram destruídas e o gado morto. O exército português dava-lhes uma razão miserável, que de repente terminou quando o exército partiu, em Abril de 1974. Um quarto de milhão de pessoas vivia agora em grande miséria.

No Provínciaio dos Picpus holandeses, em Bavel, foram elaborados planos para uma operação de salvamento. Em cooperação com o Angola Comité e a Fundação Mondlane, formou-se “Os Amigos do Povo de Moçambique”. O único bispo português em Moçambique, Monsenhor Pinto, crítico da opressão colonial e expulso de Moçambique em Abril de 1974, chegou a Bavel para se juntar à campanha. O mesmo fez o



Drawing by well-known Dutch cartoonist Peter van Straaten, especially made for the Angola Comit e's annual calender for 1974.
Cartoon do famoso desenhador holandês, Peter van Straaten, feito para o calend rio anual do Angola Comité para 1974.

The only Portuguese bishop in Mozambique critical of colonial oppression and expelled from Mozambique in April 1974, bishop Pinto, came to Bavel to join the campaign. So did the vice-general of the Beira diocese, Mgr. Duarte de Almeida, who was expelled in 1971. The transitional government of Mozambique founded an “Amigo” group in Beira from the churches and FRELIMO to buy and distribute the food. Transport was organized by FRELIMO in cooperation with the Portuguese administration.

From Bavel, Sjef Martens and his colleagues contacted (mainly Catholic) organizations for financial support. Contributions came from The Netherlands, Germany, Belgium, France, Great Britain and Canada. When the campaign ended in April 1975, a total amount of DG 6,000,000 had been collected, transferred and accounted for.

Back to Mozambique

When the situation in Mozambique had stabilized after the liberation, Sjef Martens decided to return to his missionary area. It became a big disappointment. A Mozambican who in the colonial days had worked for the Portuguese and had made their lives a misery, was now head of the local FRELIMO administration. Sjef

Vice-Bispo Geral da Diocese da Beira, Monsenhor Duarte de Almeida, que fora expulso em 1971. O governo de transição de Moçambique formou, a partir das igrejas, um “grupo de Amigos” na Beira, e a FRELIMO deveria comprar comida e distribuí-la. A FRELIMO organizou meios de transporte, juntamente com a Administração Portuguesa.

De Bavel, Sjef Martens e seus colegas entraram em contacto com organizações (católicos, na sua maioria) para solicitar apoio financeiro. Chegaram contribuições da Holanda, Alemanha, Bélgica, França, Grã-Bretanha e Canadá. Quando a campanha terminou, em Abril de 1975, haviam sido angariados um total de Fl. 6.000.000, transferidos e contabilizados.

Regresso a Moçambique

Quando a situação se estabilizou em Moçambique após a libertação, Sjef Martens decidiu regressar à sua zona missionária. Ficou imensamente desapontado. Um moçambicano que no tempo colonial havia trabalhado para os portugueses e tornado miserável as suas vidas, era agora o chefe da administração local da FRELIMO. Sjef Martens deixou Moçambique pela segunda vez, indo trabalhar na Zâmbia para os refugiados moçambicanos.

Em 1992 regressou, finalmente e de vez, para o seu querido Moçambique, onde iria passar os últimos anos da sua vida. Contudo, não passivamente. Fundou a liga da mulher rural,



Dutch missionary Joao van den Bosch in a village near Inhaminga, destroyed by the Portuguese army.

O missionário holandês João van den Bosch numa aldeia perto de Inhaminga, destruída pelo exército português.

Martens left Mozambique for the second time and went to Zambia to work there for the Mozambican refugees.

In 1992 he finally returned to his beloved Mozambique for good, to spend the last years of his life there. Not in idleness, though. He founded the league for rural women, *Amai a pa Banda*. After the long war many of the women in the Beira area are left without a husband and through his league he fights their desperate poverty.

The Dutch Montfort missionaries

Since 1922 another Dutch missionary order, the Montfortians, have been active in the far north of Mozambique along the border with Tanzania. Their missionary district included the town of Mueda, where on June 16, 1960 a large group of Mozambicans demonstrated peacefully for better pay for their forced labour in the cotton fields. The Portuguese opened fire on the crowd and killed an estimated 500 people. This ‘Mozambican Sharpeville’ was hardly noticed outside the country, but in Mozambique it had a big impact. A direct consequence of what happened at Mueda was that in 1964 FRELIMO did not first try to negotiate with the Portuguese, but started their armed revolt right away.

Seven Montfortian fathers witnessed the Mueda massacre, but the only thing they could do was ministrare to the dying Mozambicans. If the outrage had been known to the world, it would without doubt have led to the first sharp condemnation of Portuguese colonialism, also at the United Nations. But until the independence of Mozambique in 1974, for fourteen years, the Montfortian fathers concealed the massacre. “If we had protested against the Portuguese crimes we would have been forced to leave the country, and that would have been even worse for the negroes. This is why we could not inform the world about the massacre,” father Jan van Haalen was to say in 1974. He destroyed his notes about the atrocities, as “the information is now obsolete anyway and of no interest.”

The Montfortians did not follow the other missions leaving Mozambique in 1974 as a protest. “We Montfortians stayed. Our motives for going out to Mozambique were valid then and they still are: to preach the gospel and help the African in his development.”

Amai a pa Banda. Após a longa guerra, muitas mulheres na Beira ficaram sem os seus maridos e, através da sua liga, ele luta contra a sua acentuada pobreza.

Os missionários holandeses de Montfort

A partir de 1922, uma outra Ordem missionária, os Montfortinos, tornou-se activa no norte de Moçambique, ao longo da fronteira com a Tanzânia. O seu distrito missionário incluía a cidade de Mueda onde, em 16 de junho de 1960, um grande grupo de moçambicanos fez uma manifestação pacífica por melhores salários no seu trabalho forçado de cultivo do algodão. Os portugueses abriram fogo sobre a população e mataram cerca de 500 pessoas. Este ‘Sharpeville moçambicano’ passou quase despercebido fora do país, mas teve sérias repercussões em Moçambique. Uma consequência directa do que aconteceu em Mueda foi que, em 1964, a FRELIMO não tentou, primeiro, negociar com os portugueses, mas iniciou imediatamente a sua revolta armada.

Sete padres montfortinos presenciaram o massacre, mas a única coisa que puderam fazer foi prestar assistência aos moçambicanos moribundos. Se o mundo tivesse tido conhecimento da violência, isso resultaria, sem dúvidas, na primeira condenação séria do colonialismo português nas Nações Unidas. Porém, até à independência de Moçambique 1974, os padres montfortinos encobriram o massacre. “Se tivéssemos protestado contra os crimes portugueses, teríamos sido forçados a deixar o país e isso seria ainda pior para os negros. “foi por isso que não pudemos informar o mundo sobre o massacre”, disse o padre Jan van Haalen em 1974. Ele destruiu as suas notas sobre as atrocidades, pois “a informação tornou-se obsoleta e sem interesse”.

Mas mesmo assim, os montfortinos não seguiram as outras missões, abandonando Moçambique como forma de protesto. “Nós, montfortinos, ficámos. As razões que nos levaram a vir para Moçambique eram válidas na altura e ainda o são: pregar o Evangelho e ajudar os africanos no seu desenvolvimento”.

The solidarity movement after independence

When in 1975 all Portuguese colonies became independent countries, the Angola Comité and the Mondlane Foundation had to decide on their future. As the Mondlane Foundation had until then focused on obtaining material aid for the liberation movements, it was logical that they would in future devote their energies to supporting the reconstruction of Angola, Mozambique, Guinea-Bissau and Cape Verde.

The Angola Comité concluded that the threat to Angola and Mozambique no longer came from Lisbon, but from the South, from Pretoria. Therefore it started under a new name, 'Komitee Zuidelijk Afrika', to support the struggle for freedom in Zimbabwe, Namibia and South Africa. As in Africa the name 'Holland Committee' was often used, the new English name became 'Holland Committee on Southern Africa' (KZA). The policy thus far adopted and originally instigated under the influence of FRELIMO – to lobby the major political parties and parliament – was continued.

Cooperantes

At the request of the new Mozambican government, the Mondlane Foundation in 1975 started a recruitment programme for 'cooperantes', development workers. They were urgently needed because most professionals had been Portuguese and had left the country. The primary selection criterion was not professional skills but solidarity with FRELIMO and the new state. They all worked on a Mozambican government contract for a low salary. Once they arrived in Mozambique the authorities decided where the cooperante could be best placed.

During these years the staff of the Mondlane Foundation in The Netherlands radicalised politically. A condition for the cooperantes was that they found a 'base group' in The Netherlands. They had to inform their group regularly about the socialist development of Mozambique. After all, The Netherlands could learn much from the marxist-leninist development model in Mozambique. Elias Voet, who had been the central figure in the organization since its founding, left. "FRELIMO wanted more cooperantes, but hardly anybody managed to get through the selection. The selection panel kept going on about their socialist

O movimento de solidariedade após a independência

Quando, em 1975, as colónias portuguesas se tornaram independentes, as tarefas do Angola Comité e da Fundação Mondlane foram, respectivamente, redistribuídas. Dado que a Fundação Mondlane se tinha, até então, dedicado à procura de apoio material para os movimentos de libertação, era lógico que, no futuro, dedicassem as suas energias a apoiar a reconstrução de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

O Angola Comité concluiu que Lisboa não mais representava uma ameaça para Angola e Moçambique, mas que esta vinha do sul, de Pretória. Por isso, começou por adoptar um novo nome, Komitee Zuidelijk Afrika, para apoiar a luta de libertação no Zimbabwe, na Namíbia e na África do Sul. A política até então adoptada, que tinha começado sob a influência da FRELIMO, de aproximação aos maiores partidos políticos e ao parlamento, continuou.

Cooperantes

A pedido do novo governo de Moçambique, a Fundação Mondlane iniciou, em 1975, um programa de recrutamento de trabalhadores de desenvolvimento. Havia uma necessidade enorme destas pessoas, dado que a maior parte dos profissionais eram portugueses e haviam abandonado o país. O critério básico de selecção não era a capacidade profissional, mas uma atitude de simpatia para com o novo estado. À sua chegada a Moçambique, as novas autoridades decidiam qual o melhor posto para o cooperante. Todos trabalhavam sob um contrato com o governo de Moçambique e com baixo salário.

Durante estes anos, o pessoal da Fundação Mondlane na Holanda tornou-se politicamente radical. Uma condição para os cooperantes era que eles deviam ter um "grupo base" na Holanda. Eles tinham que, regularmente, informar o seu grupo sobre o desenvolvimento socialista de Moçambique. Afinal, a Holanda poderia aprender muito com o modelo de desenvolvimento marxista-leninista em Moçambique. Elias Voet, que tinha sido a figura central na organização desde a sua fundação, afastou-se. "A FRELIMO queria mais cooperantes, mas quase ninguém conseguia passar na selecção. O painel continuava a insistir nas suas convicções socialistas. A sua ideia era que, como Fundação Mondlane, tínhamos que, antes de mais, trazer a revolução para a Holanda. Para mim bastava que as pessoas fossem sinceros apoiantes da revolução lá. Mesmo a FRELIMO havia dito que



Night vigil in front of the South African embassy in The Hague after the killing of Samora Machel in 1986.

Vela nocturna em frente da embaixada de África do Sul na Haia depois do assassinato de Samora Machel em 1986.

Mozambican president Samora Machel presents a red rose from his garden to Nienke van Albada, July 1979. A delegation of Dutch cooperantes met the president to express their solidarity with Mozambique, then under attack from Rhodesia.

O Presidente moçambicano Samora Machel apresenta uma rosa vermelha do seu jardim à Nienke van Albada, Julho de 1979. A delegação de cooperantes holandeses encontrou com o Presidente para mostrar a sua solidariedade com Moçambique, na altura sob ataques da Rodésia.



convictions. Their idea was that as Mondlane Foundation we had to bring the revolution to The Netherlands first. For me it was enough if the people were sincere supporters of the revolution there. FRELIMO, too, said that they were perfectly capable of seeing to their socialist education themselves.”

In the eighties, as a consequence of the RENAMO activities, the safety of the cooperantes became an increasing problem. Partly in view of these problems, the Mondlane Foundation opened an office in Maputo in 1984. At that time it had 60 cooperantes in the country.

In 1983 a formal agreement was signed between the Mondlane Foundation and the Mozambican government. From now on recruitment would take place for clearly defined duties. At the same time the confidence of the Mondlane Foundation in the Mozambican socialist model diminished. Its unconditional solidarity with FRELIMO and the political selection of cooperantes was coming to an end. At the beginning of the nineties the Mondlane Foundation no longer called itself a solidarity organization but a development organization. There were then still 20 cooperantes in Mozambique, all but one in government service. In addition, many former cooperantes had permanently settled in Mozambique.

Projects

Besides recruiting cooperantes the Mondlane Foundation organized material aid for Mozambique. From 1982 the focus was on support for the women of Mozambique, originally through OMM, the women’s organization of FRELIMO. There were campaigns to collect sewing-cotton for the sewing cooperatives, or sheets and baby clothes for maternity hospitals.

In the nineties the Mondlane Foundation became involved in larger projects. The millions that were needed came from the Dutch government, the European Union or the UNDP. For instance, the Foundation was associated with drinking-water projects in five cities. Following the lead of the Dutch government the activities shifted to the Nampula province: education, training of trade unions and rehabilitation of the Muecate district. The staff in Amsterdam was cut down more and more until the Mondlane Foundation in 1997 merged with the Holland Committee on Southern Africa (KZA) and the Dutch Anti-Apartheid Movement to form The Netherlands institute for Southern Africa (NiZA).

eram perfeitamente capazes de cuidar da sua educação socialista”.

Nos anos oitenta, em consequência das actividades da RENAMO, a segurança dos cooperantes tornou-se um problema cada vez maior. Considerando, em parte, estes problemas, a Fundação Mondlane abriu um escritório em Maputo, em 1984. Nessa altura havia 60 cooperantes da Fundação Mondlane no país.

Em 1983, foi assinado um acordo entre a Fundação Mondlane e o governo moçambicano. À partir de então, o recrutamento seria feito para tarefas claramente definidas. Ao mesmo tempo, diminuía a confiança da Fundação Mondlane no modelo socialista moçambicano. Um outro facto era a mudança do clima político na Holanda. Eventualmente, a solidariedade incondicional com a FRELIMO e a selecção política dos cooperantes chegou ao seu termo. No início da década de noventa, a Fundação Mondlane já não se considerava mais uma organização de solidariedade, mas uma organização de desenvolvimento. Havia, nessa altura, 20 cooperantes em Moçambique, todos, à excepção de um deles, a trabalharem na função pública. Além disso, muitos antigos cooperantes tinham-se fixado permanentemente em Moçambique.

Projectos

Para além do recrutamento de cooperantes, a Fundação Mondlane organizava material de apoio para Moçambique. A partir de 1982, a sua actividade passou a centrar-se no apoio à mulher moçambicana, inicialmente através da organização de mulheres da FRELIMO, a OMM. Havia campanhas de recolha de fios de lã para as cooperativas de costura, ou lençóis e roupinhas de bebé para as maternidades.

Na década de noventa, a Fundação Mondlane envolveu-se em projectos ainda maiores. Os milhões necessários vieram do governo holandês, da União Europeia, ou do PNUD. Por exemplo, a Fundação estava envolvida em projectos de água potável em cinco cidades. Seguindo as orientações do governo holandês, as actividades viraram-se para a Província de Nampula: educação, formação dos sindicatos de trabalhadores e reabilitação do distrito de Muecate. O número de funcionários em Amsterdão ia gradualmente diminuindo, até que a Fundação Mondlane em 1997 se juntou a outras organizações de solidariedade na África Austral para formar o Instituto Holandês para a África Austral (Netherlands institute for Southern Africa - NiZA).

Corrie Roeper, a cooperante

During our talk Corrie Roeper looks pensively into the distance, as if trying to call up the past. The four years that she worked in Mozambique as a soil expert are already twenty years behind her. When she had finished her studies at the Agricultural University of Wageningen she thought she might be of use in Mozambique. “Here we had so many discussions about the revolution, but we had no first-hand experience at all”.

“I went to Mozambique in 1981 and so I was part of the first batch, the people who still experienced the period of enthusiasm after independence. When I arrived at the airport of Maputo there was a large banner “Welcome to Mozambique, liberated territory for humanity”. On seeing the weathered faces of the Mozambicans I thought: ‘They have at least succeeded in making a revolution. Here we will write history.’ I did not understand then that the revolution had been organized over their heads.”

“When I arrived the situation was still reasonably good. In my village I had a good time. There was still a lot of enthusiasm among the population and we were very close with them. We worked together with Mozambicans who had just finished their studies, very intelligent and motivated people. The same was the case with the Portuguese that had stayed after independence. They all worked very hard and they believed in their work. Many women in my village attended evening classes in Maputo to learn reading and writing, and other courses. It was interesting to see how the women were becoming more outspoken and starting to voice criticism. We very much empathized when yet another village was liberated from RENAMO.”

“ In my village we trained the farmers and the village chiefs in small-scale irrigation, environmental planning and the way you could involve the villagers in the work. In this we went against the planning from the top, which wanted to organize the farmers in state companies. We hoped that the small farmers under the FRELIMO government would start to earn money. I was so naive as to go against government policy and told the farmers: “Cotton growing is bad, you must first produce enough food.”

Corrie Roeper, a cooperante

Durante a nossa conversa, Corrie Roeper olha pensativamente ao longe, como se estivesse a tentar chamar o passado. Já se passaram vinte anos depois da sua experiência de quatro anos de trabalho em Moçambique como especialista de solos. Quando terminou os estudos na Universidade Agrícola de Wageningen, achou que seria muito útil em Moçambique. “Aqui falava-se muito sobre a revolução, mas não tínhamos nenhuma experiência real dela”.

“Fui para Moçambique em 1981 e, portanto, fiz parte do primeiro lote, daquelas pessoas que ainda viveram o período de entusiasmo pós-independência. Quando cheguei ao aeroporto de Maputo, podia ler-se num enorme dístico: “Bem-vindo a Moçambique, zona libertada da humanidade”. Ao ver os rostos alegres dos moçambicanos, pensei para comigo mesma: “Pelo menos foram bem-sucedidos ao fazer a revolução. Aqui escreveremos a História”. Não me tinha apercebido na altura que a revolução já estava organizada nas suas cabeças.

“Quando cheguei, a situação era razoavelmente boa. Passei bons tempos na minha aldeia. Havia ainda muito entusiasmo na população e nós éramos muito chegados a eles. Trabalhámos juntamente com moçambicanos recém-formados, pessoas muito inteligentes e motivadas. O mesmo se passava em relação aos portugueses que permaneceram no país após a independência. Todos trabalhavam arduamente e acreditavam no seu trabalho. Na minha aldeia, muitas mulheres frequentavam as aulas do curso nocturno em Maputo para aprenderem a ler e escrever e também outros cursos. Era interessante ver como as mulheres se estavam a tornar mais desinibidas e que sabiam criticar. Nós alegravamo-nos muito quando mais uma aldeia era libertada da RENAMO.”

“Na minha aldeia formámos os camponeses e os chefes das aldeias em irrigação de pequena escala, planificação ambiental e formas de engajar os aldeões no trabalho. Quanto a isto, éramos contra a planificação a partir do topo, que pretendia organizar os camponeses em empresas estatais. Queríamos ver os pequenos camponeses sob a orientação da FRELIMO a ganharem dinheiro. Eu era tão ingénua que até ia contra as políticas do Governo e dizia aos camponeses: “O cultivo do algodão é mau, vocês devem, antes de mais, produzir comida suficiente”.

“This was ‘the time of the great expectations’, as the writer Paustovskij called the period after the Russian revolution. However, the expectations were not to be realized, but that we did not know at the time. We expected a more human and just society, and that is what we supported. But shortages and hunger increased. Much food was rationed, we got 1 kilo of rice each month, 1 kilo of maize, half a kilo of sugar, half a litre of oil. For products of the state farms you had to queue up. And there were no bananas. These had to come from the large plantations 100 km north of Maputo, but the fixed prices were so low that it was impossible to pay for the transport. I found it difficult to believe the Mozambicans who said they had more to eat under the Portuguese.”

“Why was it that things didn’t go according to our expectations? At first we thought it was the colonial heritage, then it was the war against RENAMO, supported by South Africa. But now I know it was also the planned economy that was not functioning. Especially in the north the people were badly treated. They were forced to move to communal villages and grow cotton for export. As a soil expert I could have been useful there, but I refused. I hoped that this policy would only be temporary, and that FRELIMO would reconsider.”

“Eventually I had to leave my village because RENAMO were getting close, and I would be a attractive target to them. I could not live there any more and accompany the farmers to their fields.

When I finally decided to leave Mozambique I was inwardly torn apart. But I look back on my period in Mozambique with much pleasure. There are some countries where people from The Netherlands feel good, and Mozambique is one of them. It clicks between us and them and their culture. Maybe we have confused that with our solidarity and sharing the same ideals.”

“Era uma altura de grandes expectativas’, como se referiu o escritor Paustovskij quanto ao período após a revolução russa. Contudo, as expectativas não eram exequíveis, mas nós não sabíamos disso na altura. Ansiávamos por uma sociedade mais humana e justa e era isso que apoiávamos. Mas a escassez e a fome aumentavam. A maior parte da comida era racionada, tínhamos direito a um quilo de arroz por mês, um quilo de farinha de milho, meio quilo de açúcar, meio litro de óleo. Tinha que se estar na bicha para conseguir produtos das machambas estatais. E não haviam bananas. Elas vinham de grandes plantações a 100 km ao norte de Maputo, mas os preços fixos eram tão baixos que era impossível pagar pelo transporte. Custava-me acreditar nos moçambicanos que diziam que tinham mais comida no período colonial”.

“Porque é que as coisas não aconteceram conforme as expectativas? Ao princípio achámos que se tratava de uma herança colonial, depois foi a guerra contra a RENAMO, apoiada pela África do Sul. Mas agora eu sei que foi a economia planificada que não estava a funcionar. As pessoas eram maltratadas, particularmente no norte. Eram forçadas a mudarem-se para aldeias comunais e a cultivarem algodão para exportação. Como perita em solos, eu podia ser muito útil lá, mas recusei-me. Esperava que fosse uma política temporária e que a FRELIMO reconsideraria”.

“Eventualmente, tive que abandonar a minha aldeia porque a RENAMO estava cada vez mais perto e eu seria um bom alvo para eles. Já não podia mais viver lá e acompanhar os camponeses nas suas machambas. Quando finalmente decidi deixar Moçambique, estava destruída por dentro. Mas olho para o período da minha estadia em Moçambique com muita satisfação. Há países onde os holandeses se sentem bem e Moçambique é um deles.” Existe algo em comum entre nós, eles e a sua cultura. Talvez confundimos tudo isso com a nossa solidariedade e partilha dos mesmos ideais”.



For many years a sewing-machine group in Amsterdam met one evening every week to repara old sewing machines for the liberation movements in Southern Africa (August 1983).

Durante muitos anos um grupo de pessoas encontrou-se semanalmente em Amsterdam para reparar velhas máquinas de costura para os movimentos de libertação na África Austral (Agosto de 1983).

Dutch cooperantes Loes van den Berg and Bert Sonnenschein recording a life performance of Mozambican musicians in Maputo, February 1990.

Os cooperantes Lucía van den Berg e Bert Sonnenschein gravando um espectáculo ao vivo de músicos moçambicanos em Maputo, Fevereiro de 1990.



Lucia (Loes) van den Bergh

After a long stay in Mozambique as a cooperante – some years in a ministry, some years as a staff member of the Mondlane Foundation – Lucia van den Bergh recently returned from Africa to Amsterdam. Her apartment is scantily furnished, as if she could be picking up her suitcases again at any moment. She talks about Mozambique with passion, showing that she still feels very much involved with that country.

“Our solidarity with the FRELIMO government went very far. I remember how all the cooperantes from The Netherlands, not only those from the Mondlane Foundation but also the ones from DOG and the Dutch government, published a common appeal in the newspapers that the Dutch government should give support to the Mozambican army in its war against RENAMO. We could not accept that communications equipment made by the Dutch firm of Philips went to RENAMO, while the Mozambican army lacked the equipment to predict attacks on villages, with as a result that the village community was massacred. This led to a fierce debate in Dutch parliament.”

“As Dutch cooperantes sent by various organizations and the government, we stayed in contact through our own internal news bulletins. Outside our working hours we met in working groups on subjects related to our work in Mozambique. I was a member of the agricultural group and of the information group that sent its information to The Netherlands.”

“You have to understand that in the eighties we still worked for the government of the country, which could decide its own policy. This is very different from the present situation. Now development workers are in the pay of their own government or of foreign non-governmental organizations (NGOs), which try to implement their own policy. Well-trained Mozambican public servants are being bought with high salaries by foreign NGOs. This weakened government services and control.”

In later years (1993-99) Lucia worked in Maputo for AWEPA, an organization based in The Netherlands. Originally AWEPA meant ‘Association of West European Parliamentarians against Apartheid’, more recently ‘European parliamentarians for (Southern) Africa’. After the 1992 peace treaty in Mozambique, one of the tasks of AWEPA was to support the transition process.

Lúcia (Loes) van den Bergh

Após uma longa estadia em Moçambique como cooperante – alguns anos num ministério, outros como funcionária da Fundação Eduardo Mondlane – Lúcia van den Bergh regressou recentemente a Amsterdão, vinda da África. O seu apartamento tem pouca mobília, como se ela tivesse que partir a qualquer momento. Fala de Moçambique com paixão, demonstrando que ainda se sente muito ligada àquele país.

“A nossa solidariedade com o governo da FRELIMO era imensa. Lembro-me que todos os cooperantes holandeses, não só os da Fundação Eduardo Mondlane, mas também os da DOG e do governo holandês, publicaram um apelo colectivo nos jornais, solicitando ao governo holandês que providenciasse apoio ao exército moçambicano na sua guerra contra a RENAMO. Não podíamos permitir que equipamento de comunicação da marca Philips, produzido por holandeses, fosse adquirida pela RENAMO, enquanto o exército moçambicano carecia de tal equipamento para prever ataques às aldeias, que resultavam em massacres da comunidade aldeã. Isso levou a um debate aceso no parlamento”.

“Como cooperantes holandeses enviados por várias organizações e pelo governo, mantínhamo-nos em contacto através dos nossos boletins noticiosos internos. Depois do trabalho, encontrávamo-nos em grupos de trabalho ou de acordo com as áreas relacionadas com o nosso trabalho em Moçambique. Eu fazia parte do grupo da agricultura e do grupo de informação que enviava as notícias para a Holanda”.

“Há que ter em conta que nos anos oitenta todos trabalhávamos para o governo do país, o qual traçava as suas próprias políticas. Isto era muito diferente da situação actual. Hoje em dia os trabalhadores de desenvolvimento constam da folha de pagamentos dos seus próprios governos, ou de organizações não-governamentais estrangeiras (ONGs), os quais tentam implementar as suas próprias políticas. Os funcionários públicos moçambicanos com altas qualificações são ‘comprados’ pela oferta de salários elevados por parte de ONGs estrangeiras. Isso enfraqueceu os serviços estatais e o seu controle”.

Mais tarde (1993-99), a Lúcia trabalhou em Maputo para a AWEPA, uma organização sediada na Holanda. Inicialmente, AWEPA significava ‘Associação dos Parlamentares da Europa Ocidental contra o Apartheid’, sendo mais recentemente ‘Parlamentares da Europa Ocidental para África (Austral)’. Após o acordo de paz em Moçambique, em 1992, uma das missões da AWEPA era apoiar o processo de transição.

“I have great admiration for the behaviour of the Mozambicans in that period. In 1993 some women of FRELIMO and RENAMO together went to certain isolated regions of the country to explain the peace process and the multi-party democracy to the inhabitants. It was an enormous struggle to accept the consequences of the bloody past.”

After the elections the big question was how the multi-party democracy would function. Besides FRELIMO and since the peace agreement RENAMO there were hardly political parties with a foothold amongst the population. Of the 250 members of the new parliament only 30 (FRELIMO) members had had any experience in the old one. AWEPA supported the democratisation process. *) It organized visits of the chairman and six members of parliament to Belgium, The Netherlands and Portugal. The parliamentary clerk worked three weeks in Maputo with his Dutch colleagues, analyzing how to adapt the services to the new parliamentary needs.

“We could draw on much experience of members of parliament from other African countries. They were able to analyse the situation in Mozambique and they ‘translated’ the contributions of western parliamentarians into African terms.”

“A most wonderful experience was a three-day seminar for all parliamentarians before the opening of the first session, especially the simulation game”, Lucia remembers, and her eyes start to shine. “This seminar later on proved to have had a very positive effect on the functioning of parliament. The game was that they formed the parliament of Fantasia, an imaginary country, and irrespective of their own political affiliation the parliamentarians were divided among parties A, B and C. As there were so many new parliamentarians, they often did not know to what party the others belonged. At the end of the game they were often quite astonished.”

“Of course it was useful to be trained in parliamentary decision-making procedures,” says Lucia retrospectively, “but much more important was the experience that you could work peacefully together with your former enemies and through proper procedures handle your differences, and afterwards have a beer together.”

* In 2000 another Dutch organization joined AWEPA in supporting the process of democratization in Mozambique, the Netherlands Institute for Multiparty Democracy (IMD), set up by the Dutch political parties.

“Sinto uma grande admiração pelo comportamento dos moçambicanos nesse período. Em 1993, algumas mulheres da FRELIMO e da RENAMO foram, juntas, a certas regiões isoladas para explicarem à população o processo de paz e a democracia multipartidária no país. Foi uma grande luta aceitar as consequências do passado sangrento”.

Após as eleições, a grande questão era como iria funcionar a democracia multipartidária. Para além da FRELIMO e, depois do acordo de paz, a RENAMO, não havia mais partidos políticos representando a população. Dos 250 membros do novo parlamento, apenas 30 membros (da FRELIMO) tinham alguma experiência do parlamento anterior. A AWEPA apoiou o processo de democratização *), organizando a visita do presidente e de seis membros do parlamento à Bélgica, Holanda e Portugal. O secretário do parlamento trabalhou com os seus colegas holandeses durante três semanas em Maputo, analisando como adaptar os serviços às necessidades do novo parlamento.

“Aprendemos muito com a experiência dos membros do parlamento de outros países africanos. Eles analisavam a situação em Moçambique e ‘traduziam’ as contribuições dos parlamentares ocidentais em termos africanos”.

“Uma experiência maravilhosa foi o seminário de três dias organizado para todos os parlamentares, principalmente o jogo de simulação”, recorda-se Lúcia, com os olhos a brilhar. Mais tarde vimos que o seminário teve um impacto muito positivo no funcionamento do parlamento. O jogo requeria que se formasse um Parlamento da Fantasia, um país imaginário, tendo os parlamentares sido divididos pelos partidos A, B e C, independentemente das suas próprias afiliações políticas. Dado o grande número de novos parlamentares, muitas vezes desconheciam a que partido os outros pertenciam. No final do jogo ficaram muito admirados”.

“Obviamente, foi muito útil ter formação em processos de tomada de decisão à nível do parlamento”, recorda Lúcia, “mas, mais importante ainda, foi que se podia agir de forma pacífica com os nossas antigos inimigos para superar as diferenças e, em seguida, tomar uma cerveja em conjunto”.

* No ano 2000 uma outra organização, o Instituto Holandês para a Democracia Multipartidária (IMD) – criado por partidos políticos holandeses – juntou-se à AWEPA em apoio ao processo de democratização em Moçambique.

Dutch development cooperation with Mozambique (1975-2004)

After the liberation of Mozambique The Netherlands became one of the biggest donors of development aid. The Dutch government affirmed that the support of the solidarity movement to FRELIMO had laid the foundation for the close relations between the two countries. Cooperation between The Netherlands and Mozambique continues until this day (2005).

In August 1975 FRELIMO contacted the Angola Comité for advice about the future development relationship with The Netherlands. This resulted in an extensive report by an ad-hoc group of experts. The new government of Mozambique was suspicious of western aid and feared neo-colonial tutelage. It looked mainly for support from its political friends.

The Netherlands was one of the countries approached by the new government for support to its development process. But the discussions between the two countries proved to be a laborious affair. The Dutch government wanted an “intense dialogue” about the spending of the money and produced a long list of conditions, aims and priorities. The Mozambican government, which had just come to power and had more things to worry about, was not particularly pleased with the critical questions and the exacting spending procedures.

During these first few years Dutch aid mainly consisted of financing Mozambique’s import of urgently needed goods. But it was aid with specific conditions: the goods could only be bought in The Netherlands, in Portugal or in Mozambique. Thus imports of cheap medicine from Eastern Europe went by the board. Many projects were delayed and the promised amounts could not be spent.

In 1983 The Netherlands switched to balance-of-payments support with a view of maintaining and if possible restoring the country’s production capacity. But often urgently needed small components could not be purchased because the import support was limited to a minimum amount of DG 500,000. In the end DG 250 million had been given in support over the first ten years, half of which as a loan.

In the mid eighties Mozambique got into serious problems. The marxist-leninist development model

Cooperação holandesa para o desenvolvimento com Moçambique (1975-2004)

Após a libertação de Moçambique, a Holanda tornou-se um dos principais doadores de ajuda para o desenvolvimento. O governo holandês afirmou que o apoio do movimento de solidariedade à FRELIMO tinha as suas bases na estreita relação entre os dois países. A cooperação entre a Holanda e Moçambique continua ainda hoje.

Em Agosto de 1975, a FRELIMO contactou o Angola Comité, na procura de sugestões sobre a futura relação de desenvolvimento com a Holanda. Isso resultou num relatório extenso produzido por um grupo ad-hoc de peritos. O novo governo de Moçambique suspeitava da ajuda ocidental e receava uma situação neocolonial. Procurava apoio principalmente junto dos seus amigos políticos.

A Holanda foi um dos países a quem o novo governo solicitou apoio ao seu processo de desenvolvimento. Porém, as discussões entre os dois países provaram ser um assunto laborioso. O governo holandês pretendia um “diálogo aceso” sobre os investimentos financeiros, tendo elaborado uma longa lista de condições, objectivos e prioridades. O governo de Moçambique, que acabava de assumir o poder e tinha mais com que se ocupar, não ficou de forma alguma satisfeito com as questões críticas e com a minuciosidade dos procedimentos de gastos financeiros.

Durante estes primeiros anos, a ajuda holandesa consistiu no financiamento da importação de bens mais urgentemente necessários em Moçambique. Porém, tratava-se de ajuda com condições específicas: os bens só poderiam ser comprados na Holanda, em Portugal ou em Moçambique. Assim, as importações de medicamentos baratos provenientes da Europa oriental foram canceladas. Atrasaram-se muitos projectos e as quantias prometidas não podiam ser gastas.

Em 1983, a Holanda decidiu apoiar a balança de pagamentos, com vista a manter e, se possível, restaurar, a capacidade produtiva do país. Contudo, era frequente o caso de não se conseguir comprar alguns pequenos componentes necessários com urgência porque o apoio à importação estava limitado a uma quantia mínima de Fl. 500,000. No geral, foram doados Fl. 250 milhões como ajuda nos primeiros dez anos, metade dos quais a título de empréstimo.

Em meados da década de oitenta, Moçambique estava mergulhado em sérios problemas. O modelo de desenvolvimento



The new container-terminal in the Mozambican harbour of Beira, which was reconstructed with Dutch development aid (1996).
O novo terminal de contentores no porto da Beira, que foi reabilitado com ajuda do governo holandês (1996).

Mozambican president Joaquim Alberto Chissano paid a visit to Dutch queen Beatrix and her husband Claus (March 1989).
O Presidente da República, Joaquim Alberto Chissano, visitou a rainha holandesa Beatrice e seu marido o principe Claus (Março de 1989).



stagnated, the country suffered from the economic world crisis and was disrupted by the war against RENAMO. The support of the Soviet Union ended in 1989, while 40% of all bilateral aid originated from that country. Mozambique had to switch to the West.

Now the country had to submit to the strict demands of the IMF. From 1987 on the economy was radically transformed. The far-reaching demands of the IMF disrupted the country even more. Moreover, IMF support to Mozambique was limited, in the period 1985-91 to only 282 million dollars. The Dutch government, that had applauded the IMF programme, was too late in realizing the disastrous economic and social consequences of the rigid programme.

In 1987 the Dutch government came to the conclusion that the burden of debt of Mozambique was so large that no new loans would be provided, but only gifts. Besides, restrictions on the use of import support were considerably relaxed. As a result of the increasing acts of war and the continuing drought a large share of the money was used for emergency aid and food purchases. Dutch aid was given a more political aim: help Mozambique survive under South African supported destabilization by RENAMO.

Until that time aid provided by The Netherlands had been directed to rural areas. From the 1980's onwards the rapidly worsening security situation meant that it had to be restricted to urban areas, notably Maputo and Beira, where it was targeted on sanitation and water supply.

From 1990 on Dutch aid increased considerably. A major part was aimed at the peace process: demobilization, return of refugees, mine clearing, rebuilding roads and support for the process of democratisation. Emergency aid and import support to restore production capacity was continued.

marxista-leninista ficou estagnado, o país sofria os impactos da crise económica mundial e o peso da guerra contra a RENAMO. O apoio da União Soviética terminara em 1989, enquanto que, em 1988, 40% de todo o apoio bilateral provinha daquele país. Moçambique tinha que se virar para o Ocidente.

Agora o país tinha que se submeter às estritas exigências do FMI. A partir de 1987 a economia começou a transformar-se radicalmente. As duras exigências do FMI abalaram o país ainda mais. Além disso, o apoio do FMI a Moçambique era limitado, tendo providenciado apenas 282 milhões de dólares para o período 1985-91. O governo holandês, que encorajava o programa do FMI, só muito tarde se apercebeu das consequências económica e socialmente desastrosas do rígido programa.

Em 1987 o governo holandês chegou à conclusão que o volume da dívida de Moçambique era tão grande que não devia-se dar outros empréstimos, apenas donativos. Além disso, diminuíram-se também as restrições sobre o uso do apoio à importação. Em consequência das acções de guerra e a contínua seca, uma grande parte do dinheiro foi utilizado para apoio a emergências

e na compra de comida. A ajuda holandesa tinha agora um objectivo político: ajudar Moçambique a sobreviver perante as acções de desestabilização movidas pela RENAMO, apoiadas pelos sul-africanos.

Até essa altura, a assistência providenciada pela Holanda era directamente dirigida às zonas rurais. Da década '80 em diante, a rápida deterioração da situação de segurança fez com que esta se limitasse apenas às zonas urbanas, principalmente Maputo e Beira, cuja prioridade era a saúde pública e o abastecimento de água.

De 1990 em diante, a ajuda holandesa aumentou consideravelmente. Uma grande parte da assistência tinha em vista o processo de paz, a desmobilização, o regresso de refugiados, a desminagem, a reconstrução de estradas e o apoio ao processo de democratização. Deu-se continuidade ao apoio à emergência e à importação, para que fosse restabelecida a capacidade de produção.

Searching for landmines in Mozambique (1998). In '94/95 24 Dutch instructors were involved in the training of former Mozambican soldiers in mine clearing.

A procura de minas em Moçambique (1998). Em '94/95 vinte e quatro instrutores holandeses estavam envolvidas em treinar ex-soldados moçambicanos em limpar minas.



JAN STEGEMAN

While the reception structure of the Mozambican administration during the first years after independence consisted for only 5% of Mozambicans, it had now grown to 80%. But as a result of the large number of donors (29 ‘development partners’ in 2004), the Mozambique government more and more lost control of the flow of foreign aid. To ease the administrative burden on the Mozambicans the Dutch government had long pleaded for donor coordination. This was started in the nineties with eight other donor countries.

Moreover, The Netherlands was one of the first donors to give budget support to Mozambique. This means that, after negotiating with the Mozambican government for which sectors the aid will be used, the Dutch government sends the funds into the Mozambican state budget without controlling for which projects they are used. In this way the Mozambican government can take charge of its own development. But the weakness of government capacity at all levels implies that the Dutch development workers (about 45 in 2004) are still essential. *)

During the last few years the Dutch government has decreased the number of countries with which it has a structural bilateral development relationship from 92 to 36. But the Dutch support for Mozambique continues. The Dutch government sees Mozambique as “a true African success story”: “Mozambique’s good record of policy implementation has brought stability and rapid economic growth to one of the world’s poorest countries.” **)

Dutch development aid now (2004) amounts to 100 million euro a year, just as much as the total of the first ten years. Poverty reduction is still the central goal. The support is directed at education, health care, sanitation and water supply, emancipation of women, support to the police and parliament. Also, The Netherlands supports an integrated country development programme in the province of Nampula. A large part of the Mozambican debt to The Netherlands has been remitted.

* However, several groups of Mozambican civil society have been criticising this kind of unconditional aid, as it would increase the centralisation and deviation of funds to the detriment of developing the regions further away from the capital.

** Critical voices within civil society say that this development is not felt by the majority of the population, who still lives in absolute poverty.

Enquanto que a administração moçambicana durante os primeiros anos após a independência consistia em apenas 5% de moçambicanos, tinha agora aumentado para 80%. Contudo, dado o grande número de doadores (29 ‘parceiros de desenvolvimento’ em 2004), o governo moçambicano perdeu cada vez mais o controle do fluxo da ajuda externa. Para aliviar o peso administrativo sobre os moçambicanos, o governo holandês vinha solicitando coordenação entre os doadores. Esta teve início na década noventa, com outros oito países doadores.

Além do mais, a Holanda foi um dos primeiros doadores a providenciar ajuda orçamental a Moçambique. Isto significa que, depois de negociar com o governo moçambicano os sectores do influxo, a Holanda manda os fundos para os cofres do estado e não se mete em decisões sobre o uso concreto. Deste modo o governo moçambicano pode responsabilizar-se pelo seu próprio desenvolvimento. Embora que a fraca capacidade do governo, a todos os níveis, implica que a presença de peritos holandeses (cerca de 45 em 2004) seja ainda indispensável. *)

Nos últimos anos, o governo holandês diminuiu de 92 para 36 o número de países com quem mantém um relacionamento estrutural de desenvolvimento bilateral, mas a ajuda holandesa a Moçambique continua. O governo holandês vê Moçambique como “uma verdadeira história africana de sucesso”. Nas palavras dum funcionário do ministério de negócios estrangeiros: “O registo de boa governação e de implementação de políticas em Moçambique, trouxe estabilidade e rápido desenvolvimento económico a um dos países mais pobres do mundo”. **)

Neste momento (2004), a ajuda de desenvolvimento holandesa está calculada em 100 milhões de euros por ano, exactamente a quantia total equivalente à ajuda providenciada durante os primeiros dez anos. A redução da pobreza constitui ainda o objectivo principal. A ajuda reverte para a educação, cuidados de saúde, saneamento e abastecimento de água, emancipação da mulher e apoio à polícia e ao parlamento. Por outro lado, a Holanda presta ainda ajuda a um programa integrado de desenvolvimento na província de Nampula. Uma grande parte da dívida moçambicana para com a Holanda foi cancelada.

* A propósito há vários grupos dentro da sociedade civil moçambicana que criticam esta forma de apoio incondicional, afirmando que isto incrementa a centralização e o desvio de fundos ao detrimento do desenvolvimento das regiões mais afastadas da capital.

** A crítica da sociedade civil é de que este desenvolvimento não é sentido pela maioria da população, que continua a viver numa pobreza absoluta.



Physics practical at the *Faculdade Preparatória* of the Eduardo Mondlane University.

Aula prática de física na Faculdade Preparatória da Universidade Eduardo Mondlane.

FRANS NIEUWENHUIS



The Eduardo Mondlane University

The Dutch contribution

“In Mozambique I sometimes heard critical voices from the Dutchmen working at the Eduardo Mondlane University. But I would say to them: look at what has been accomplished these 25 years. Then there were only 30 to 40 staff members left, there were empty places everywhere. The Portuguese, the assimilados, the Chinese, everybody had fled to Portugal. Now all the vacancies have been filled, 90% of the staff are Mozambicans. And all over Mozambique you will find people in important positions who have received a university education here, such as government ministers and provincial governors.”

Jos Walenkamp is clearly enthusiastic about the Dutch contribution to higher education in Mozambique. He is now director of the Department for Human Resource and Institutional Development of NUFFIC, the institution that – with Dutch government funds – arranges and administrates the support to the University in Maputo.

“By the end of 1975 NUFFIC put out a call for candidates in many disciplines to be posted to Mozambique. They received applications from 400 candidates for 25 places. This was quite unique, for at that time there was no unemployment among university graduates. The enormous interest showed that the solidarity movement had created a high level of motivation to commit themselves actively to Mozambique.”

“In the seventies and eighties, initiating and defining projects, both financially and as to content was in the hands of the many Dutch experts. In the correspondence about the projects and the budgets Dutch was often the language of communication. In those days the Mozambicans accepted that the projects were carried out over their heads. After all, they were short of everything and everybody was then working for the same good cause.”

Extensive cooperation came into being with six Dutch universities in eleven different fields *). For dozens of years there were some 25 Dutch experts working at the

A Universidade Eduardo Mondlane

A contribuição holandesa

“Em Moçambique, por vezes ouvia algumas críticas de holandeses a trabalharem na Universidade Eduardo Mondlane. Mas dizia-lhes: olhem para o que foi alcançado nestes 25 anos. Nessa altura haviam ficado apenas 30 a 40 funcionários, tudo estava vazio. Os portugueses, os assimilados, os chineses, todos haviam fugido para Portugal. Neste momento, todas as vagas já foram preenchidas, 90% dos funcionários são moçambicanos e em qualquer parte de Moçambique encontramos pessoas em posições de destaque que receberam educação universitária aqui, tais como ministros e governadores provinciais”.

Jos Walenkamp está claramente entusiasmado com a contribuição holandesa no ensino superior em Moçambique. Ele é director do Departamento de Recursos Humanos e Desenvolvimento Institucional do NUFFIC, a instituição que – com fundos do governo holandês – organiza e administra a ajuda à Universidade em Maputo.

“Em finais de 1975, o NUFFIC solicitou candidatos de várias disciplinas para leccionarem em Moçambique. Eles receberam 400 candidaturas de pessoas provenientes de 25 locais diferentes. Isso foi surpreendente, pois nessa altura não havia desemprego entre graduados da universidade. Este grande fluxo de candidatos demonstrava que o movimento de solidariedade havia criado um alto nível de motivação para que se comprometessem activamente com Moçambique.”

“Nos anos setenta e oitenta, a elaboração e a definição de projectos, tanto em termos financeiros como em termos de conteúdo, estavam a cargo de muitos peritos holandeses. Na correspondência sobre projectos e orçamentos a língua holandesa era muitas vezes usada para comunicação. Naquela altura, os moçambicanos aceitavam que os projectos fossem realizados por outros. No fundo, careciam de tudo e todos trabalhavam para a mesma boa causa”.

Houve muita cooperação com seis universidades holandesas em onze áreas diferentes *). Durante dezenas de anos foram sempre 25 os especialistas a trabalhar na Universidade Eduardo Mondlane. Este foi um acontecimento único na Holanda: jamais haviam tido um grupo tão grande a trabalhar num projecto. Tal como os outros trabalhadores de

Mondlane University. This was a unique event for The Netherlands: it was the biggest group ever to have worked on one project. Just like other development workers in Mozambique they all felt a strong bond of solidarity with the reconstruction of the country.”

In the nineties the roles were reversed. The Mozambicans refused to continue taking the back seat any longer, they considered themselves just as qualified as their foreign colleagues. In 1993 the university presented its own development plan, “Presents and Perspectives”, to NUFFIC.

“This change was in agreement with developments in The Netherlands, where it was also concluded that assistance should be demand based. It was understood that the old paternalistic approach was not conducive to the involvement of the Mozambicans themselves. The plans are now drawn up in Mozambique, for which the Dutch university institutions may put in their tenders. There are still dozens of Dutch experts involved with Mondlane University in one way or another, but they do not stay on for years any more, paying short visits to Mozambique instead. Besides there are also programmes for institution development with university personnel often visiting The Netherlands to be trained.”

Like the rest of the country, the university of Maputo also suffers from the enormous economic problems. Mozambican staff earn no more than a fraction of the salaries that the Dutch experts get. For many members of staff surviving has a higher priority than their work at the university. The Dutch, who do not need to find other sources of income, sometimes have problems accepting this.

desenvolvimento em Moçambique, todos eles sentiam um forte elo de solidariedade para com a reconstrução do país”.

Na década de noventa, inverteram-se os papéis. Os moçambicanos recusavam-se a continuar em segundo plano, consideravam-se tão qualificados quanto os seus colegas estrangeiros. Em 1993, a universidade apresentou ao NUFFIC o seu próprio plano de desenvolvimento, “Presente e Perspectivas”.

“Esta mudança esteve em sintonia com as mudanças na política holandesa, e decidiu-se que a ajuda deveria ser providenciada sob solicitação. Estava claro que o antigo método paternalista não encorajava o envolvimento dos próprios moçambicanos. Os planos são agora elaborados em Moçambique, e as instituições universitárias holandesas podem concorrer a eles.

Existem ainda dezenas de especialistas holandeses envolvidos com a Universidade Eduardo Mondlane de uma ou outra forma, mas já não permanecem por muitos anos, realizando, em vez disso, visitas de curta duração a Moçambique. Além disso, existe apoio para consolidação da instituição, através do qual o pessoal universitário beneficia de formação na Holanda”.

Tal como o resto do país, a universidade de Maputo é também afectada pelos grandes problemas económicos. O pessoal moçambicano não aufere mais do que uma fracção dos salários dos especialistas holandeses. Para muitos funcionários, a sobrevivência tem maior prioridade que o seu trabalho na universidade. Para os holandeses, por vezes é-lhes difícil aceitar isso, pois não necessitam de procurar outras fontes de rendimento.

* The Free University of Amsterdam, the Technical University Delft, the University of Groningen, the University of Utrecht, the Technical University Twente, the Agricultural University Wageningen.

* A Universidade Livre de Amsterdão, a Universidade Técnica de Delft, a Universidade de Groningen, a Universidade de Utrecht, a Universidade Técnica de Twente, a Universidade Agrícola de Wageningen.

Support from Dutch NGO's

“When the Mondlane Foundation had begun to send cooperantes to Mozambique in 1976, other Dutch organizations also started to offer their assistance to the young nation. Very soon DOG (of the Protestant churches) were sending cooperantes, followed by SNV. But there were also people from the Dutch section of Doctors Without Borders, from the Dutch Leprosy Foundation, etc.”

Henk de Graaf is one of the many Dutch to lose his heart to Mozambique. His first activities were with “Churches for Angola”, a campaign in The Netherlands during the South African invasion of Angola in 1975. The aim was to get the support of the Dutch churches for the MPLA. Then ten years followed with the Mondlane Foundation, after which, in 1986, he became the Mozambique expert in the development organization HIVOS.

“All four Dutch non-governmental organizations which at the time received funds from the Dutch government (NOVIB, HIVOS, ICCO and CORDAID) included Mozambique in their activities. Apart from the government money, they have their own funds, contributions from the European Union, etc. The Protestant organization ICCO mainly worked through Protestant institutions in Mozambique, Roman Catholic CORDAID (previously CEBEMO) through Catholic channels. HIVOS started its activities in Mozambique in 1983, after the 4th FRELIMO Congress, in the province of Cabo Delgado.”

“As a consequence of the weakness of the Mozambican NGO structures, the foreign cooperantes and NGOs played a crucial role. During the nineties NOVIB and HIVOS tried to start a support organization for local NGOs with a Mozambican staff, but the initiative failed.”

“From other countries (Canada, the Scandinavian countries), too, there were hundreds of cooperantes working in Mozambique. But although there were many

Apoio das ONGs holandesas

“Quando a Fundação Eduardo Mondlane começou a enviar cooperantes para Moçambique em 1976, outras organizações holandesas começaram também a oferecer a sua assistência à jovem nação. Em pouco tempo, a DOG (das igrejas Protestantes) começou a enviar cooperantes, seguida pela SNV. Mas havia também holandeses dos Médicos Sem Fronteiras holandeses, da Fundação Holandesa de Leprosos, etc.”

Henk de Graaf é um dos muitos holandeses que deram o seu coração a Moçambique. A sua primeira actividade foi na campanha “Igrejas por Angola”, que ocorreu durante a invasão sulafricana de Angola, em 1975. Tinha como objectivo conseguir o apoio das igrejas holandesas ao MPLA. Seguiram-se depois dez anos com a Fundação Mondlane, após os quais, em 1986, ele ficou como especialista de Moçambique na organização de desenvolvimento HIVOS.

“Todas as quatro organizações não-governamentais que na altura receberam fundos do governo holandês (NOVIB, HIVOS, ICCO E CORDAID) incluíram Moçambique nas suas actividades. Além do dinheiro do governo, elas têm os seus próprios fundos, contribuições da União Europeia, etc. A organização protestante ICCO trabalhava principalmente através das instituições Protestantes em Moçambique e a CORDAID, Católica-Romana (antiga CEBEMO), através de canais católicos. A HIVOS iniciou as

suas actividades em Moçambique em 1983, após o 4º Congresso da FRELIMO, na Província de Cabo Delgado.”

“Em consequência da fragilidade das estruturas das ONGs moçambicanas, os cooperantes e as ONGs estrangeiras jogavam um papel crucial. Na década de noventa, a NOVIB e a HIVOS tentaram criar uma organização de apoio às ONGs locais com pessoal moçambicano, mas a iniciativa fracassou”.

“Havia também centenas de cooperantes provenientes de outros países (Canadá, países escandinavos) a trabalhar em Moçambique. Contudo, apesar dos frequentes contactos pessoais além das fronteiras nacionais, a base organizacional permaneceu nacional. Por exemplo, aquando das cheias em



MARLEEN KORTEKAAS

Manuela Monteiro, director of HIVOS. She came from Portugal to The Netherlands in 1971 with her partner, who refused to participate in the colonial wars.

Manuela Monteiro, directora da HIVOS. Veio de Portugal para Holanda em 1971 com o seu marido, que recusou de participar nas guerras coloniais.

personal contacts across the national borders, the organizational basis remained a national one. For instance, at the time of the floods in 1980, the Dutch cooperantes, staff of the Dutch embassy and Dutch industry put in a great common effort to help the Matutuine district south of Maputo. Everybody was at work with blankets, tents, food, and trucks. With small boats they entered the flooded areas to save people and distribute food. The cooperation continued after the floods in the so-called Matutuine group, which was involved in many projects in the area.”

“In the same way, cooperation between the hundreds of international donor organizations is mainly limited to national coordination, in spite of efforts of the Mozambican Ministry of Cooperation to bring about a better division of roles. For nearly thirty years now the various Dutch organizations running projects in the former Portuguese colonies have been meeting regularly in The Netherlands in the so-called Lusophone Consultation to coordinate their activities; also Kinderpostzegels, Memisa, SOH, the Dutch Red Cross, the Van Leer Foundation with its educational activities. Since the nineties the ministry of foreign affairs has also been represented at these meetings.”

Henk concludes that there is nothing left of the critical attitude of the Dutch cooperantes towards their own government during the first years after independence. He illustrates this with an event from the early period. “In The Netherlands the Queen’s birthday is a national public holiday, with many flags and the day off for everybody. Abroad, the Dutch meet at the Dutch embassies together to celebrate the birthday of Her Majesty. The Dutch embassy in Maputo also filled with people, but when those present were asked to rise and sing the national anthem, the cooperantes stood with fists clenched, singing the International.”

Still, Henk is very positive about the Embassy staff in Maputo. He gives one illustration: “The staff of the Dutch embassy regularly held bike races against Mozambican teams. Soon they realized that if they won, it was mainly because the Mozambicans did not have good bikes. The staff asked the Dutch prime minister at the time, Mr. Van Agt, himself a passionate cyclist, for racing bikes. The Dutch bicycle factory Batavus then sent twenty new racing bicycles for the Mozambican team.”

1980, os cooperantes holandeses, pessoal da embaixada holandesa e a indústria holandesa, juntaram-se num esforço comum para prestar assistência ao distrito de Matutuine, a sul de Maputo. Todos estavam envolvidos na distribuição de mantas, tendas, comida e camiões. Com pequenos barcos, entraram nas áreas inundadas para salvar pessoas e distribuir comida. A cooperação continuou após as cheias através do chamado Grupo Matutuine, que ficou envolvido em vários projectos na área”.

“Do mesmo modo, a cooperação entre as centenas de organizações internacionais doadoras limita-se principalmente à coordenação nacional, apesar dos esforços do Ministério da Cooperação de Moçambique para distribuir as funções da forma mais adequada. Há quase trinta anos que as várias organizações com projectos em curso nas antigas colónias portuguesas se encontram regularmente na Holanda, na chamada Consulta Lusófona, para coordenarem as suas actividades; o mesmo acontece com a Kinderpostzegels, MEMISA, SOH, a Cruz Vermelha holandesa, a Fundação Van Leer com as suas actividades educacionais. O Ministério dos Negócios Estrangeiros também se faz representar nestes encontros desde a década de noventa”.

Henk conclui que já não existe mais a atitude crítica dos cooperantes holandeses em relação ao seu próprio governo, como existia nos primeiros anos após a independência. Ele dá um exemplo. “Na Holanda, o dia do aniversário da rainha é considerado um feriado público nacional, com muitas bandeiras e um dia de folga para todos. No estrangeiro, os holandeses reúnem-se nas embaixadas holandesas para celebrar o aniversário da Sua Majestade. A Embaixada da Holanda em Maputo também estava cheia de pessoas, mas quando se pediu aos presentes que cantassem o hino nacional, os cooperantes, de punho erguido, cantaram a Internacional”.

O Henk entretanto louva a atitude geral do pessoal da embaixada. Ele dá um exemplo: “Os funcionários da Embaixada costumavam a organizar regularmente corridas de bicicleta contra equipas moçambicanas. Quando se aperceberam que ganhavam porque os moçambicanos não tinham boas bicicletas, eles solicitaram bicicletas de corrida ao Primeiro Ministro holandês, na altura o Sr. Van Agt, ele próprio um devoto ciclista. A fábrica de bicicletas holandesa Batavus enviou então vinte novas bicicletas de corrida para a equipa moçambicana”.

Twin Cities: Amsterdam and Beira

In 1987 the Mondlane Foundation started a new ABC activity, the Amsterdam Beira Campaign. In two years' time DG 500,000 was collected for projects in Beira. The Foundation's hope was that the campaign would develop into an official twinning relationship between the two cities. As a part of the struggle against apartheid in South Africa many Dutch cities and municipalities had their own anti-apartheid programme. One of the activities within that programme was to provide aid to the countries bordering on South Africa. By supporting the port of Beira the hinterland would become less dependent on the South African port of Durban.

In 1987 the Amsterdam city council started its support programme for Beira, but only in 1993 did it become an official twinning relationship. Bulawayo, Berlin, Porto, Bristol and Gothenburg have similar ties with Beira.

Some of the aid consisted of goods that the city had no longer any use for. For instance, hospitals in Amsterdam were approached for medical equipment and schools for desks and other educational equipment. In addition there were long-term projects. The Amsterdam Water Board supported the Beira water supply. Águas da Beira provided water for only 12,000 houses, whereas there were 500,000 people living in and around the town. The Amsterdam Port Authority helped improve the Beira port. Specialists from Amsterdam Port Consultants went to Beira to train the port management and marketing department. The channel was dredged. The Amsterdam fire brigade sent used fire engines and other equipment to Beira and trained the fire fighters of the town, the port and the airfield. After the cyclone and the floods in 2000 and 2001 Amsterdam donated DG 350,000 for seven reconstruction projects. Next to these activities attempts were made to interest Dutch trade and industry in Beira. Today, for instance, the Amsterdam-based firm of Cornelder has large interests in the Beira port.

After the merger of the Mondlane Foundation in 1997, the new Netherlands institute for Southern Africa (NiZA) became the driving force behind the twinning links. NiZA also had the task of involving the population

Cidades geminadas: Amsterdão e Beira

Em 1987 a Fundação Mondlane iniciou uma nova actividade de 'ABC', a campanha Amsterdão-Beira. Num período de dois anos, conseguiram angariar Fl. 500.000 para projectos na Beira. A Fundação esperava que a campanha resultasse numa geminação oficial entre as duas cidades. Como parte da luta contra o apartheid, muitas cidades holandesas e municípios tinham o seu próprio programa anti-apartheid. A ajuda para os países da linha de frente, os vizinhos da África do Sul, fazia parte dessa política e, ao apoiar o porto da Beira, os países do interior não ficariam tão dependentes do porto sul-africano de Durban. O apoio de Amsterdão à Beira teve início em 1987, mas só em 1993 é que a geminação se tornou oficial. Bulawayo, Berlim, Bristol e Gotemburgo estabeleceram relações similares com a Beira.

O apoio consistiu, em parte, em material que Amsterdão já não necessitava. Assim, estabeleceram-se contactos com hospitais para se conseguir equipamento médico, e com escolas para se arranjar carteiras e outro material educativo. Para além disso, existiam também projectos a longo prazo. A Direcção de Águas de Amsterdão apoiou o abastecimento de água na Beira. A companhia Águas da Beira fornecia água a somente 12.000 casas, enquanto havia 500.000 pessoas residindo na cidade e nos arredores. As Autoridades do Porto de Amsterdão ajudaram a melhorar o porto da Beira. Em 1987, 13 especialistas de consultoria do Porto de Amsterdão viajaram para a Beira para formação do pessoal do Departamento de Gestão e Marketing do porto. Em 1987, foi efectuada a dragagem do canal. Os bombeiros de Amsterdão enviaram um carro de bombeiros para Beira, onde nem um sequer estava a funcionar. Depois do ciclone Eline e das cheias em 2000 e 2001, Amsterdão doou Fl. 350.000 para sete projectos de reconstrução. Paralelamente a estas actividades, tentou-se também atrair o interesse do sector comercial e industrial holandês para a Beira. A firma Cornelder, de Amsterdão, por exemplo, está muito interessada no porto da Beira.

Após a fusão da Fundação Mondlane com duas outras organizações no novo Instituto Holandês para África Austral (NiZA) em 1997, este último tornou-se o motor por detrás da geminação das cidades. Tinha também a missão de envolver a população de Amsterdão no projecto. Estabeleceram-se

of Amsterdam in the project. Schemes were set up for annual youth exchanges, in which many schools participated, exchanges between cultural groups, visits by city officials, information meetings were held and four times a year the *Amsterdam-Beira Newsletter* appeared.

In 2003 the Amsterdam city council decided that the twinning scheme with Beira (and with Managua in Nicaragua) had to end in 2005. Nearly half the present population of Amsterdam is of recent foreign origin and the city is giving priority to twinning relations with the countries where most of these immigrants originate: Morocco, Turkey, Ghana and Surinam.

protocolos para intercâmbio juvenil anual, nos quais participaram muitas escolas, para intercâmbio entre grupos culturais, visitas oficiais da cidade, encontros para troca de informação e, quatro vezes por ano, foi publicado o boletim Amsterdam-Beira Nieuwsbrief.

Em 2003, o Conselho Municipal de Amsterdão decidiu que o protocolo de gemação com a Beira (e com Manágua, na Nicarágua) deveria terminar em 2005. Quase metade da actual população de Amsterdão é de origem estrangeira e a cidade tem dado prioridade a relações de gemação com países de onde provêm a maior parte dos novos imigrantes: Marrocos, Turquia, Gana e Suriname.



Fire fighters in Beira, who were trained and equipped by the Amsterdam fire brigade. This engine was donated by the Amsterdam electricity company. (1994).

Bombeiros na Beira, que foram treinados e equipados pela corporação de bombeiros de Amsterdam. Esta máquina foi um donitavo da empresa de electricidade de Amsterdam (1994).

Still a lot to do

In the year 2005 Mozambique celebrates the 30th anniversary of its independence. Yet, how independent really is a state which to a large extent is dependent on foreign aid from the rich Western countries for its survival? This aid is often tied to a lot of conditions which seriously limit the freedom of the Mozambican government to govern the country.

Mozambique will not be able to free itself from foreign development aid until it is able to develop its economy. Yet, also in this respect, Mozambique is dependent of the trade with and investment from the rich Western countries and South Africa. And also in this field the rules and conditions are laid down by the rich countries. The starting point still is not what is the best for the development of Mozambique, but what is most profitable for the western economy.

A striking example are the one-sided trade rules that seriously limit the possibilities of Mozambique to develop its economy. After the Mozambican cashew industry was largely destroyed by the interference of the IMF, restoration of the country's sugar industry became a government priority. But also here the Mozambican government collided with the double standards of the West. Although Mozambique produced 200,000 tons of sugar in 2002 and 300,000 tons in 2003, the import quota for the European Union amounted to only 10,000 tons. The import duty for any additional volume of sugar is 300%. And while Mozambique has the infrastructure to refine its sugar, it is only allowed to export raw sugar. Moreover, the African and Middle East export markets for Mozambican sugar are spoilt by Europe's sugar surplus being dumped there at low prices.

The result is that an increasing part of Mozambique's sugar production is being stored. If Europe would not erect these barriers, tens of thousands of jobs could be created and Mozambique would soon have an income from its sugar higher than what it receives now in development aid from the European Union.

There is still a lot to do for Mozambique's "Brothers and Sisters from the West".

Ainda há muito para fazer

No ano 2005 Moçambique comemora o trigésimo aniversário da sua independência. Contudo, até que ponto um estado é independente enquanto continua em grande parte dependente de ajuda estrangeira dos países desenvolvidos ocidentais para a sobrevivência? Essa ajuda muitas vezes é condicionado numa forma que limita seriamente a liberdade do governo moçambicano na governação do país.

Moçambique não pode se libertar da ajuda internacional até conseguir desenvolver a sua própria economia. Contudo, mesmo neste aspecto Moçambique é dependente do comércio e investimentos dos países ocidentais e África do Sul. Também nesta área as regras e condições são ordenadas pelos países ricos. O ponto de partida ainda não é o que é melhor para o desenvolvimento de Moçambique, mas o que dá mais lucro à economia ocidental.

Um exemplo notável são as regras unilaterais do comércio que limitam seriamente as possibilidades de Moçambique para desenvolver a sua economia. Quando a indústria de caju ficou destruída em grande parte pela interferência do FMI, a restauração da indústria de açúcar tornou-se uma prioridade do governo. Mas aqui também o governo moçambicano entrou em choque com as normas ambíguas do ocidente. Embora Moçambique produziu 200.000 toneladas de açúcar em 2002 e 300.000 em 2003, as quotas de importação da União Europeia atingiram só 10.000 toneladas. O imposto de importação para cada volume adicional de açúcar é de 300%. E enquanto Moçambique possui a infra-estrutura para refinar o açúcar, somente lhe é permitido de exportar o açúcar cru. Além disso, os mercados de exportação da África e Médio Oriente são estragados para o açúcar moçambicano pelo facto da Europa exportar o seu excesso da produção de açúcar a preços baixos para essa regiões.

O resultado é que uma parte crescente da produção de açúcar de Moçambique está sendo armazenado. Se a Europa não criava essas barreiras, milhares de postos de emprego podiam ser criados a dentro pouco Moçambique podia ganhar um rendimento do açúcar maior do que recebe agora em ajuda para o desenvolvimento da União Europeia.

Ainda há muito para fazer para os "Irmãos e irmãs do Ocidente".

A Selection of Dutch books on Mozambique, published by the Angola Comité, Mondlane Foundation and others in the 1970s and 1980s.

Uma selecção de livros em holandês publicados pelo Angola Comité, a Fundação Eduardo Mondlane e outros na época 1970/1990.

